

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANA COUTO GONÇALVES

**“SE É MUITO O QUE ASPIRO, AOS LEITORES, DESDE JÁ, PEÇO
MIL PERDÕES POR TAL ASPIRAÇÃO”: PELOTAS (RE)VISTA A
PARTIR DOS FOLHETINS E CRÔNICAS DE BERNARDO TAVEIRA
JUNIOR (1836-1892)**

PORTO ALEGRE
2014

MARIANA COUTO GONÇALVES

**“SE É MUITO O QUE ASPIRO, AOS LEITORES, DESDE JÁ, PEÇO
MIL PERDÕES POR TAL ASPIRAÇÃO”: PELOTAS (RE)VISTA A
PARTIR DOS FOLHETINS E CRÔNICAS DE BERNARDO TAVEIRA
JUNIOR (1836-1892)**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em História da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Bastos Kern

PORTO ALEGRE
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635s Gonçalves, Mariana Couto

“Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração” : Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior (1836-1892) / Mariana Couto Gonçalves. – Porto Alegre, 2014.

173 f. : il.

Diss. (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Bastos Kern.

1. Pelotas (RS) – História. 2. Taveira Junior, Bernardo – Crítica e Interpretação. 3. Folhetim – História e Crítica. 4. Crônicas Rio-Grandenses - História e Crítica I. Kern, Maria Lúcia Bastos. II. Título.

CDD 869.99304

MARIANA COUTO GONÇALVES

**“SE É MUITO O QUE ASPIRO, AOS LEITORES, DESDE JÁ, PEÇO MIL
PERDÕES POR TAL ASPIRAÇÃO”: PELOTAS (RE)VISTA A PARTIR DOS
FOLHETINS E CRÔNICAS DE BERNARDO TAVEIRA JUNIOR (1836-1892)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Maria Lúcia Bastos Kern (Orientadora)

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUCRS)

Prof. Dr. Pedro Theobald (PUCRS)

Porto Alegre
2014

Dedico este trabalho as pessoas que sempre acreditaram em mim e nunca me deixaram desistir:

Aos meus avós Ivo e Zilma. Aos meus pais Ivan e Marilda. A irmã Lilian. A tia Ieda. E ao meu namorado Rodrigo.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Confesso que uma das minhas partes preferidas nos trabalhos acadêmicos diz respeito aos agradecimentos. Acredito que neste espaço singelo, o escritor faz-se mais presente e sensível, deixando de lado os rebuscamentos e as notas de rodapé, para mostrar-se ao “mundo acadêmico” como um indivíduo dotado de emoção. Em contrapartida, expressar em palavras os sentimentos torna-se difícil, mas tentarei da melhor forma possível...

Primeiramente, agradeço aos meus pais Ivan e Marilda por sempre me incentivarem a trilhar novos rumos profissionais e pessoais. Com certeza, a cada momento que eu entrava no ônibus rumo a capital eu deixava um pouco de mim com vocês, mas eu sabia que mesmo longe vocês estariam zelando por mim. Nos momentos difíceis nunca faltaram às palavras de apoio em longas chamadas telefônicas. Da mesma forma, nunca faltou uma receita para me deixar mais tranquila ou um ditado que me fizesse manter (ou perder) a calma.

Aos meus avós Ivo e Zilma, agradeço por entenderem os meus momentos de ausência e as escassas ligações ao findar o trabalho. Mesmo longe, vocês estavam no meu pensamento. Reintero os mesmos agradecimentos à tia Ieda, que depois de descobrir o *facebook* conseguiu diminuir a distância e as trocas de mensagens foram mais constantes para amenizar a saudade.

À minha irmã Lilian, provavelmente a minha leitora mais fiel e um modelo de inspiração, obrigada pelos apontamentos sempre pertinentes, pelas críticas e elogios. Não posso deixar de agradecer pela ajuda financeira e pelos longos momentos atuando como ouvinte, me acalmando. Estendo os agradecimentos ao Marcelo que me “aturou” dividindo apartamento por um ano.

Ao meu namorado, amigo e também leitor fiel, Rodrigo. Muito obrigada pela paciência nos últimos meses, o ombro amigo, a palavra tranquilizadora nos momentos em que as lágrimas falaram mais alto, por acreditar que eu era capaz, me

impulsionando a seguir sempre batalhando por coisas melhores na minha (e agora nossa) vida.

As minhas queridas amigas Aline e Melissa que deixaram Porto Alegre muito mais alegre. Com certeza, a pós-graduação ao lado de vocês foi mil vezes melhor. Obrigada por tudo! Aos amigos de graduação Póvo e Victor pelos encontros na capital e idas a Arena do Grêmio, quase sempre com vitória. À Gabe que entendeu os meus momentos de ausência e me ajudou com algumas pesquisas. À Ana Paula pela amizade, companhia nos eventos e discussões acadêmicas.

Agradeço ao Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes que, ainda no período da graduação, acreditou no meu trabalho, me aconselhando e dando dicas que foram incorporadas ao projeto de mestrado. No mesmo sentido, agradeço a Prof.^a Dra. Beatriz Loner que gentilmente me cedeu algumas fontes possibilitando que eu preenchesse algumas lacunas historiográficas.

Ao Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo aceite do meu projeto de pesquisa. À minha orientadora Prof.^a Dra. Maria Lúcia Bastos Kern pela paciência e atenção nos momentos finais, pelas observações e críticas pertinentes.

Agradeço aos professores e funcionários da pós sempre solícitos e atenciosos. Em especial, ao professor Dr. Charles Monteiro pelas conversas no corredor e pelo aceite para compor a banca.

Ao Programa de Pós Graduação em Letras que possibilitou que eu realizasse algumas disciplinas, dentre elas, Literatura e História, com o Prof. Dr. Pedro Theobald. A disciplina contribuiu muito para a escrita deste trabalho. Além disso, agradeço ao professor Pedro pelo aceite para compor a banca.

As funcionárias dos “acervos especiais” da PUC sempre gentis no atendimento ao público. A Bibliotheca Pública Pelotense por salvaguardar o acervo do Bernardo Taveira Junior e, em especial, a Dona Sonia e a Nádia Coelho que sempre zelaram por aquele espaço de cultura e memória.

Aos queridos colegas de mestrado Ialê, Mica, Carol, Rafa e Tiago. Meus sinceros agradecimentos pelos momentos descontraídos, das risadas proporcionadas nos momentos de tensão e por me ouvirem falar tanto de Pelotas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio durante os dois anos de pesquisa.

Por fim, agradeço a Bernardo Taveira Junior por mais dois anos de “convívio”.

Porto Alegre, 16 de junho de 2014.

“Mas é um anoitecer de inverno como o da noite com que iniciei este relato que simbolizava o anoitecer em Satolep.”

(Vitor Ramil)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os folhetins e as crônicas de Bernardo Taveira Junior sobre a cidade de Pelotas nos decênios finais do século XIX. Acredita-se que os estudos que contemplam a história de Pelotas possuem uma lacuna no que tange a relação da história com a literatura, bem como sobre a contribuição do escritor para a urbe e para a literatura gaúcha. Neste sentido, pretende-se ampliar a visão acerca de Pelotas, a fim de preencher esta lacuna, a partir do olhar e das representações propostas por Bernardo Taveira Junior, perpassando pelas questões sociais, culturais e econômicas que o motivaram a relatar o cotidiano pelotense, possibilitando uma nova compreensão do imaginário da Princesa do Sul.

Palavras-chave: Bernardo Taveira Junior, Pelotas, Representação, Crônica, folhetim;

RESUMEN

La presente disertación tiene como objetivo analizar las publicaciones seriadas y crónica de Bernardo Taveira Junior sobre la ciudad de Pelotas, en las últimas décadas del siglo XIX. Se cree que los estudios que abarcan la historia de Pelotas tienen una brecha en cuanto a la relación entre la historia y la literatura, así como en la contribución de la escritor a la metrópoli y la literatura gauchesca. En este sentido, tenemos la intención de ampliar la visión de Pelotas, con el fin de llenar este vacío, y desde el aspecto de las representaciones propuestas por Bernardo Taveira Junior, que impregna los temas sociales, culturales y económicas que lo motivó a informar de lo cotidiano Pelotas, permitiendo una nueva comprensión de lo imaginario Princesa del Sur.

Palabras-claves: Bernardo Taveira Junior, Pelotas, Representación, Chronicle, serial;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Página inicial do <i>Diário de Pelotas</i>	56
Figura 02	Bernardo Taveira Junior.....	71
Figura 03	Anúncio de curso particular.....	73
Figura 04	Anúncio do livro <i>Poesias Americanas</i>	78
Figura 05	Anúncio do livro <i>Poesias Alemãs</i>	80
Figura 06	Anúncio do livro <i>Primus Inter Pares</i>	82
Figura 07	Anúncio do livro <i>Provincianas</i>	83
Figura 08	Escola Bernardo Taveira Junior.....	91
Figura 09	Ilustração do assassinato do escravo Jerônimo.....	132

LISTA DE TABELA

Tabela 01	Número de alunos(as) frequentando aulas particulares e públicas entre os anos de 1832-1891.....	107
-----------	---	------------

LISTA DE SIGLAS

AHPAMV	Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho
BPP	Bibliotheca Pública Pelotense
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
CAPÍTULO 01 CLIO E CALÍOPE: OS ENLACES ENTRE DOIS GÊNEROS DISTINTOS.....	24
CAPÍTULO 02 DAS LETRAS TIPOGRÁFICAS FEZ-SE A LITERATURA: FOLHETINS E CRÔNICAS EM BUSCA DE LEITORES.....	48
2.1 Antecedentes: a imprensa de política a literária.....	49
2.2 A trajetória do folhetim: de paris a <i>princesa do sul</i>	55
2.3 O cotidiano em coisas miúdas: do espaço folhetinesco surge a crônica.....	63
CAPÍTULO 03 BERNARDO TAVEIRA JUNIOR: “TRATO DE UM PROFESSOR DISTINTO, UM ESCRITOR DE RECONHECIDO MÉRITO”	70
CAPÍTULO 04 A <i>PRINCESA DO SUL</i> DE BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.....	97
4.1 Aspectos históricos: de vila de São Francisco de Paula à <i>Princesa do Sul</i>	98
4.2 A sociedade pelotense sob o viés folhetinesco.....	102
4.3 A cultura e o letramento pelotense.....	107
4.4 A charqueada e o mundo escravista.....	114
4.4.1 Os escravos e a dura labuta nos saladeiros.....	118
4.4.2 A primeira fase da abolição pelotense: <i>a voz do escravo</i> e o assassinato do escravo Jerônimo	125
4.4.3 A segunda fase da abolição pelotense: <i>A Penna</i> e o processo de emancipação.....	137
4.4.4 Os anos finais e a festa abolicionista.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143

FONTES.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150
ANEXO A.....	160
APÊNDICE A.....	161
APÊNDICE B.....	162

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Em literatura, o melhor meio de ficar célebre é morrer”
(Victor Hugo)*

A notável frase do escritor francês Victor Hugo ainda hoje é representativa já que existem escritores, que assim como ele, foram glorificados após a morte, e no período em que viveram obtiveram pouco ou nenhum reconhecimento. Contrariando a lógica do escritor francês, apresenta-se o professor, cronista, folhetinista, teatrólogo e poeta Bernardo Taveira Junior (1836-1892), que em vida foi um indivíduo relativamente prestigiado, todavia, após a sua morte foi praticamente esquecido, tanto pela historiografia quanto pela crítica literária.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho nasceu ainda no período da graduação, quando almejava encontrar na literatura as possíveis respostas ou as perguntas que me fizessem compreender a história da cidade de Pelotas. Local esse que nasci, cresci e aprendi a gostar; que tem diversas particularidades que a fazem única: a umidade, os casarões, as charqueadas, os doces e a praia do Laranjal.

Por conta disso, ao trabalhar em um dos prédios mais imponentes do entorno da atual Praça Coronel Pedro Osório, a Bibliotheca Pública Pelotense, encontrei em meio aos jornais do século XIX e os arquivos empoeirados a inspiração para o meu projeto de graduação e de mestrado em história: Compreender a história da cidade e seus pormenores a partir da literatura – folhetins e crônicas – de Bernardo Taveira Junior.

O acervo do escritor foi doado por Manoela Rodrigues Faria à instituição, em 1995.¹ Nesse ano, o Museu Histórico da entidade realizou uma exposição com os documentos originais, manuscritos e um retrato do escritor pintado por Frederico Trebbi.² Atualmente, a documentação encontra-se alocada no Arquivo Histórico da

¹ *Diário da Manhã*, 30/05/1995, p. 13. Acervo: Hemeroteca da Bibliotheca Pública Pelotense (BPP).

² *Diário da Manhã*, 22/05/1995, p. 06. Acervo: Hemeroteca da BPP.

mesma instituição, organizada em um fundo³, contando com doze séries, organizadas em doze pastas.

O presente estudo sobre Pelotas encontra-se ambientado no século XIX, período de intensas modificações na cidade, conhecida e referenciada como a *Princesa do Sul*⁴. O recorte temporal da pesquisa vincula-se as primeiras publicações do escritor⁵, que têm como data inicial o ano de 1867, quando foi encontrada a primeira referência acerca de Bernardo⁶ no periódico *Arcádia*. E, como data final, 1892, ano da morte do escritor e período que Pelotas começou a sofrer os primeiros indícios do declínio econômico, político e social. Apesar disso, a pesquisa se estende aos anos posteriores a morte de Bernardo objetivando perceber a repercussão de seu falecimento e as homenagens que ele recebeu.

Contudo, apesar do projeto basear-se nas narrativas do escritor, torna-se necessário a utilização de outras fontes documentais – como periódicos diários e literários, correspondências, inventário, registro de óbitos, revista ilustrada etc. – visando uma maior compreensão de Bernardo enquanto autor e sobre o seu envolvimento com a sociedade pelotense para que vislumbre-se, em certa medida, o porquê de suas representações.

Por muito tempo, a historiografia tradicional pelotense preocupou-se em enaltecer a elite a partir de seus costumes, seus casarões e seus hábitos inspirados na Europa, por intermédio de sinônimos como riqueza, opulência e elegância.⁷ O supracitado trabalho de Mario Osório Magalhães – *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)* – propõe que a urbe pelotense atingiu o seu auge entre as décadas de 1860 a 1890.

³ Um fundo de arquivo diz respeito a organização de um conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade pública ou privada, pessoa ou família, entre outros. Cada fundo possui diversas séries que facilitam a busca da documentação por parte do pesquisador. Sobre isso ver: BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

⁴ Termo apresentado em 1863 nos versos de Antônio Soares da Silva e, atualmente, incorporado na bandeira da cidade.

⁵ As citações originais foram corrigidas para o português atual visando o melhor entendimento do leitor.

⁶ Em determinados momentos do texto, para não comprometer a leitura chamaremos o escritor apenas pelo primeiro nome.

⁷ Essa historiografia pode ser evidenciada em alguns livros como: LEÓN, Zênia de. **Pelotas, casarões contam sua história**. São Lourenço do Sul: Hofstätter, 1998; NASCIMENTO, Heloisa Assumpção do. **Nossa cidade era assim: crônicas publicadas na imprensa nos anos de 1980 a 1987**. Pelotas: Livraria mundial, 1989.

Nesse sentido, apresenta os aspectos econômicos, sociais e culturais que fizeram Pelotas tornar-se conhecida como cidade rica, refinada, entre outros adjetivos. Entretanto, apesar de ser uma importante referência historiográfica para a cidade, Magalhães deixou de lado a análise de outras questões sociais, principalmente no que tange aos escravos, parcela importante que compunha a sociedade e que proporcionou, pela sua mão de obra, o apogeu da urbe.⁸

Em outro trabalho de referência cuja autoria é de Fernando Osório, *A cidade de Pelotas*, o autor enfatiza essas questões desconsideradas por Magalhães, porém ao escrever sobre os “tipos populares” inferioriza-os.⁹ Além disso, a obra tem um caráter de exaltação da história da cidade e dos grandes expoentes de sua sociedade – a cada final de capítulo o autor apresenta notas biográficas desses grandes nomes. Em contrapartida, uma historiografia mais recente vem preocupando-se com estudos que se opõem a esta perspectiva memorialista e de exaltação, enfatizando outras possibilidades e olhares sobre a *Princesa do Sul*, fazendo os indivíduos sair da invisibilidade anterior como, por exemplo, referenciando os escravos, trabalhadores livres, enfermos, imigrantes, entre outros objetos de análise.¹⁰

No que tange a participação de Bernardo Taveira Junior como escritor, professor e intelectual, os trabalhos sobre a cidade de Pelotas pouco, ou quase nada, destacam a participação do escritor. Mário Osório Magalhães, apesar de ilustrar o seu livro com uma imagem do escritor, o dedicou apenas um parágrafo, no qual enfatiza sua atuação como professor, escritor e membro da Sociedade do Partenon Literário.¹¹

Fernando Osório também dedica algumas linhas esparsas sobre Bernardo apontando a sua participação em determinadas escolas, como orador do Clube

⁸ MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPEl, 1993.

⁹ Sobre Dominginhos afirmava que ele era trovador da cor inconfundível de carvão. Ao falar de Roberto Macacão aponta que ele era feio como uma indigestão de charque e que sua esposa, a dita Macacoa, era uma verdadeira cariátide, uma espécie de megera de Macbeth, feia como um caco de granada. Cf. OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora do globo, 1962, pp. 156-157.

¹⁰ Como por exemplo: ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Universitária, 2001. ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. **Pelotas**: escravidão e charqueadas (1780-1888). Porto Alegre: FCM editora, 2013; GILL, Lorena Almeida. **Um mal de século**: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890 – 1930. Pelotas: Educat, 2007; LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande. Pelotas: EDUFPEl, 2001;

¹¹ MAGALHÃES, *op. cit.*, pp. 222-223.

Republicano e como um dos escritores que criaram o *manifesto* dos republicanos. Em compensação, Helena de Araújo Neves dedicou algumas laudas sobre a carreira de professor de Bernardo Taveira Junior, ressaltando a importância dele para a história do ensino em Pelotas¹².

Contudo, a obra de maior fôlego sobre o escritor foi escrita por Mitizi de Miranda Gomes, intitulada *Romances-folhetim de um escritor provinciano: Bernardo Taveira Junior no Progresso Literário*, na qual analisa quatro folhetins publicados por Bernardo nos anos de 1877 e 1878. A autora visava preencher uma lacuna no que diz respeito aos estudos literários rio-grandenses e a divulgação da obra do escritor. Contudo, Mitizi Gomes focaliza apenas a narrativa folhetinesca e pouco se ocupa do Bernardo enquanto indivíduo biografado. A ausência dessas referências prejudica o leitor, que não consegue perceber de onde o escritor fala e quem ele quer atingir.¹³

Nesse sentido, a presente dissertação visa contribuir para a historiografia pelotense no que concerne a relação entre história e literatura, por sinal, pouco abordada no campo historiográfico pelotense. Não obstante, a intenção deste trabalho não é fazer uma biografia de forma clássica,¹⁴ popularmente conhecida, mas sim apresentar uma perspectiva defendida por Giovanni Levi que enfatiza a *biografia e o contexto*. Sobre isso, destaca-se a valorização da época, o meio e a ambiência como fatores que contribuiriam para explicar a singularidade de um biografado.¹⁵

Apesar do objetivo da dissertação seja focalizar nas representações escritas pelo cronista e folhetinista, torna-se necessário compreender quem era o autor, de onde ele falava, para qual público ele escrevia, qual era a sociedade que recebia e

¹² NEVES, Helena de Araújo. **A “alma do negócio”**: aspectos da educação em Pelotas-RS na propaganda institucional (1875-1910). 2007. Dissertação (mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2007.

¹³ GOMES, Mitizi de Miranda. **Romances-folhetim de um escritor provinciano**: Bernardo Taveira Junior no Progresso Literário. 2002. 150 f. Dissertação (mestrado em letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

¹⁴ Sobre biografia ver: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, pp. 183-191; DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009; SCHMIDT, Benito. Construindo biografias...historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997, pp. 03-21; SCHMIDT, Benito (org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000;

¹⁵ LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. IN: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, pp.175-176.

consumia essa literatura. Desse modo, esta dissertação organiza-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo intitulado “*Clio e Calíope: os enlaces entre dois gêneros distintos*” discutirá alguns aspectos que aproximam a história e a literatura, principalmente no âmbito da narrativa e, outros que as diferem, como a questão da ficção. Um dos motes para a criação deste capítulo refere-se a possibilidade da literatura ser utilizada como fonte historiográfica e compreender como a história lidou com essa fonte subjetiva ao longo do seu período enquanto disciplina fortemente centrada na busca da verdade e de um rigor teórico e metodológico.

Para suscitar os questionamentos, debates e a busca de algumas respostas, o capítulo se ampara em autores e metodologias da Nova História Cultural, a partir de questões tais como: representação, imaginário, sensibilidades e narrativa. Aponta-se Bernardo Taveira Junior como um produtor e receptor cultural que, através de seus folhetins e crônicas, produziu representações acerca da cidade e da sociedade pelotense que ele vivenciou. Portanto, a partir de sua produção literária pode-se reinterpretar a história de Pelotas, propondo novas questões e obtendo novas ou velhas respostas, segundo uma visão mais cultural, por intermédio de um olhar contemporâneo.

A escolha das fontes a serem analisadas não foi arbitrária. O acervo do escritor é composto de inúmeras tipologias documentais, mas a proximidade com a imprensa foi o ponto norteador, principalmente pela particularidade do acervo em três sentidos: no primeiro, devido à ausência de trabalhos que contemplem esse tipo de documentação na historiografia pelotense; em segundo lugar pela ligação direta com o cotidiano por meio da imprensa e, por fim, pela ausência de um trabalho historiográfico sobre Bernardo Taveira Junior.

Assim, investiga-se os aspectos do dia a dia daquela *Princesa do Sul*, que atualmente encontra-se no imaginário local muito vinculada aos sinônimos de opulência e dos sobrenomes das famílias imponentes da escala social. Por meio da narrativa de Bernardo observa-se, a partir de representações, outros sinônimos que fazem de Pelotas uma cidade interiorana bem peculiar.

Para isso, utiliza-se o conceito de representação proposto por Roger Chartier na perspectiva que o escritor Bernardo Taveira Junior construiu representações

acerca cidade de Pelotas a partir de um real vivenciado por ele, sob forma de uma interpretação.

No entanto, para auxiliar na compreensão da especificidade das fontes literárias escolhidas, faz-se necessário o segundo capítulo, intitulado “*Das letras tipográficas fez-se a literatura: folhetins e crônicas em busca de leitores*”. Primeiramente, tem como objetivo compreender como a imprensa passou do viés político ao literário, proporcionando que escritores participassem de suas redações e publicassem os seus primeiros textos sob o formato de folhetim.

Esse tipo de publicação fez sucesso, principalmente, porque a edição de livros era algo extremamente custoso no século XIX e apenas uma parcela irrisória da população poderia adquiri-los. Em contrapartida, o jornal possuía um formato simples e acessível, logo os escritores que publicavam cotidianamente, tornavam-se mais notórios na sociedade e conquistavam um público leitor.

O terceiro capítulo, nomeado “*Bernardo Taveira Junior: Trato de um professor distinto, um escritor de reconhecido mérito*”, busca-se compreender os aspectos biográficos do escritor, desde os seus antecedentes até os anos posteriores ao seu falecimento, pois acredita-se que a vida do escritor influenciou em sua obra. Outra questão sumariamente importante é abster-se da biografia um tanto quanto tendenciosa escrita por Alfredo Ferreira Rodrigues, afilhado de Bernardo, que colocou o escritor em um pedestal que, talvez, ele não ocupasse. Cabe ressaltar que esse texto serviu de base para a maioria dos historiadores e críticos literários que citam o referido autor.

Bernardo Taveira Junior foi um escritor peculiar à medida que conquistou um lugar entre a intelectualidade pelotense, apesar de não possuir um sobrenome imponente e respeitado. Ademais, ele conquistou um espaço dentro da literatura provinciana, publicando uma série de obras literárias, atuando como colaborador de diversos periódicos, participando como sócio de entidades literárias, traduzindo autores estrangeiros variados, escrevendo peças teatrais e educando inúmeros alunos por meio de cursos particulares e em instituições de ensino.

Por fim, o capítulo “*A Princesa do Sul de Bernardo Taveira Junior*” tem como propósito analisar as representações do escritor sobre Pelotas e está dividido em quatro tópicos que organizam o processo de análise do escritor. Inicialmente,

ênfatiza-se os aspectos hist3ricos da cidade - a partir de sua cria33o, crescimento e desenvolvimento - culminando com o apogeu, no dec4nio de 1860, quando o escritor chegou 3 urbe. Nos t3picos seguintes ser3 contemplado uma an3lise efetiva da literatura do escritor perpassando por aspectos sociais, culturais e econ4micos.

Nessa perspectiva, a presente disserta33o busca analisar os folhetins e as cr3nicas de Bernardo Taveira Junior para aproximar-se de um cotidiano ambientado na *Princesa do Sul* do s3culo XIX, suscitando novos questionamentos e debates, almejando contrapor a historiografia memorial3stica e de exalta33o. Al4m disso, pretende-se destacar a participa33o de Bernardo na sociedade e a sua relev3ncia enquanto escritor, uma vez que ele foi praticamente esquecido pela cr3tica liter3ria e pela historiografia.

CAPÍTULO 01 CLIO E CALÍOPE: OS ENLACES ENTRE DOIS GÊNEROS DISTINTOS

*“História e romance seriam tão-somente expressões da mesma inquietação dos homens”
(José Saramago)*

A discussão em torno das aproximações e afastamentos entre a história e a literatura varia de acordo com os valores predominantes de cada período e época. Para Peter Burke, elas apresentam-se como fronteiras instáveis, que se movem no tempo, cumprindo duas funções: são obstáculos a comunicação e, também, regiões de encontro, tornando-se, assim, fronteiras fechadas e abertas, respectivamente.¹⁶ Embora apresentassem singularidades e peculiaridades que as delimitavam como gêneros distintos – enquanto em uma predominava a busca pelo que *realmente* aconteceu, a outra concentrava no que *poderia* ter acontecido, seguindo uma premissa aristotélica¹⁷ – o estudo do indivíduo em seu tempo, suas indagações e, principalmente, a forma de escrita em narrativa as aproximava.

Por conseguinte, como a literatura poderia servir de fonte¹⁸ para a história? Como a historiografia abordou esta relação no transcorrer dos séculos? Esses questionamentos transpassam o objetivo deste capítulo. Afinal, como é possível compreender a história da cidade de Pelotas e sua respectiva sociedade a partir dos textos literários – folhetins e crônicas – do escritor Bernardo Taveira Junior?

Para responder a esses questionamentos, utiliza-se os conceitos que permeiam a Nova História Cultural, pois acredita-se que a literatura possa ser interpretada e analisada como uma representação de mundo construída pelo autor. Como uma fonte especial, proporciona ao historiador um “algo a mais” que os

¹⁶ BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. IN: AGUIAR, Flávio. GUARDINI, Sandra. SEBE, José Carlos (org.). **Gêneros de fronteira**: cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997, p. 108.

¹⁷ ARISTÓTELES. **Arte poética**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf> Acessado em 17 de jan. de 2014.

¹⁸ Fonte histórica pode ser compreendida como o vestígio produzido pelos homens em um determinado tempo e espaço, servindo para o historiador construir e questionar sobre o conhecimento histórico. Cf. SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009, pp.158-161.

documentos oficiais não oferecem, uma vez que está envolvida pela sensibilidade e pelo imaginário do escritor ao narrar determinada história.

Do mesmo modo, fornece subsídios para compreender o cotidiano e o imaginário de uma época tendo em vista que demonstra os questionamentos, anseios, dúvidas, indagações e reflexões dos homens em seu tempo, oferecendo o “mundo como texto”¹⁹ ao leitor e ao historiador. Como a pesquisa se ampara principalmente em crônicas – maior volume documental – esses aspectos autorais ficam mais evidentes do que em um romance ou um conto, na medida em que estão intimamente interligadas com o cotidiano e representam uma possível opinião do autor sobre determinado assunto social, político e econômico.

Todavia, apesar desse leque de possibilidades, a literatura entrou tardiamente para o rol das fontes históricas, apenas nas décadas finais do século passado. Antes disso, era inimaginável trabalhar com uma fonte tão subjetiva, pois a história estava em busca de uma objetividade/veracidade somente proporcionada pelos documentos ditos oficiais, refutando qualquer fonte com aspectos ficcionais e subjetivos.

Tanto a história quanto a literatura nasceram como musas – respectivamente, Clio e Calíope – como as filhas da memória, buscavam representar e interpretar o mundo a partir de suas narrativas acerca do acontecido e do não-acontecido.²⁰ Contudo, no início da teorização da arte ocidental elas foram discernidas a partir da obra *Arte Poética*, na qual Aristóteles diferencia o historiador do poeta.²¹ Para o autor, eles não se distinguem pela forma que escrevem – um em prosa e outro em verso – mas pelo conteúdo escrito.

A história narra o que efetivamente aconteceu, enquanto o poeta escreve sobre o que poderia ter acontecido, segundo a necessidade ou a verossimilhança,

¹⁹ PESAVENTO, Sandra. O mundo como texto: leituras da História e da literatura. **História da educação**, Pelotas, v. 07, n. 14, pp. 31-45, set., 2003.

²⁰ DONATO, Gerson. Quando Clio se encontra com Calíope. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro: v. 01, n. 02, pp. 01-15, 2007.

²¹ O conceito de literatura era desconhecido na Grécia, pois não existia o conceito de letra (*littera*) e sim o de *gramma*. A diferença proposta por Aristóteles foi estabelecida em termos de imitação (*mimesis*). Cf. MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. IN: AGUIAR, Flávio Wolf de. CHIAPPINI, Ligia (org.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993, pp. 116-117.

ou seja, não preocupar-se-ia com a verdade dos acontecimentos e se isentaria de qualquer exigência externa ao texto.

Conseqüentemente, para Aristóteles, a poesia seria mais filosófica e de caráter mais elevado do que a história, pois a primeira permanecia no universal enquanto que a história estuda apenas o acontecimento particular. Nesse sentido, o autor destacou que narrar o que poderia ter acontecido – a arte em si – era mais importante do que narrar os fatos reais. Cabia ao poeta dizer sobre o que os homens faziam em determinadas épocas.²² De certo modo, essa perspectiva aristotélica seria retomada pela historiografia, que classificou a literatura como sinônimo de ficção,²³ enquanto somente a história seria passível de relatar a verdade sobre os acontecimentos.

Na Antiguidade, a história foi escrita de diversas formas, mas houve o predomínio da narrativa dos acontecimentos políticos e militares com base na figura de grandes homens e grandes feitos. O saber histórico estava associado à forma narrativa, à um relato, a partir de apontamentos de indivíduos que podiam dizer “eu vi, eu senti”²⁴ – como, por exemplo, na narrativa de Heródoto. Ao contrário da produção historiográfica atual, naquele momento, existia uma ausência de metodologia e um rigor no desenvolvimento de conhecimento.

Por conta disso, lendas e fábulas associavam-se aos acontecimentos²⁵ e compunham obras ditas históricas. Tucídides, por exemplo, concebeu discursos e atribuiu a Péricles e outras personagens, na medida que a invenção dos discursos não era compreendida como uma prática antiética, embora fosse criada a partir dos historiadores que afirmavam dizer a verdade. “Em outras palavras, escritores gregos

²² ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 14.

²³ Massaud Moyses classifica a ficção como imaginação ou invenção e afirma que a literatura é “a expressão dos conteúdos da imaginação, é ficção transmitida pela palavra escrita”. Já Warley Gomes destaca que a ficção é mais conhecida pelo texto literário, mas que ela se manifesta em outros meios como, por exemplo: novela, cinema, teatro, música, entre outros. Se focarmos na acepção da palavra no dicionário obteremos como sinônimo de ficção: ato ou efeito de fingir, simular, invenção fabulosa, criação de caráter artístico, baseada na imaginação, mesmo se idealizada a partir de dados reais. Essas concepções estão associadas ao senso comum, mas serviram para deslegitimar a literatura frente a história, que contemplaria a narrativa dos fatos reais. Cf. MOYSES, Massaud. *Ficção*. IN: MOYSES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 188; GOMES, Warley. O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção. **Revista de teoria da história**, Goiás, ano 3, n. 06, pp. 65-91, dez., 2011; “Ficção”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/fic%C3%A7%C3%A3o> Acessado em 23 abr. 2014.

²⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 09.

²⁵ GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: DIFEL, 1979, p. 13.

e seus públicos não colocavam a linha divisória entre história e ficção no mesmo lugar no qual os historiadores a colocam hoje.”²⁶ Nesse momento, existia uma fronteira aberta entre os gêneros, e o diálogo entre eles era constante, contribuindo para a escrita da história.

No período antecessor a Revolução Francesa, a historiografia era considerada uma arte literária,²⁷ compreendida como um ramo da retórica e com a sua natureza “fictícia” geralmente reconhecida. A escrita da história era um exercício literário e o seu resultado deveria ser medido segundo princípios científicos e literários. Contudo, no início do século XIX, a historiografia colocou a história, representação do real, em oposição à ficção – representação do possível ou do imaginário²⁸.

Em contrapartida, no âmbito da teoria literária, houve, também, uma preocupação com a relação entre a literatura e a história. Primeiramente, como já fora referido, os estudos poéticos da Antiguidade destacaram-se, principalmente, através da obra de Aristóteles e, depois, a aproximação entre ambas foi evidenciada a partir das pesquisas estéticas do Romantismo (século XIX), ampliando-se durante o século XX e tornando-se a preferência dos teóricos de várias áreas no campo das humanidades a partir das últimas décadas do século XX²⁹.

Por intermédio do desenvolvimento do romance, consagrado entre o século XVIII e XIX, foi possível trabalhar com abordagens temáticas que eram vislumbradas no campo de interesse e tratamento da historiografia,³⁰ e, com isso, a relação da literatura com a história se intensificou. O romance histórico, popularizado durante o Romantismo, apresentava-se como uma forma de escrita na qual a história era parte construtiva do texto, ou seja, era um cenário para o exercício da ficção.

²⁶ BURKE, *op. cit.*, p. 108.

²⁷ A história era considerada um gênero literário e, neste viés, existia uma preocupação com a biografia e com os feitos do autor. Buscava-se entender em que medida a sua vida influenciava na sua obra, seu estilo e sua forma de escrita. Outro momento que marca a história como gênero literário foi no período da pós-modernidade, caracterizada pelo “*linguistic turn*”. Cf. NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio Forastieri da. Introdução: para a historiografia da Nova História. IN: NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio Forastieri da (org.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp.13-14.

²⁸ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 139- 140.

²⁹ SANTOS, Pedro Brum. **Teorias do romance**: relações entre ficção e história. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996, p. 10.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 16.

Por conseguinte, a obra necessitava de uma pesquisa prévia em fontes e documentos para (re)compôr cenários, personagens, acontecimentos e costumes. Entretanto, nem todos os aspectos do romance histórico efetivamente “aconteceram” por se tratar de uma literatura, surge a dúvida, se tudo não passou de um “poderia ter ocorrido assim”; uma vez que as obras mesclavam personagens e histórias reais e ficcionais.

Outra questão pertinente enfatizada por Cosson e Schwantes é que compreender a presença dos elementos históricos é uma parte fundamental da obra, visto que sem eles o romance seria outro.³¹ Histórias narrativas e romances históricos eram opostos que se complementavam. Enquanto os historiadores focavam seu trabalho em documentar grandes eventos e grandes homens, os romancistas clássicos – como, por exemplo, Walter Scott – aceitavam os acontecimentos documentados pelos historiadores e tinham permissão para criar personagens menores.³²

Porém, “ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência”³³. O objetivo era atrair o leitor para que ele se questionasse compreendesse como aqueles homens agiam em determinadas épocas, quais eram suas razões humanas e sociais que os fizeram pensar de determinada forma em um dado contexto, como era o cotidiano e como os indivíduos se relacionavam na sociedade.

Essas questões servirão de base para os historiadores culturais buscarem obras literárias a fim de compor suas listas de fontes, procurarem a representação, a sensibilidade e o imaginário de uma época. Na mesma perspectiva, almeja-se, neste trabalho, compreender a história de Pelotas a partir da literatura, uma vez que os estudos sobre a cidade focalizam aspectos políticos, sociais e culturais a partir de outras fontes históricas. E, com o recurso da arte, pode-se vislumbrar aspectos do imaginário pelotense do século XIX.

³¹ COSSON, Rildo. SCHWANTES, Cintia. Romance histórico: as ficções da história. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, pp. 29-37, 2005

³² BURKE, *op. cit.*, pp. 111-112.

³³ WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. **Letras**. Curitiba, nº 43, 1994, p. 51.

Justamente nesse século³⁴ ocorreu uma ruptura nas relações entre a literatura e a história, ou melhor, a fronteira entre ambas tornou-se cada vez mais fechada, impossibilitando o diálogo. Nesse período, a história se voltou para a cientificidade e a objetividade – esta somente encontrada em documentos que eram considerados como sinônimo da verdade. Com isso, os historiadores enxergavam-se como cientistas, pois o século XIX era intensamente marcado pela ciência, culminando com a busca de uma história dita científica. Portanto, pode-se entender esse período como uma marca de grandes oposições: arte x ciência, história x ficção, objetividade x subjetividade.³⁵

Ademais, o século XIX marcou a profissionalização da prática historiográfica, impulsionada pelos historiadores positivistas – principalmente através da figura de Leopold Von Ranke³⁶ na Alemanha – que propunha a crítica documental orientando-se pela busca da verdade. Com isso, a história rompeu efetivamente com a arte literária para se transformar e se consolidar como disciplina acadêmica ministrada na universidade³⁷ alemã. Durante esse período, os indivíduos que escreviam a história procuravam delimitar seus discursos em oposição a narrativa literária.

Segundo Hayden White, “toda disciplina é constituída por um conjunto de restrições ao pensamento e à imaginação, e nenhuma é mais cercada de tabus do que a historiografia profissional”³⁸, ou seja, esses tabus impedem o uso de “*insights*” da literatura e da arte, pois forçam os historiadores a ressaltar as diferenças entre ficção e fato³⁹ visto que os paradigmas do século XIX vetavam que eles encarassem

³⁴ No século XIX irrompe a criação dos Estados Nacionais na Europa, as delimitações de suas fronteiras e de seus povos e a criação de identidades partindo da ideia de nação. Sendo assim, como aponta Jurandir Malerba, existia um clamor social pelo campo da história e os historiadores possuíam certo poder social. Cf. MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p.08.

³⁵ Apesar dessas oposições, alguns historiadores dedicaram-se a obras que fugiam dessa premissa historiográfica cientificista. Por exemplo, Jacob Burckhardt com o livro *A civilização da Renascença na Itália*, em 1860, apresentou as formas de pensar, o clima e as mentalidades de uma época. Jules Michelet, por sua vez, tentou resgatar o povo e as massas como protagonistas da história.

³⁶ Sobre o autor ver: BENTIVOGLIO, Julio. Leopold Von Ranke. IN: MALERBA, Op. cit., pp. 133-154.

³⁷ As universidades foram criadas a partir do século XII e caracterizaram-se até meados do século XVIII pela busca do conhecimento universal. A primeira disciplina criada, no âmbito das humanidades, foi a filologia e, a partir desta, tornou-se possível a criação da história como disciplina. Nesse momento, houve a possibilidade da criação de um novo conceito de história, não como literatura, mas como conhecimento positivo do passado. Cf. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. SILVA, Glaydson José da. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008, pp. 29-30.

³⁸ WHITE, *op. cit.*, p. 142

³⁹ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. IN: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131.

seus textos sob a ótica da subjetividade. Esta questão trouxe reflexos para a escrita da história, que utilizou o “método” como palavra-chave para distinguir os gêneros literário e histórico.⁴⁰

A escola metódica surgiu durante a Terceira República Francesa com o propósito de estabelecer uma investigação científica, que visava uma objetividade absoluta e aplicava rigorosas técnicas de pesquisa em relação ao inventário das fontes, a organização da tarefa do historiador e a crítica (interna e externa) da documentação.⁴¹ Nesse contexto, as fontes escritas – com predileção para os documentos oficiais – viraram sinônimo da verdade, com isso, as fontes literárias e artísticas passaram a serem renegadas pela historiografia, uma vez que não são passíveis de comprovar a verdade histórica.

O afastamento ocorrido modifica a forma da escrita historiográfica, já que a história científica tende a uma escrita objetiva e descritiva dos acontecimentos – a *histoire événementielle* – em detrimento de uma análise aprofundada, pois os historiadores deviam coletar e agrupar documentos narrando-os. Apesar disso, a história, nesse momento, ainda é escrita na forma de narrativa e, para auxiliar na compreensão, vale-se das palavras de Paul Ricoeur:

Uma história descreve uma sequência de ações e de experiências feitas por um certo número de personagens, quer reais quer imaginários. Esses personagens são representados em situações que mudam ou a cuja mudança reagem. Por sua vez, essas mudanças revelam aspectos ocultos da situação e das personagens e engendram uma nova prova (*predicament*) que apela para o pensamento, para a ação ou para ambos. A resposta a essa prova conduz a história à sua conclusão.⁴²

Como uma narrativa sequencial e descritiva, o historiador não poderia expressar opiniões, pensar em hipóteses e fazer questionamentos às fontes, afinal

³⁹ BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989):** A Revolução Francesa na historiografia. São Paulo: ENESP, 1997, p. 33.

⁴⁰ REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 17.

⁴¹ Os princípios fundamentais da escola estão expostos em dois textos-programa publicados em 1876 e 1898, respectivamente: o manifesto produzido devido ao lançamento da *Revista Histórica* produzida por Gabriel Monod e o guia escrito em intenção aos alunos de Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois (Introdução aos Estudos Históricos). Por intermédio destes dois manifestos, procurava-se impor uma investigação científica na história.

⁴² RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa:** tomo I. Campinas: Papyrus, 1994, p. 214.

os fatos falavam por si, mostravam a verdade e o que realmente ocorreu. O papel do historiador era expor, através de um ato narrativo, o que aconteceu, pois o princípio era a objetividade e aplicação documental. Em suma, o objetivo era “expungir do seu discurso todo o traço do fictício, ou simplesmente do imaginável, abster-se das técnicas do poeta e do orador e privar-se do que se consideravam os procedimentos intuitivos do criador de ficções na sua apreensão da realidade”⁴³, separando, assim, o “fato” da “ficção”.

Através dessa rigidez metodológica, somente a história seria capaz de registrar a realidade do passado. Literatura, poesia e qualquer forma de arte seriam manifestações culturais que não priorizariam o *real acontecido*, mas ficcionariam este real, pois contemplariam aspectos de representação, imaginário, sensibilidade, subjetividade, mitos, crenças e rituais. E, por conta disso, ganhavam o *status* de ficção, de “mentira” em oposição à verdade histórica. Para essas fontes entrarem na miríade dos historiadores, a escrita da história precisou rever sua escrita e sua metodologia. Por conseguinte, nas décadas iniciais do século XX, surgiu uma corrente historiográfica que encorajou inovações nos âmbitos teórico e metodológico e propôs uma nova espécie de história.

A “Escola” dos *Annales*⁴⁴, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch⁴⁵ em 1929, eclodiu como um movimento cujo principal objetivo era o de inovar o campo historiográfico, em oposição ao modelo tradicional de história, propondo uma nova representação do tempo histórico. As diretrizes do movimento giravam em torno da substituição da narrativa dos acontecimentos⁴⁶ por uma história-problema, pensar na

⁴³ WHITE, *op. cit.*, pp. 139- 140.

⁴⁴ A historiografia convencionou chamar de “escola” este movimento principalmente a partir da obra de Peter Burke *A Escola dos Annales: revolução francesa da historiografia*. Contudo, apesar do título, o próprio autor destaca que talvez seja preferível falar em um movimento historiográfico, pois existiam algumas divergências de pensamento entre os colaboradores, proposta igualmente defendida por François Dosse na obra *História em Migalhas: Dos Annales à Nova História Cultural*. Não obstante, este grupo de historiadores modificou a forma de conceber a história durante as primeiras décadas do século XX, apresentados como um forte grupo que agregava novos adeptos constantemente.

⁴⁵ Eles foram convidados para lecionar na Universidade de Estrasburgo, após a Primeira Guerra Mundial, em uma Alsácia-Lorena novamente francesa. Na instituição, estavam cercados por uma gama de especialistas em diversas áreas do conhecimento – como, por exemplo, o geógrafo H. Bauling, o sociólogo G. Le Bras, o psicólogo C. Blondel, entre outros – e o novo ambiente era favorável à inovação intelectual. Esse diálogo resultou na criação da *Les Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, que tinha como característica principal a interdisciplinaridade. Porém, como o próprio nome acusa, o diálogo foi mais intensificado no âmbito econômico e social.

⁴⁶ No Iluminismo ocorreu, pela primeira vez, a contestação a este tipo de narrativa. No século XVIII, um grupo de escritores preocupou-se com a moral e os costumes, as leis e o comércio. Posteriormente, Fustel de Coulanges dedicava-se a história da religião, família e moralidade. Karl

história de todas as atividades humanas e não apenas em uma história política e, por fim, propor a colaboração de outras disciplinas para a escrita da história, como a geografia, a psicologia, a economia, a sociologia, entre outras, institucionalizando esse diálogo que almejava *insights* teóricos e metodológicos⁴⁷ para a renovação intelectual e historiográfica.

A publicação ambicionava ser mais do que apenas uma revista histórica, aspirava exercer “uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria a porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores a favor de uma abordagem nova e interdisciplinar”⁴⁸. Esse desejo fica evidente no primeiro volume da publicação, quando os editores expuseram dois objetivos: eliminar o espírito de especialidades, promovendo uma pluridisciplinaridade para favorecer a união das ciências humanas; passar do campo dos debates teóricos, promovidos pela Revista de Síntese, para uma fase de realizações concretas⁴⁹.

Os *Annales* estruturaram-se em três gerações ou fases.⁵⁰ A primeira (1920-1945), liderada pelos fundadores Bloch e Febvre, caracterizou-se por ser pequena, radical e subversiva, intensificando a oposição contra a história tradicional, a história política e a dos eventos, com a predominância da relação com a sociologia.⁵¹ A segunda geração (1946-1968), liderada e dominada por Fernand Braudel, é a fase que mais se aproximou de uma “escola” com conceitos – estrutura e conjuntura – e novos métodos – história serial e de longa duração – predominando o diálogo com a economia. Entre as gerações, situa-se a crise dos paradigmas ao provocar um intenso debate conceitual e metodológico nas ciências sociais, mas na história

Marx focava-se nas relações entre estruturas socioeconômicas. Os historiadores econômicos foram opositores a história política. Cf. BURKE, A escola..., pp. 17-22.

⁴⁷ KRAMER, *op. cit.*, p. 131.

⁴⁸ BURKE, A escola..., p. 33.

⁴⁹ BOURDÉ, Guy. MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: publicações Europa-América, 1993, p. 121.

⁵⁰ Embora organizado em fases, é errôneo pensar que o movimento dos *Annales* manteve uma unanimidade de pensamento. O que eles tinham em comum era a influência das ciências sociais e a interdisciplinaridade. O que marca essa proposta historiográfica é a perspectiva de um novo olhar temporal, uma nova representação do tempo histórico em oposição a história tradicional. Cf. REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em história**. São Paulo: Terra e paz, 2000, pp. 15-16.

⁵¹ Essa fase é marcada pela Segunda Guerra Mundial e, com isso, a revista apresenta dificuldades administrativas e perde um de seus colaboradores, Marc Bloch. Com isso, a partir de 1946, Febvre assume a direção da revista, formando uma nova equipe e batizando a revista de *Les Annales. Économies. Sociétés, civilisations*, deixando de lado a história social e econômica e concentrando-se nas mentalidades. Cf. BOURDÉ; MARTIN, *op. cit.*, p. 121.

optou-se pela mudança dos assuntos e a abertura de novos objetos de análise como forma de reagir à crise.⁵²

Conseqüentemente, a terceira geração dos *Annales*, iniciada por volta de 1968 e mais conhecida pelo termo Nova História – *La nouvelle histoire* – se manifestou como a mais recente e dominante tendência da moderna historiografia⁵³, ao expandir o universo dos historiadores, promover uma ampla abertura temática e buscar novos temas e objetos. O termo nomeou uma coleção de livros editados por Jacques Le Goff e Pierre Nora publicados na forma de trilogia: história novos objetos, novas abordagens e novos problemas. O objetivo da coleção era mostrar os caminhos da pesquisa histórica, estimulando um novo tipo de história, mas não a partir da constituição de uma escola ou de um nome expoente que a dominasse como nas fases anteriores.

A Nova História passou a se preocupar com toda a atividade humana, pois tudo tem um passado e uma história que pode ser reconstruída pelo historiador. A infância, a mulher, a leitura, o clima, os odores, o corpo, a feminilidade e a morte, por exemplo, passaram a compor o leque de possibilidade de pesquisa.⁵⁴ Contudo, para responder aos questionamentos suscitados por esses objetos de pesquisa os historiadores precisavam de outras fontes:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvidas. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, a falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do

⁵² NOVAIS; SILVA; *op. cit.*, p. 53.

⁵³ *Idem, Ibidem*, p. 11.

⁵⁴ Com esse amplo leque de temáticas, a historiografia moderna, tem sofrido com a fragmentação – a chamada “História em Migalhas” como apontou François Dosse – e com as hiperespecialidades. Essa fragmentação surgiu como uma opção a comunidade científica – neste caso inclui outras áreas do conhecimento humano e não apenas a história – não ocorrendo somente nos temas, mas, também, na fragmentação de perspectiva (interpretações diversas sobre um mesmo tema) e de especialidades. Como consequência disso ocorre um isolamento do pesquisador – cada vez mais especialista em algo – apenas conseguindo dialogar com os seus pares e isolando a disciplina histórica. Cf. BARROS, José D’ Assunção. *Clio despedaçada*. IN: BARROS, José D’ Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.09-15; DOSSE, François. **A História em migalhas: Dos Annales à Nova História**. Campinas: UNICAMP, 1994.

homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem⁵⁵.

Para produzirem o seu mel e responderem aos novos objetos de análise, os historiadores buscaram: obras literárias, entrevistas, quadros, fotografias, estatísticas, processos crimes, diários, jornais, revistas, registros paroquiais, recenseamentos, testamentos, inventários, entre outras inúmeras possibilidades.⁵⁶ Além disso, as “velhas” fontes também foram utilizadas, mas com novas leituras e perguntas.

Neste momento, tudo se transformou em fonte histórica, o que possibilitou a retomada da relação entre a história e a literatura, porém com novos contornos de análise e possibilidades de uma fronteira aberta e rica para o diálogo sobre os homens em seu tempo. Afinal, como alerta Certeau, “em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”⁵⁷.

Primeiramente, deve-se pensar na literatura como fonte historiográfica. Vislumbra-se a ideia de fonte como o vestígio produzido pelos homens em um dado momento, que permite ao historiador “acessar” o passado. Erroneamente, como antes referido, alguns pesquisadores pensavam que as fontes continham a verdade e com isso deslegitimaram a obra literária por considerá-la ficcional, fantasiosa e/ou imaginativa.

No entanto, com a ampliação do campo documental e a compreensão de que as fontes são representações do passado, a obra literária passou a compor a relação de fontes históricas, principalmente por alguns aspectos que antes serviam para desprezá-la, inferiorizando-a como, por exemplo, o imaginário. Como referem Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, qualquer obra literária é uma evidência

⁵⁵ FEBVRE, Lucien. Caminhando para uma outra história. IN: FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Portugal: Presença, 1989, pp. 241-259.

⁵⁶ A partir desta renovação, os pesquisadores acentuaram o caráter interdisciplinar, proporcionando um diálogo com economistas, sociólogos, críticos literários, geógrafos, psicólogos, antropólogos, entre outros.

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982, p. 81.

histórica objetivamente determinada, uma vez que apresenta propriedades específicas e encontra-se situada no processo histórico.⁵⁸

A literatura serve ao historiador pelo seu caráter de manifestação cultural e, assim, está intimamente ligada ao campo historiográfico, emergido nas décadas finais do século XX, intitulado Nova História Cultural. Esse campo de análise está interligado a noção de cultura⁵⁹, possibilitando um estudo sobre a produção cultural, literária e artística, bem como, através dele, foi possível romper com a antiga concepção elitista de cultura, que focalizava apenas manifestações nobres – filosofia e arte – opondo a cultura elitizada à popular. Nessa nova perspectiva, existe o interesse pelos sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos de transmissão, as representações, as práticas discursivas e não discursivas, além da linguagem.

Compreende-se o escritor Bernardo Taveira Junior como um produtor de cultura e, ao mesmo tempo, receptor cultural que focaliza seus questionamentos, anseios e debates em torno de sua narrativa – folhetim e crônica – que produz uma representação:

A literatura medíocre, de pouco valor, vulgar, mas de consumo em uma determinada época, pode dizer muito sobre o gosto, as preferências, as sensibilidades dos homens em um certo momento. Versos de *pé quebrado*, folhetins muito distantes do que seja a alta literatura ou romances populares revelam um horizonte de expectativas pertinente, por exemplo, ao imaginário das camadas populares de um momento dado da história.⁶⁰

Dessa forma, não se retoma essas obras literárias (crônicas e folhetins) em busca de uma veracidade, de um retrato fiel – fidedigno, autêntico, preciso – daquele

⁵⁸ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. IN: CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, p. 07.

⁵⁹ Segundo Kalina Silva e Maciel Silva, o termo cultura é um dos principais nas ciências humanas e, por isso, apresenta-se de maneiras múltiplas, sendo modificado e analisado de diversas formas dentro da historiografia. Pode ser entendido, de forma mais simples, como tudo o que é produzido pela humanidade desde crenças até objetos. Contempla um complexo de conhecimento, comportamentos e habilidade humanas empregadas socialmente. Além disso, pode ser compreendida como uma produção intelectual e artística – cultura erudita, popular etc. Cf. SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. Cultura. IN: SILVA; SILVA, *op. cit.*, pp. 85-88.

⁶⁰ PESAVENTO, *op. cit.*, p. 40.

período, tampouco busca-se datas históricas, personagens de um determinado momento histórico, acontecimentos datados, mas sim o modo como certo tema foi abordado pelo escritor, qual fato ou contexto, problemas, indagações e reflexões foram destacadas por ele especificamente na cidade de Pelotas durante o século XIX, a fim de vislumbrar o imaginário coletivo.

O historiador atua como um leitor especial que tem um papel significativo dentro da narrativa, pois ele cria novas interpretações e conclusões. Por conta disso, a história pode ser continuamente reescrita, uma vez que cada pesquisador aborda a fonte histórica de uma determinada maneira, com novos anseios e questionamentos, chegando a novas conclusões e formas de interpretar o passado. Além disso, como abordou Michel de Certeau, toda a pesquisa historiográfica articula-se a partir de um lugar de produção, seja ele cultural, social, econômico ou político. Desta forma, é em função do lugar social que se delimitam os interesses, métodos e indagações feitas à documentação pelo historiador.⁶¹

A questão pauta-se em perceber o contexto histórico do século XIX através do olhar sensível de Bernardo Taveira Junior, que presenciou aquela urbe e a relatou em forma de arte. A partir dessas representações, pode-se fazer novos questionamentos sobre Pelotas e propor uma releitura a partir de um novo olhar cultural. Contudo, para fundamentar esse olhar, mudanças epistemológicas foram necessárias:

*Representação e imaginário. Retorno da narrativa, a entrada em cena da ficção e a ideia das sensibilidades levam os historiadores a repensar não só as possibilidades de acesso ao passado, [...] como colocam em evidência a escrita da história e a leitura dos textos.*⁶²

Essas transformações comportam o maior diálogo entre os gêneros histórico e literário, tendo em vista que a literatura é uma narrativa que cria uma representação do real, comportando o ficcional e o imaginário de uma época por intermédio da sensibilidade de quem a escreve.

⁶¹ CERTEAU, *op. cit.*, pp. 65-66.

⁶² PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 59.

Basicamente, a noção de representação apresenta-se, conforme Roger Chartier, como a pedra angular de uma abordagem da história cultural⁶³. Essa noção foi incorporada a partir das contribuições de Émile Durkheim e Marcel Mauss no início do século XX. Eles estudaram as formas integradoras, que os chamados povos primitivos atuais construíram para manter a coesão de grupo, propondo-as como representação de mundo por meio de discursos, imagens e ritos⁶⁴.

A representação se expressa como uma construção realizada a partir do real, ou seja, ela não é o real em si, mas uma interpretação construída a partir dele. Portanto, não é portadora de veracidade, e sim de verossimilhança, apresentando múltiplas configurações. O historiador lida diretamente com essas representações, pois ele não viu e não vivenciou tais acontecimentos.

Logo, percebe-se a impossibilidade da história em buscar a verdade nas fontes – como proposta metódica do século XIX – já que o vestígio do passado é uma representação e não existe uma verdade absoluta sobre determinado fato ou assunto. A história quase sempre é (re)escrita a partir de novas perspectivas, fontes, modos de análise e questionamento, pois o historiador possui um restrito território de certezas.

A história e a literatura se aproximam por serem representações de um real. Porém, como alerta Peter Burke, o historiador cultural deve resistir à tentação de tratar textos e imagens – as representações – como espelhos e reflexos de seu tempo, tornando-se necessária a crítica das fontes⁶⁵. Logicamente, essa crítica deve ser feita a todo tipo de documentação, mas no caso da obra literária, ela deve ser historiada: quem é o autor, quais são as possíveis intenções dele com aquela obra, para qual sociedade ele escreve, quais são as suas condições de produção, qual o contexto histórico de criação, as críticas sofridas, a relação com o real abordado, ou seja, é preciso buscar a “lógica social”⁶⁶ da literatura.

É relevante inserir a obra no contexto histórico de produção e de narrativa. Ao ampliar o olhar, os textos literários de Bernardo Taveira Junior encontram-se

⁶³ CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. IN: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002, pp. 16-17.

⁶⁴ PESAVENTO, História &..., p. 39.

⁶⁵ BURKE, Peter. Problemas da história cultural. IN: BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 33.

⁶⁶ CHALHOUB; PEREIRA, *op. cit.*, p. 08.

inseridos na imprensa e os objetivos do periódico (redatores, editores, políticos) e os aspectos estruturais (tiragem, localização da matéria) deverão ser compreendidos, pois são itens que influenciam os textos impressos, por estarem envoltos a interesses de terceiros.

Através destes questionamentos é possível aproximar-se de outra particularidade fundamental da obra literária: o imaginário. Esse conceito é caracterizado como um sistema de imagens – visuais, verbais e mentais – e por ideias de representações coletivas constituídas pelos homens – discursos, sons, imagens, materialidades, mitos, ideologias, valores e vários outros – em determinadas épocas, tendo o real como referência. Além disso, abrange todas as representações – individuais ou coletivas – de uma dada sociedade.

Os estudos do imaginário trouxeram uma nova perspectiva à recuperação das formas de sentir, ver e expressar o passado por intermédio das representações. “O imaginário se ofereceu como a categoria preferencial para exprimir a capacidade dos homens para representar o mundo.”⁶⁷ Nesse sentido, aponta-se a literatura como uma fonte privilegiada de acesso ao imaginário de diferentes épocas, uma vez que o literato escreve sobre o real no qual está imerso, representando-o através de sua narrativa:

A literatura traz à tona questões humanas, dos sentimentos e das emoções, permitindo que o leitor se sinta *na pele* de personagens, identificando-se com eles. Através da imaginação, sua narrativa faz com que o leitor se transfira para o ambiente onde se desenrola a história. Sua capacidade de recriação da realidade permite a quem lê emocionar-se e impactar-se com ela, levando assim à reflexão e à possibilidade, por um momento, de uma pessoa tão distante no espaço e no tempo destes personagens estar na pele deles por um instante e compreendê-los.⁶⁸

Logo, o imaginário pode ser compreendido como um conjunto de representações que se colocam no lugar da realidade. A obra literária apresenta indícios ao historiador sobre o momento em que é composta, pois é um “registro

⁶⁷ PESAVENTO, História &..., p. 45.

⁶⁸ ZECHLINSKI, Beatriz. História e literatura: questões interdisciplinares. **História em Revista**, Pelotas, v. 09, dez., p.08.

sensível do tempo”⁶⁹ que prioriza narrar e expressar sobre como as pessoas agiam e pensavam em um dado momento. Esse aspecto é extremamente relevante na medida em que lida-se com textos literários publicados na imprensa. Logo, refletem o que os indivíduos e o Bernardo Taveira Junior pensavam na época. Contudo, mesmo que as personagens trazidas por ele não tenham existido, elas representam indivíduos reais que estão imersos nos contextos históricos.

Para Beatriz Zechlinski, essas vidas foram deixadas de lado, suprimidas por uma historiografia de análise *macro*, porém a literatura valorizava as ações humanas e os sujeitos na construção da sociedade.⁷⁰ Podemos refletir sobre a própria escrita da história do século XIX e meados do século XX, que preconizava os grandes homens e seus respectivos feitos além de supervalorizar a história política e elitizada, culminando em uma historiografia “vista de cima”.

Com a Nova História, os historiadores direcionaram a atenção para a história “vista de baixo”⁷¹, preocupando-se com os indivíduos até então esquecidos pela historiografia: mulheres, negros, operários, entre outros. A literatura, ao contrário da história, se ocupava das personagens mais diversas, proporcionando *insights*, questionamentos ao historiador e possibilidades de preencher uma lacuna deixada pelos documentos.

Além disso, o gênero literário é capaz de registrar as sensibilidades – sensações, emoções, sentimentos, angústias, anseios e sentimentos – das personagens e, porque não afirmar, do escritor sobre o período narrado. Esses aspectos subjetivos são vistos pelo historiador na literatura, mas raramente são encontrados em outro tipo de documentação. A sensibilidade faz parte de seu aparato literário, deixando transparecer em sua obra, ou nas entrelinhas, os aspectos subjetivos e sensíveis que o historiador busca para compreender um dado período.

⁶⁹ PESAVENTO, Sandra. Esse mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 30, 2002, p. 57.

⁷⁰ ZECHLINSKI, *op. cit.*, p. 08.

⁷¹ Sobre isso ver: HOBBSAWM, Eric. A história de baixo para cima. IN: HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 2013, pp. 280-300; SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, pp. 39-63.

Não obstante, a literatura e a história se aproximavam, principalmente, devido a questão da narrativa e se distanciavam pela concepção da ficção. Desde 1930, havia certo consenso que as afinidades entre ambas seriam apenas superficiais, sendo reduzidas ao máximo pela forma textual.⁷² Essa perspectiva somente foi alterada nas últimas décadas do século XX, com a proposta de “retorno” da narrativa a partir da publicação do texto *The revival of narrative: reflections on a new old history* por Lawrence Stone. A partir dessa publicação, criam-se debates no âmbito da escrita da história e da teoria literária que possibilitam conexões entre os gêneros.

Para Lawrence Stone⁷³ a narrativa é uma forma de escrita da história que afeta e é afetada pelo conteúdo e pelo método, apontando como a primeira como a causa para o ressurgimento da narrativa, a desilusão com o modelo determinista de explicação histórica⁷⁴ e a tríplice disposição hierárquica por ele originada – primeiro vinham os fatos econômicos e demográficos, depois a estrutura social e, por fim, os desenvolvimentos culturais, políticos, religiosos e intelectuais.

Basicamente, para esses modelos científicos, a história deveria se ocupar do *por que* e não com o *que* e *como* enfatizados pela narrativa. Na prática, existia um apagamento do indivíduo em prol de categorias mais abrangentes como, por exemplo, sociedade, estatísticas e modos de produção.⁷⁵ Objetivava-se, em primeiro lugar, a análise dos dados obtidos através das fontes históricas e não a sua descrição ou arranjo cronológico. Essas questões encontram-se ligadas ao movimento *annalista*, que propunha o pensamento de uma história-problema e a análise das estruturas, rompendo com a história tradicional (*événementielle*).

A volta da narrativa culmina com o interesse dos historiadores em aproximar-se do público leigo disposto a aprender sobre as questões históricas, mas deixando de lado as tabelas estatísticas e os dados inovadores. Nesse ponto, os

⁷² FERRERIA, Antonio Celso. A narrativa histórica na prosa do mundo. *Itinerários*, Araraquara, n.15/16, 2000, p. 133.

⁷³ STONE, Lawrence. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. IN: NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio F. da (org.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 10.

⁷⁴ Para Stone, nos últimos trinta anos apareceram três tipos diferentes de história científica – o modelo econômico marxista, o modelo ecológico-demográfico francês e a metodologia “cliométrica” americana – que mantinham em comum uma proposta de uma história afastada da narrativa.

⁷⁵ VASCONCELOS, José Antonio. A história e a sedução da narrativa. *Revista Uniandrade*, Paraná, v.11, n.02, jul-dez, 2010, p. 22.

pesquisadores voltaram-se para questões de interesse de toda a sociedade: a natureza, o poder, o trabalho, o lazer, o amor, o medo, o desejo, o ódio, o casamento, a nação, a vida, enfim, o cotidiano como um todo. Quando os historiadores buscaram essas novas questões e objetos para suas análises, ocorreu um regresso à forma de escrita narrativa, que propiciou a influência pela antropologia, o aumento do interesse pelos padrões de comportamento, de sentimentos, de emoções, de estado de espírito e valores.

Em contrapartida, Roger Chartier aponta que ocorreu uma conscientização dos historiadores ao perceberem que seus discursos sempre foram escritos no formato de narrativas, mesmo ao escreverem a história de maneira estrutural ou quantitativa como, por exemplo, quando compartilham as categorias fundamentais da narrativa.⁷⁶ Nesse sentido, não houve um “retorno” da narrativa, pois o gênero não havia sido completamente abandonado.⁷⁷ Assim como Chartier, Paul Ricoeur defende que a narrativa não chegou a ser completamente abandonada na prática historiográfica no início do século XX, apenas ocorreu um “eclipse”⁷⁸.

Concorda-se com essa perspectiva apresentada por Chartier e Ricoeur, pois a escrita em si, a forma de organização textual, é apresentada sob a ótica narrativa, sob um viés que relata acontecimentos em um espaço e tempo determinado. Mesmo que seja uma história-problema, como a *annalista*, ou uma história econômica e social, como a marxista, a estrutura textual é uma narrativa.

Contudo, existia uma relutância em considerar os textos sobre essa ótica, uma vez que esses historiadores criticavam seus antecessores por narrarem os acontecimentos e fatos sem qualquer crítica, questionamento e/ou interferência. Ou seja, o que as fontes diziam era a verdade absoluta transcrita em um texto. Para Michel de Certeau, “o discurso histórico pretende dar um conteúdo verdadeiro (que vem da verificabilidade) mas sobre forma de uma narração”⁷⁹.

Apesar dessa “consciência”, o gênero sofreu muitas críticas, e ainda sofre, por causa ideia da reaproximação com a literatura e com a história positivista. Os

⁷⁶ CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, pp. 07-18.

⁷⁷ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 07, n. 13, 1994, p. 99.

⁷⁸ RICOEUR, *op. cit.*, pp. 137-173.

⁷⁹ CERTEAU, *op. cit.*, p. 100.

historiadores marxistas, por exemplo, acreditavam que a narrativa preocupava-se com fatos isolados, sem o social.

Eric Hobsbawm critica o artigo de Lawrence Stone, pois acredita que houve uma mudança na escrita da história, mas é difícil denominar que esse fato representaria o regresso da narrativa como definida por Stone⁸⁰. De qualquer modo, apesar das críticas, o texto de Stone possibilitou uma nova abertura para o diálogo acerca da história enquanto narrativa.

Na obra *Como se escreve a história*, Paul Veyne expõe que a história não é uma ciência, pois não possui leis próprias, e o seu modo de explicar é o de fazer-se compreender. “A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso.”⁸¹ Assim, pode-se concluir que o trabalho de Veyne, em certo ponto, aprofunda os debates em torno da narrativa histórica.

Seguindo o pressuposto aristotélico de que a história busca o que *efetivamente aconteceu*, Paul Veyne expõe que os historiadores narram fatos verdadeiros - com o homem no papel principal -, porém a problemática da obra é a afirmação da história como um romance verdadeiro, relato do que ocorreu em uma época. Para ele, a história é anedótica e interessa somente porque é uma narrativa, assim como o romance. Porém, ao contrário do romancista, o historiador tem por interesse alcançar a verdade, o principal ponto que difere a história de uma narrativa literária.

Como um “romance real” ou “apenas uma narrativa verídica”, Veyne compara o ato de “criação” do historiador a um romancista, pois à medida que ele encontra os documentos, seleciona e organiza-os, compõem um século em uma página. Contudo, esse ato de criação não é sinônimo de invenção do passado, mas sim uma forma do historiador elaborar uma versão a partir das fontes históricas que ele pesquisa, recorta e organiza ao seu modo.

Diante disso, Paul Veyne estabelece a noção de trama – tecido que constitui a forma da narrativa histórica – uma vez que os fatos não existem isoladamente, o

⁸⁰ HOBBSAWM, Eric. A volta da narrativa. IN: HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 2013, pp. 260-267.

⁸¹ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1982, p.11.

historiador realiza recortes e “costuras”, de modo que molde, explique e mostre o desenvolvimento da trama para fazer-se compreender, dando importância a determinados fatos em detrimento de outros. Por conta disso, o autor afirma que não existe o termo história com letra maiúscula, visto que o acontecimento só tem sentido se inserido em uma série organizada pelo historiador.

Na mesma linha de pensamento, Hayden White estabeleceu os elementos poéticos contidos na história do século XIX, ao aproximar a história da literatura. Para o autor, tanto os historiadores quanto os escritores de romances desejam oferecer uma imagem verbal acerca da realidade. O historiador proporciona uma imagem da realidade de forma direta, ao contrário do romancista, que apresenta a realidade de forma indireta, a partir de técnicas figurativas. Contudo, embora eles se interessem por diferentes eventos – históricos e ficcionais, respectivamente – os objetivos da escrita, a forma de seus discursos e as estratégias ou técnicas de composição são os mesmos, ou seja, os dois almejam ser uma forma de representação. E Hayden White vai mais longe ao afirmar:

Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.⁸²

Aqui, enfatiza a proximidade da história com a literatura e rechaça o estatuto científico da disciplina. O autor intui que suas afirmações provavelmente não serão bem recebidas pelos historiadores mais conservadores⁸³ e, também, por alguns críticos literários, visto que existe um consenso de que história e ficção possuem discursos distintos. A oposição entre as duas formas de escrita ficou evidente a partir do século XIX, como anteriormente já citado, pois os historiadores do período não compreendiam que fatos são neutros e não falam isoladamente, mas sim que o

⁸² WHITE, *op. cit.*, p. 98

⁸³ Sobre as críticas ao trabalho de Hayden White ver: MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da história: Hayden White e seus críticos**. 2008. 179f. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

historiador fala por eles, moldando-os, selecionando-os e organizando-os da melhor forma para compor sua explicação.

Esse processo de “costura” parte do mesmo princípio do romancista que agrupa fantasias produzidas pela sua imaginação por meio da subjetividade, ou seja, a elaboração do enredo do historiador parte da subjetividade na escolha de temáticas e de alguns acontecimentos em prol de outros. Além disso, ambos organizam a narrativa de forma semelhante. White compreende que esse mecanismo de fundir os eventos é um processo poético:

Os acontecimentos são *convertidos* em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição de motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça.⁸⁴

Esses acontecimentos não apresentam um tipo de discurso intrínseco, por exemplo, trágico ou cômico, e cabe ao historiador desenvolver a forma de enredo que deixe os seus fatos mais bem estruturados. A questão basilar é que a história pode ser contada de diferentes modos e perspectivas, dependendo do historiador que a narra e da ênfase atribuída a determinados fatos. Por fim, os acontecimentos tornam-se elementos de estória e são unidos pelo historiador através das mesmas estratégias tropológicas do romancista.

Hayden White aprofundou a análise dos tropos de linguagem e suas estratégias para alcançar a “impressão explicativa” na obra *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*⁸⁵. Nesse livro, ele apresenta a história da consciência histórica na Europa do século XIX e almeja contribuir para a discussão do problema do conhecimento histórico. Para isso, parte do princípio que todo o trabalho histórico é uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa e analisa a obra de quatro historiadores – Michelet, Ranke, Tocqueville e Burckhardt – e seus quatro correspondentes na filosofia – Hegel, Marx, Nietzsche e Croce – a

⁸⁴ WHITE, *op. cit.*, p. 100.

⁸⁵ WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2008.

fim de identificar os tropos poéticos (estilos retóricos) utilizados por eles para construir seus textos.

White concluiu que os autores estudados utilizavam os mesmos tropos de linguagem que os romancistas: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Dessa forma, o autor reforça a ideia da história contemplar elementos literários. Além disso, distingue três tipos de estratégias que, provavelmente, foram utilizadas por esses autores para alcançar a “impressão explicativa”: quatro modalidades de elaboração de enredo (comédia, tragédia, sátira e romance), quatro modalidades de argumentação formal (formismo, organicismo, mecanicismo e contextualismo) e quatro modalidades de implicação ideológica (anarquismo, conservadorismo, radicalismo, liberalismo). A combinação entre as três estratégias de explicação, para White, implicam no estilo historiográfico.

Peter Gay analisou o estilo na história⁸⁶ demonstrando que a dicotomia entre arte e ciência é insustentável, pois ambas não se separam nitidamente. A ideia de estilo vem arraigada a uma ambiguidade central: há que se dar prazer e informação – beleza e verdade. Desse modo, o historiador é considerado um escritor profissional – devendo proporcionar fruição ao leitor sem comprometer a verdade e, com isso, seu estilo será uma ferramenta convencional – e um leitor profissional – valorizando a qualidade literária e exercendo a função de objeto de satisfação.

Para Peter Gay, dentre os diversos estilos existentes – de vida, de pensamento, o profissional, o emocional etc. – o que se apresenta como o de maior importância é o literário, pois o emprego de recursos retóricos, o ritmo da narração e o manejo das frases também são competências dos historiadores. Nesse sentido, propõe que a história é uma arte durante uma boa parte do tempo, entretanto não é arte o tempo todo, já que a história tem uma obrigação com a verdade, uma vez que “a verdade é um instrumento opcional da ficção, não sua finalidade essencial”⁸⁷. Para o autor, o notável na ficção é o seu caráter de liberdade, pois a literatura caracteriza-se pela escrita mais livre e com menos pressupostos teóricos e metodológicos.

⁸⁶ Nesta obra, Peter Gay analisa o estilo na história a partir de quatro historiadores: Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt. Cf. GAY, Peter. **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras: 1990.

⁸⁷ GAY, *op. cit.*, p. 172.

Peter Gay corrobora com os pressupostos de Hayden White e Paul Veyne. Eles observam uma ligação entre a história e a literatura, principalmente na forma de compor ou “criar” a narrativa. Historiadores e literatos organizam acontecimentos, fatos, assuntos, personagens, cenários, através de uma estrutura, enredo ou trama. Pelo fato do historiador fazer uma escolha, selecionar, montar, recortar e optar por um acontecimento em detrimento de outro, ele pode ser comparado a um escritor, um romancista ou um literato. Além disso, em função dessas “tarefas narrativas” ele também ocupa o posto de narrador.

Esse ato de “costura” comporta a ficcionalidade do texto histórico. Contudo, não podemos defini-lo simplesmente como ficção, por mais que os historiadores utilizem elementos, perspectivas e mecanismos literários. O historiador possui limites que delimitam o seu fazer historiográfico: o arquivo, as fontes históricas, o acontecido. Em suma, a história é uma “ficção controlada”⁸⁸ por esse aparato teórico-metodológico. Por isso, é propício utilizar a perspectiva de Carlo Ginzburg, que apresenta a palavra *fictio* ligada a *figulus* – oleiro⁸⁹, aquele que cria a partir de algo, ou seja, este algo que o historiador se baseia para criar a sua narrativa está nas fontes históricas, resquícios, traços, registros, fragmentos de um acontecido.

Ademais, por mais que a história utilize recursos fictícios, a busca pela realidade dos fatos – do real acontecido –, a pesquisa em fontes e o surgimento de novos debates e questionamentos, afasta os gêneros, uma vez que a história é controlada pelas “estratégias de argumentação e pelos rigores do método”,⁹⁰ ou seja, uma versão do passado deve ser comprovada através da exibição de fontes utilizadas, citações, bibliografia e notas de rodapé. De certa forma, essas questões mostram o caminho percorrido pelo pesquisador que, em certa medida, “comprovam” os resultados para os leitores e para seus pares, deixando o trabalho mais “científico”.

Em contraponto, o romancista não necessita de tais estratégias, pois foca apenas na qualidade da escrita, na retórica, na coerência do texto. Afinal, como apontou Ricoeur, “ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta

⁸⁸ PESAVENTO, História &..., pp. 67-68.

⁸⁹ GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁹⁰ PESAVENTO, História e literatura..., p. 19.

de um devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente”⁹¹.

Não podemos negar a importância dada à literatura nas últimas décadas do século XX para compor a miríade de fontes dos historiadores. Isso se deve, em boa parte, porque o historiador se vale de marcas incompletas e fragmentadas – testemunhos e documentos – para escrever sua narrativa e a literatura proporciona uma visão nova de uma época – o imaginário, as significações, as sensibilidades e as representações – ajudando o pesquisador a preencher algumas lacunas deixadas pelas fontes históricas ditas oficiais.

Contudo, tratou-se neste capítulo o diálogo entre a literatura e a história durante o transcorrer dos séculos. Apesar disso, a fonte literária foi tratada de maneira relativamente genérica neste capítulo, pois ela contempla diversas formas de escrita: peças de teatro, drama, poesia, prosa, conto etc., porém, nesta dissertação, o objetivo é analisar os folhetins e crônicas escritas por Bernardo Taveira Junior no transcorrer das décadas finais do século XIX. Dessa forma, o capítulo subsequente abordará especificamente os gêneros literários (folhetim e crônica) e sua relação com a imprensa visando uma melhor compreensão dos pormenores de cada forma literária.

⁹¹ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007, p. 275.

CAPÍTULO 02 DAS LETRAS TIPOGRÁFICAS FEZ-SE A LITERATURA: FOLHETINS E CRÔNICAS EM BUSCA DE LEITORES

*“A literatura não permite caminhar, mas permite respirar”
(Roland Barthes)*

Ao folhear a imprensa do século XIX depara-se com a marcante presença da literatura através de folhetins, crônicas e, principalmente, devido a participação de escritores nas redações dos periódicos. Eles introduziram o seu olhar sobre a sociedade, por meio de críticas e comentários acerca do que vivenciavam, tornando o jornal mais atraente e informativo aos leitores. Literatos como Bernardo Taveira Junior encontraram nas letras tipográficas um local para divulgação de suas obras⁹², proporcionando certo reconhecimento no meio letrado. “Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa.”⁹³

Em contrapartida, a literatura, mesclando-se com a escrita jornalística, adquiriu e ampliou o seu espaço à medida que o público leitor crescia e o jornal, teoricamente, tornava-se uma leitura barata e de fácil consumo para todas as camadas sociais. Ademais, a literatura também se tornou um gênero voltado para as questões políticas e sociais depreendidas no país. Diante disso, Bernardo Taveira Junior encontrou nas crônicas e folhetins um espaço para denunciar, evidenciar e criticar a cidade e a sociedade pelotense.

Por conseguinte, o capítulo visa compreender como os folhetins e as crônicas foram publicados pela imprensa, dando ênfase para a participação de Bernardo Taveira Junior na imprensa pelotense. Na qualidade de forma literária ou como fonte histórica, é necessário compreender como os gêneros foram constituídos, as peculiaridades, as características, as formas e os conceitos. Assim, as narrativas de Bernardo serão analisadas com um melhor embasamento teórico e com a intenção de definir como o escritor as utilizou para narrar suas histórias. Todavia, quando ele

⁹² Além de Bernardo é possível citar a participação de escritores renomados da literatura nacional, como por exemplo: Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Euclides da Cunha, entre outros.

⁹³ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 192.

começou a sua carreira de literato e colaborador de periódicos, a imprensa já se apresentava como um gênero híbrido que mesclava literatura e jornalismo, mas nem sempre foi assim!

2.1 Antecedentes: A imprensa de política a literária

*“O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia?”
(Caetano Veloso)*

Desde o seu surgimento, em 1808⁹⁴, a imprensa era determinadamente política, pois quase tudo que constava nas folhas tipográficas apresentava esse conteúdo. Essa perspectiva também estava atrelada ao próprio desenvolvimento da tipográfica no Brasil, que fora resultado de um processo histórico e, coincidentemente, político, envolvendo a fuga da Família Real para o Brasil⁹⁵. Evidentemente, foi imprescindível que a imprensa fizesse parte do cotidiano da corte portuguesa instalada no Rio de Janeiro, sobretudo devido a necessidade de divulgar leis, notícias e proclames burocráticos.

Portanto, a implantação da imprensa foi um dos indícios que marcou o momento no qual o Brasil deixou de ser colônia para ser a sede do governo português, alterando, conseqüentemente, seu *status* econômico, político, social e cultural. Todavia, a censura nos meios impressos perduraria até o ano de 1821, ou seja, nada era impresso sem o exame prévio do governo e, além disso, nada contra o governo seria publicado. Aliás, esse fato apenas modificou-se com o

⁹⁴ No Brasil, a primeira publicação oficial foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808, publicada de duas a três vezes por semana a partir da Imprensa Régia. O cotidiano do Rio de Janeiro passou a ter um veículo capaz de suprir e divulgar algumas necessidades econômicas, culturais e sociais. Contudo, antes da impressão da Gazeta, foi impresso em Londres, no dia 01 de junho de 1808, o jornal *Correio Braziliense* que tinha como objetivo informar os leitores brasileiros dos acontecimentos mundiais – por exemplo, a trajetória de Napoleão, o processo de Independência das colônias espanholas etc. – influenciando-os com ideias liberais, criticando o Absolutismo, as autoridades portuguesas, a administração, a escravidão, entre outros temas.

⁹⁵ A Família Real veio para o Brasil fugindo da onda Napoleônica que se propagava pela Europa. A França exigia que Portugal rompesse com a Inglaterra – único país que desafiava a França – e a Inglaterra tentava manter Portugal sob seus domínios. Napoleão Bonaparte avançava sobre a Espanha e pretendia chegar a Portugal com o propósito de dominar suas colônias. Portugal aceita a proteção inglesa e Dom João embarca rumo ao Brasil.

desenvolvimento da Revolução Constitucionalista do Porto⁹⁶, que conquistou algumas mudanças em Portugal e proporcionou reflexos determinantes no Brasil.

Com a conquista da liberdade de imprensa, os jornais compuseram o cotidiano brasileiro, sendo vistos como espaços públicos passíveis de difundir ideias variadas. Todavia, permaneceu o predomínio da questão política, uma vez que o Brasil passava pelo processo de retorno de D. João VI a Portugal, posteriormente, pelo processo de Independência, pelas revoltas regenciais etc. O país atravessou um momento tempestuoso politicamente e isso repercutiu nos impressos que se consolidavam e cresciam em diversas Províncias.

Isabel Lustosa aponta claramente o papel da imprensa no jogo político do século XIX⁹⁷. Os jornais tornaram-se um espaço público para debater, discutir e propor soluções para o país, transformando-se em um “teatro performático”⁹⁸, espaço de lutas, de poder e de conquistas. Com isso, o jornalismo do Império brasileiro foi marcado pelo predomínio de interesses políticos, de aspectos doutrinários e de posicionamentos ideológicos de editores, redatores e jornalistas.⁹⁹ Porém, cabe ressaltar que o espaço impresso era limitado a uma minoria alfabetizada e culta que se envolvia nas disputas políticas do período¹⁰⁰.

⁹⁶ A Revolução de 1820 teve como objetivo encontrar saídas para a crise econômica, política e militar que Portugal passava, acelerando o processo de autonomia política e, por consequência, favorecendo a ampliação e a liberdade impressa. Com isso, os reflexos na Colônia eram inevitáveis. Primeiramente, em 21 de setembro de 1820, a Junta Provisória decretou a liberdade de imprensa portuguesa. Sem embargo, no Brasil, D. João VI postergou essa concessão, sendo apenas outorgada em 02 de março de 1821.

⁹⁷ A autora aponta que o *Despertador Braziliense* foi o primeiro grito da Independência do país, somado *A Malagueta* que também fazia coro contra as medidas portuguesas. Os periódicos lideraram o movimento pela permanência de D. Pedro no Brasil e reafirmaram o repúdio as medidas das Cortes, conquistando, assim, a permanência de D. Pedro no Brasil, em 09 de janeiro de 1822. Impulsionado pela expansão da palavra impressa, o *Correio do Rio de Janeiro*, em abril de 1822, divulga a campanha pela constituição brasileira, intensificando o debate público sobre o tema. Cf. LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003; LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

⁹⁸ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 49.

⁹⁹ Justamente, essas características marcantes da imprensa periódica do século XIX fizeram-na ser renegada como fonte histórica. Assim como a literatura, como visto no capítulo anterior, a imprensa não apresentava a verdade dos fatos, tampouco oferecia credibilidade e legitimidade, sendo renegada pela historiografia. Todavia, o historiador atento deve perceber os detalhes – redatores, editores, jornalistas, partidos políticos, tiragens, relação com o governo etc. – que se encontravam intensamente relacionados com o teor, o debate e a postura de um periódico frente a uma determinada notícia e época.

¹⁰⁰ Sobre o número de alfabetizados em cada Província ver anexo A.

Esse jornalismo predominantemente político foi criticado por Bernardo Taveira Junior, uma vez que “levados por interesses pessoais, arrastados por paixões que não os deixam ver senão as conveniências de certo círculo do partido ao qual dizem pertencer, eles, para não faltarmos à verdade, dispõem a bel-prazer da sua *imprensa*”¹⁰¹. Nessa crônica, o escritor critica a disputa partidária na qual a imprensa encontrava-se imersa, pois existia um predomínio de disputas políticas e ideologias entre os periódicos.

Após a promulgação da Independência, o Brasil buscava uma “alma de nação”, com a intencionalidade de formar uma identidade nacional. Esse fato foi impulsionado pela criação, em Paris, do periódico *Niteroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes* (1836)¹⁰², formado por um grupo de brasileiros que juntos publicavam artigos sobre literatura, música, economia, entre outros. Em suas páginas, foram impressas as primeiras manifestações do romantismo brasileiro¹⁰³.

Por intermédio dessa revista e de outras que surgiram posteriormente, os intelectuais brasileiros passaram a produzir conteúdos efetivamente nacionais. Durante o período do Segundo Reinado, iniciado em 1840 com a declaração da maioria de D. Pedro II, a imprensa presenciou uma nova etapa, deixando um pouco de lado o jornalismo exclusivamente político, concentrando-se na proposta de aumento das tiragens e em um processo de modernização.

Esse fato aconteceu, também, em decorrência da modificação da imprensa europeia. Com a criação, desenvolvimento e sucesso do romance-folhetim na imprensa francesa e a presença de literatos compondo as redações, os jornais brasileiros, e, provavelmente, os mundiais, modificaram o seu conteúdo e o seu

¹⁰¹ *Questões sociais III, Diário de Pelotas*, 13/03/1879. Material encadernado. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. (BTJ – 005).

¹⁰² Além deste jornal, Ribeiro destaca o *Jornal Literário, Político e Mercantil* (1813), *Anais Fluminenses, Artes e Literatura* (1822), *Jornal científico, Econômico e literário* (1826), o *Beija-flor – anais brasilienses de ciências políticas e literatura* (1830) e a *Revista Brasileira de Ciências, Artes e Indústrias* (1830). Cf. RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004, p. 161.

¹⁰³ Sobre o romantismo brasileiro ver: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006; CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2007; RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação do Brasil (1830 – 1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

corpo editorial visando obter o sucesso que os franceses haviam conquistado através do “jornalismo literário”¹⁰⁴.

A partir da década de 1860 houve uma expansão das revistas literárias¹⁰⁵ que almejavam ser um meio de entretenimento exclusivamente literário e um veículo para a propagação cultural, porém o principal meio para difundir as obras literárias e seus respectivos escritores eram os jornais periódicos,¹⁰⁶ que se aproximava, de certa forma, da proposta do jornalismo literário europeu. Todavia, o público leitor e o contexto histórico eram completamente diferentes. Apesar disso, a proposta híbrida do jornal foi mantida e chegou até as mais longínquas Províncias e cidades do interior.

Em Pelotas¹⁰⁷, por exemplo, a imprensa na qual Bernardo Taveira Junior publicou seus textos literários surgiu tardiamente, apenas em 1851, por intermédio do jornal *O Pelotense*. Nasceu embebida da mistura de jornalismo e literatura, afinal

¹⁰⁴ Esse conceito contempla seis linhas de análises, compreendidas por Felipe Pena como subgêneros do jornalismo literário. No Brasil as classificações referem-se: ao período em que os literatos assumiram posições de jornalistas, participando das redações, publicando crônicas e folhetins, principalmente no transcorrer do século XIX; a crítica literária veiculada em jornais associada com o movimento do *New journalism* (1960); incluindo romances-reportagem, ficção-jornalística e biografias. Héris Arnt notabiliza a relevância do jornalismo literário europeu, principalmente nas décadas iniciais do século XIX, quando o público estava ávido por leitura – a sociedade estava se alfabetizando em meio à industrialização e a urbanização constante – e o jornal se apresentava a população em massa como um texto de baixo custo, se comparado a um livro. No Brasil, o jornalismo literário, apesar de possuir um importante papel cultural, nunca chegou a representar de fato uma penetração ampla no seio da sociedade, como aconteceu em outros países. Isso ocorreu, principalmente, por causa da ausência de programas de alfabetização, dificultando o acesso do povo à leitura, e do próprio jornalismo literário de ascender. Apesar disso, a imprensa foi importante para que os escritores começassem a publicar seus primeiros textos com suas ideias, denúncias e críticas a aspectos da sociedade e do cotidiano. Não obstante, a fim de delimitar o jornalismo literário brasileiro, Héris Arnt propôs como data inicial o ano de 1852 com a publicação, no *Correio Mercantil*, do folhetim *Memórias de um Sargento de Milícias* cuja autoria é de Manuel Antônio de Almeida. E, 1907, ano da morte de Machado de Assis, como a data final do jornalismo literário. Essa delimitação pode ser questionada. Primeiramente, pela datação do período sem levar em consideração escritores que atuaram na imprensa brasileira durante o século XX como, por exemplo, Lima Barreto, João do Rio, Olavo Bilac. Contudo, a delimitação da autora se ampara nas modificações sofridas pela imprensa na virada do século XIX para o XX. Cf. ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2001; PENA, Felipe. **O jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁰⁵ RIBEIRO, *op. cit.*, p.161

¹⁰⁶ Por exemplo, o *Jornal do Comércio* reuniu os melhores intelectuais do período em sua redação, destacando Manuel Antônio de Almeida, tradutor e folhetinista. Já o *Correio Mercantil* trouxe para sua redação José de Alencar, que, posteriormente, foi para o *Diário do Rio de Janeiro*. Machado de Assis estreava na *Marmota*, passando pelo *Correio Mercantil*, *Espelho*, *Diário do Rio de Janeiro*, entre outros. Cf. SODRÉ, *op. cit.*, 190-194

¹⁰⁷ A imprensa na Província do Rio Grande do Sul nasceu em 1827 a partir da publicação do *Diário de Porto Alegre* - espaço destinado a propaganda oficial do governo. Como o contexto nacional já apontava os aspectos políticos como as principais notícias, no Rio Grande do Sul os jornais já surgem atrelados a este conceito, junto ao que desembocaria na Revolução Farroupilha. Cf. RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

já no primeiro periódico vislumbra-se a participação de literatos na redação, bem como a publicação de folhetins e textos literários. Da mesma forma, os jornais subsequentes mantiveram a mesma característica híbrida.

A imprensa pelotense desenvolveu-se no auge econômico da cidade, entre os anos de 1860 a 1890¹⁰⁸. Nesse período, circularam jornais diários (*Correio Mercantil*, *Diário de Pelotas*, *Jornal do Comércio*, *A Discussão*, *Onze de Junho*, *A Pátria*, *O Rio-Grandense*, *O País* e *O Comercial*), jornais literários (*Arcádia*, *Álbum Literário*, *Álbum Pelotense*, *Progresso Literário*, *Arauto das Letras* e *A Tribuna Literária*), jornais ilustrados (*Ventarola*, *Cabrion* e *Zé Povinho*), jornais abolicionistas (*A Voz do Escravo*, *A Penna*, *O Pervígil* e *O Democrata*) e jornais humorísticos (*O Invisível* e a *Revista Popular*).¹⁰⁹

Dos vinte e quatro periódicos que circularam na cidade durante o século XIX, Bernardo publicou – folhetins, crônicas, poesias, anúncios, comentários – em mais da metade. Não obstante, o escritor fez parte, por um longo período, do corpo editorial do jornal *Diário de Pelotas*¹¹⁰, chegando a destacar a importância da invenção da imprensa:

Abençoado seja em toda a parte o sublime invento de Guttemberg, e três vezes feliz todo o indivíduo que hoje em dia sabe ler! A imprensa que pelo mundo espalha o jornal – o livro cotidiano e ao alcance de todos – a imprensa é o poderoso instrumento para a realização daquela santa obra de caridade: *Instruir os ignorantes*.¹¹¹

Percebe-se, em um dado momento, que os jornais disputavam colaboradores. O jornal *Correio Mercantil*¹¹² publicou que Bernardo estava vinculado a sua redação. Logo em seguida, o *Diário de Pelotas* tratou de desmentir a afirmação: “O Sr. Taveira Junior foi sempre colaborador do *Diário de Pelotas*, ontem

¹⁰⁸ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 33.

¹⁰⁹ Sobre aspectos da imprensa pelotense ver: LONER, Beatriz. Abolicionismo e imprensa em Pelotas. **Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos: Imprensa, História, Literatura e Informação**. Rio Grande: ED. FURG, 2007, pp. 57-64; LONER, Beatriz. Imprensa. IN: LONER, Beatriz. GILL, Lorena. MAGALHÃES, Mário Osório (org.). **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2010, pp. 160-165;

¹¹⁰ O jornal foi um dos principais periódicos da cidade durante o século XIX, criado a partir do Partido Liberal, como fonte de apoio ao líder Gaspar Silveira Martins. O fundador e redator foi Ernesto Gerngross.

¹¹¹ *Cartas ao povo V, Diário de Pelotas*, 09/08/1878. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

¹¹² O jornal foi fundado por Antonio Joaquim Dias em 1875 e declarava-se como uma folha imparcial.

honrando as colunas desta folha – desde sua fundação – com os mais brilhantes escritos políticos e literários”.¹¹³ A disputa entre os jornais ficou mais evidente a partir da publicação sobre o assunto feita pelo jornal *Onze de Junho*¹¹⁴:

Já esperávamos – segundo a resposta cabal que o [...] *diário de Pelotas* deu ao *correio*, sobre a falsa notícia, dada por este, da entrada do distinto e provecto professor, Sr. Bernardo Taveira Junior, para a redação daquele órgão, vê-se que somente o pérfido e vil manejo de *uma guerra de ratos* e os desejos de uma represália mesquinha e pobre, inspiravam o *diário imparcial*. Tão certos estávamos de que a tal notícia, claramente denunciada pelo *consta*, era apenas uma grosseira invenção do *Correio*, um dos seus muitos atos de deslealdade, que não transmitimos, como imediatamente o teríamos feito, se realmente a imprensa diária tivesse feito aquisição de um tão ilustre e inteligente lidador¹¹⁵.

Desse modo, é possível perceber a importância dos escritores para a imprensa, uma vez que mantê-los como colaboradores demonstrava certo *status* de confiável para os leitores. De outro lado, principalmente com os folhetins, o público tornou-se mais fiel e assíduo, o que proporcionou um aumento significativo nas vendas, ou seja, conservar os autores em determinado periódico mantinha o público fiel àquele jornal.

Regina Zilberman ressalta que a literatura tem uma dívida com o jornalismo do século XIX, principalmente porque o jornal trouxe luz a escritores prestigiados até hoje, publicando suas obras e tendo-os em suas redações.¹¹⁶ Outra questão pertinente nessa relação entre imprensa e literatura se deve a acessibilidade do jornal em oposição ao livro.

Para Bernardo Taveira Junior o jornal era uma leitura mais acessível para a população do que um livro. Ademais, proporcionava noções variadas sobre diversos assuntos, possibilitando acompanhar os negócios sociais e políticos que ocorriam no país: “Pela leitura do jornal ele [o leitor] fica habilitado para conhecer mais ou menos

¹¹³ *Diário de Pelotas*, 23/04/1882, grifo original. Acervo: Hemeroteca da BPP.

¹¹⁴ O jornal foi fundado por Antonio da Silva Moncorvo Júnior e seguia a linha do Partido Conservador. Após um período de interrupção, voltou sem filiação partidária, mas defendeu fortemente a Abolição dos escravos.

¹¹⁵ *Onze de Junho*, 25/04/1882 *apud Diário de Pelotas*, 26/04/1882, grifo original. Acervo: Hemeroteca da BPP.

¹¹⁶ ZILBERMAN, Regina. Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário. *Ideias*. Jornal do Brasil, 2003.

o que em favor de sua prosperidade e bem estar fazem os seus representantes, já no governo, já nas câmaras”¹¹⁷.

Em Pelotas, assim como no restante do país, a literatura foi concebida e vinculada aos jornais. Sendo assim, ambos dialogam, se influenciam, se complementam. Conseqüentemente, os principais instrumentos dessa união foram: o folhetim e a crônica.

2.2 A trajetória do folhetim: De Paris a *Princesa do Sul*

“Na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim”
(Chico Buarque)

O folhetim – do francês, *feuilleton* – foi uma das principais ferramentas literárias a oferecer visibilidade aos escritores. O gênero nasceu na imprensa francesa durante a primeira metade do século XIX, a partir da necessidade de oferecer um momento de entretenimento aos leitores em meio as notícias mais densas do cotidiano. Surgiu como uma novidade, designando, primeiramente, o espaço da parte inferior da primeira página dos jornais para a publicação de textos de entretenimento diversos – piadas, charadas, novidades, poesias, variedades etc. – separados por um fio horizontal (Figura 01).

Contudo, no ano de 1836, o jornalista e proprietário do jornal francês Émile de Girardin, inspirado no sucesso dos melodramas encenados nos teatros, com duelos, raptos, assassinatos e outros elementos “sensacionais”¹¹⁸, associou-se com Dutacq, do jornal *La Siècle*, para criar a ficção em partes sequenciadas. Antes, o folhetim era considerado como sinônimo de variedades; agora adquire o *status* de “romance-

¹¹⁷ *Questões sociais I, Diário de Pelotas*, 08/03/1879. Material encadernado. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. (BTJ – 005).

¹¹⁸ ESTEVES, Lenita Rodrigues. A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, nº 42, jul-dez, 2003, pp. 135-143.

folhetim", ou seja, partes fragmentadas e sequenciadas de romances publicados no rodapé dos periódicos.

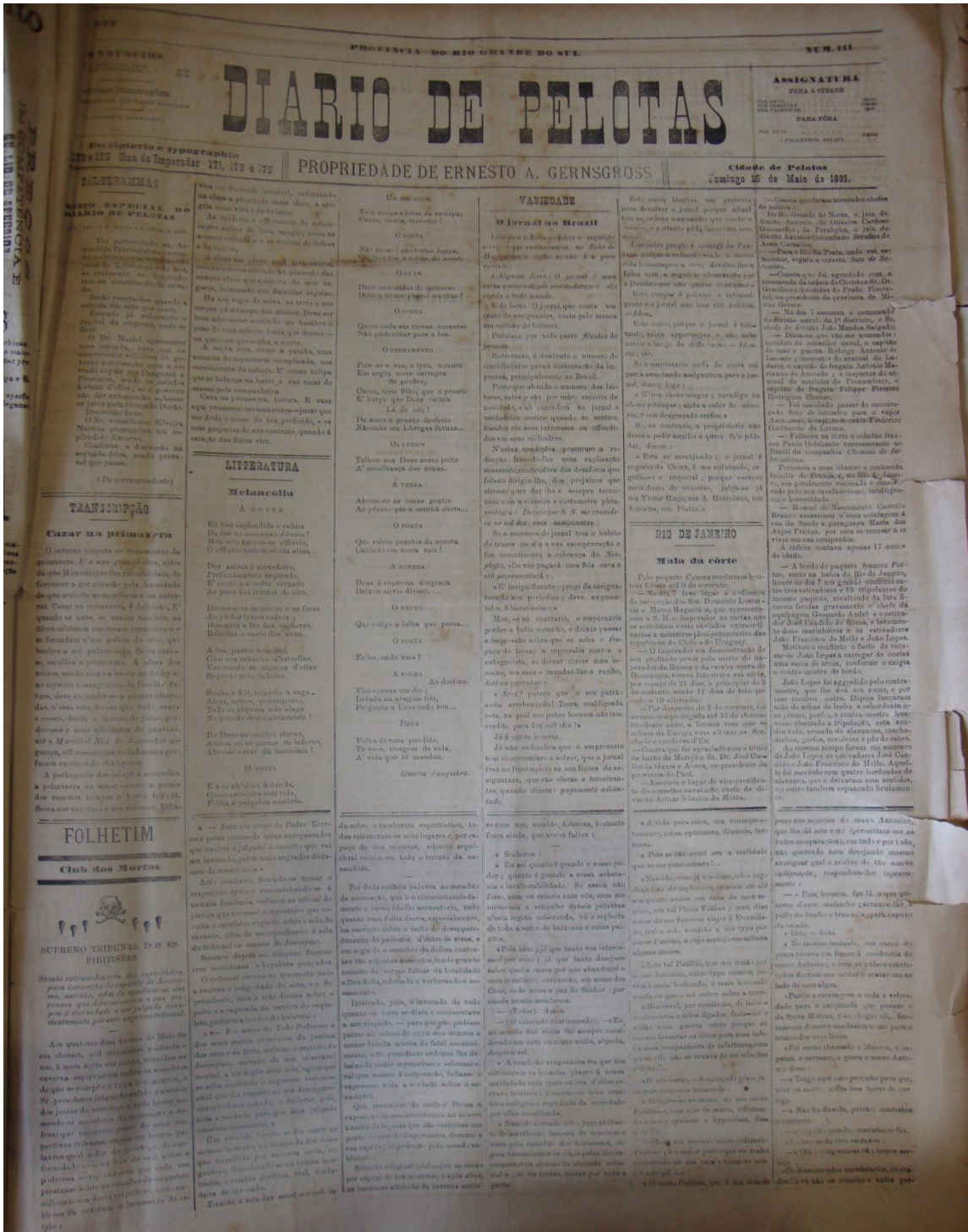


Figura 01: Página inicial do Diário de Pelotas. Fonte: Diário de Pelotas, 15/05/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

A história do folhetim francês pode ser dividida em três séries ou marcos, como propôs Marlyse Meyer.¹¹⁹ A primeira fase, compreendida entre os anos de 1836 a 1850, foi marcada pela busca, realizada por Émile de Girardin, de um jornal mais acessível, que atraísse mais leitores fiéis e possibilitasse o acesso a literatura. Para Meyer, é nesse momento que o folhetim ganha suas especificidades, quando tornou-se o *filé mignon* dos periódicos e se apresentou como um gênero específico do romance. Nessa primeira fase, destacam-se os escritores Alexandre Dumas e Eugène Sue.¹²⁰

Ao apresentar uma sociedade com muitos pobres e poucos ricos, Eugène Sue incentivou a criação de folhetins seguindo a mesma temática. A partir do seu romance *Os mistérios de Paris* surgiu uma conscientização do público leitor culminando com a suspensão do gênero após o golpe de Luís Napoleão Bonaparte em 02 de dezembro de 1851¹²¹. O objetivo era coibir os conteúdos políticos e sociais dos folhetins. “Mas não houve como reprimir um hábito de leitura já formado. Havia somente que esvaziá-lo de qualquer conteúdo politicamente explosivo e deixá-lo expandir-se no delírio da aventura pela aventura.”¹²²

Após o golpe, Paris transformou-se a partir das modificações de ordem econômica e social, como a industrialização e a modernização. Os trabalhadores da classe operária deixaram Paris e ela tornou-se a cidade das grandes galerias, dos cafés, do *flâneur* e da burguesia. Com o crescimento da industrialização, os jornais expandiram-se, a fim de suprir o aumento crescente de público. Nesse momento, surgiu a possibilidade do folhetim retornar aos periódicos, depois da autorização de Napoleão, porém com restrições e sem conteúdo social, ou seja, o romance-folhetim

¹¹⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹²⁰ Alexandre Dumas publicou as famosas obras *O capitão Paulo* (1836), *Os três mosqueteiros* (1844) e *O Conde de Monte Cristo* (1844-1845). Contudo, destaca-se neste período o folhetim *Os mistérios de Paris* (1843), de Eugène Sue que apresentou uma visão mais realista ao extrapolar fronteiras e ganhar diversas versões como: *Os mistérios de Londres*, *São Petersburgo*, *Berlim* e *Lisboa*. No Brasil, ganhou as versões no Recife, Rio de Janeiro. Cf. NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: O folhetim nos jornais de Mato Grosso (século XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

¹²¹ Antes do golpe, foi decretada uma lei que visava eliminar da imprensa a publicação dos folhetins, através da cobrança de uma taxa ao jornal, ou seja, o que era uma prática comum entre os periódicos passará a não valer a pena aos editores que, além de pagar os folhetinistas, teriam que pagar uma taxa pela impressão.

¹²² MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, p. 15.

modifica-se e ressurgue, porém ele concorrerá com outro gênero de ficção que conquistava a imprensa: o *fait divers*¹²³.

No entanto, apesar da concorrência, o folhetim encontrou seu espaço e se destacou com o escritor Ponson du Terrail a partir da obra *Os dramas de Paris*, marcando a segunda fase do gênero, de 1851 a 1871. O grande destaque era a personagem Rocambole que tornou-se o herói de uma época, sofrendo inúmeras metamorfoses, muitas vezes morto pelo autor e ressuscitado a pedido do público.

“Delirante aventureiro a serviço das mais reles causas, tão safado quanto proteiforme, cujo mau-caratismo se conjuga a uma imperturbável audácia”¹²⁴. O Rocambole é uma personagem envolvida em aventuras, que tinha o dinheiro como finalidade e sempre atingia seus objetivos. O folhetim rocambolésco perdurou durante treze anos (1857-1870) e desapareceu somente com a morte de Ponson du Terrail.

Com o fim do romance rocambolésco o folhetim entra em sua terceira e última fase, compreendida entre os anos de 1871 a 1914. Essa fase caracterizou-se pelo romance-folhetim relatando os “dramas da vida” e “romance das vítimas”, por intermédio dos autores Xavier de Montépin e Richebourg¹²⁵. O romance da terceira fase apresentou-se como “conservador, conclamando o bom operário ao trabalho e à moral, compondo amplo quadro da mulher vítima, prostituta, deflorada, seduzida, abandonada, fatal, mãe solteira etc.”¹²⁶

¹²³ O *fait divers* apresentou-se como uma categoria de notícia cujo objetivo era relatar o cotidiano através de dramas comuns. Conforme Dion, “é a seção de um jornal na qual estão reunidos os incidentes do dia, geralmente as mortes, os acidentes, os suicídios ou qualquer outro acontecimento marcante do dia”. Caracteriza-se pela repetição dos temas e pelo ar de proximidade estabelecido com o leitor, ou seja, os detalhes minuciosamente apresentados tinham por objetivo transparecer ao leitor como aspectos de credibilidade. Esse tipo de notícia encontrava-se vinculada a transmissão oral, que, geralmente, ocorria em estabelecimentos comerciais onde as pessoas conversavam sobre os acontecimentos diários na cidade ou na região, porém “junto com estas informações úteis contava-se igualmente toda espécie de acontecimentos ‘verdadeiros e extraordinários’. Estes alcançavam um grande sucesso junto ao público”. Por intermédio de uma linguagem simples e amplamente ilustrada, os *fait divers*, relatavam os dramas familiares retirados do próprio dia a dia, na qual o leitor poderia se identificar e se reconhecer naquela leitura. Somado a isso, o sucesso tornou-se possível graças a implementação de uma imprensa voltada para a população em massa, principalmente através da criação do periódico *Le Petit Journal*, em 1863, por Moïse Polydore Millaud. Com o objetivo de atingir as novas camadas sociais, Millaud publicou um jornal com tamanho reduzido e mais acessível. Cf. DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. *Letras*, Santa Maria, n. 34, 2007, pp. 123-131. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r34/revista34_8.pdf. Acessado em: 29 nov. 2013.

¹²⁴ MEYER, Folhetim..., p. 104.

¹²⁵ *Idem, Ibidem*, p. 206.

¹²⁶ *Idem, Ibidem*, p. 206.

Com esse plano de fundo, os leitores passaram a se identificar com as personagens, pois essas comportavam histórias mais reais e sem um grande herói e, assim, proporcionava ensinamentos aos leitores. “Os folhetinistas, geralmente hábeis com o manuseio das palavras, possuíam uma grande oportunidade de interferir de forma direta na vida das pessoas”¹²⁷. Todavia, em 1914, o romance-folhetim chegou ao fim, devido a criação do cinema e com o advento da Primeira Guerra Mundial.

No transcorrer do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o folhetim vivenciou altos e baixos, mas alcançou seus principais objetivos: atingiu as diversas camadas sociais da população, gerou lucro para a imprensa e tornou os escritores conhecidos e prestigiados. Provavelmente, a maior característica do folhetim era ser um texto dedicado a todas as classes sociais, essencialmente por ser publicado na imprensa e por apresentar uma linguagem mais acessível – característica que garante ao folhetim uma exclusividade narrativa¹²⁸ – além de unir os discursos jornalísticos e literários.

Ademais, os enredos de fácil compreensão envolviam o público com personagens baseados em heróis, vilões e mocinhas. Além das personagens, o folhetim apresentava três ingredientes que compõem a força da narrativa: “história central que determina e domina toda a ação, tensão emocional e unidade de construção dos personagens”¹²⁹. Os enredos envolviam amores impossíveis, adultérios, ciúmes, aventuras, mortes, assassinatos, enfim, clichês básicos e estereótipos mantiveram o interesse do público, proporcionando risos, lágrimas e manifestações prós ou contrárias a produção.

Antonio Hohlfeldt propõe uma tipologia do romance-folhetim que considera dois aspectos: o público e o conteúdo¹³⁰. O autor designa três tipos de público. Primeiramente, um romance voltado para as mulheres, com variantes da novela atual; para os homens, destacou-se os relatos de aventura, ficção científica,

¹²⁷ GOMES, *Romances-folhetim...* p.18.

¹²⁸ PENA, *op. cit.*, p. 29.

¹²⁹ ARNT, *op. cit.*, p. 101.

¹³⁰ Essas classificações foram criadas a partir das tipologias dos romances segundo Yves Olivier-Martin, Jorge B. Rivera, Lise Quéffélec e Antonio Gramsci. Cf. HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, pp. 44-46.

policiais, chegando até aos eróticos; e, por fim, uma literatura voltada para as crianças e os jovens.

No âmbito do conteúdo, Hohlfeldt aponta onze tipos de narrativas: lacrimajante ou sentimental; alcova; histórica; modos, usos e costumes; terror e horror; capa e espada; marítimas ou de viagens; faroeste; policial; antecipação ou de ficção científica; erótica e pornográfica. Apesar dessa delimitação, Hohlfeldt alerta que ela não estaria esgotada, e que um mesmo tipo de relato pode desdobrar-se e combinar-se com outro tipo de narrativa. De qualquer modo, é interessante perceber como os folhetins se organizavam para contemplar determinados públicos.

Não obstante, outra característica peculiar do gênero, com o propósito de manter a expectativa dos leitores, era a técnica de corte: “continua amanhã ou no próximo número”. A ação das personagens era sempre interrompida no momento crucial para o desfecho da narrativa: na hora do beijo do casal protagonista, no momento do assassinato, na descoberta do assassino, no flagrante da traição, entre outras possibilidades. Além do suspense, o melodrama e o sensacionalismo também eram características dessa literatura, proporcionando um texto mais dramático e envolvente.

Ao trazer a tensão do leitor para a obra, os folhetinistas pretendiam gerar suspense e prender a atenção do leitor, criando uma expectativa em torno do desfecho da história, ou seja, os leitores ficariam curiosos pela continuação e a venda do próximo exemplar era garantida. Ademais, “facilitava a leitura, pois não era uma obra inteira a ser lida, mas fragmentos semanais ou quinzenais. A fragmentação cria um efeito psicológico de prazer em pequenas doses”¹³¹. Além do que, o folhetim era mais acessível financeiramente, pois os livros ficavam restritos a uma pequena parcela da população com renda suficiente para tal gasto.

Em decorrência da técnica do corte, o autor nunca tinha autonomia ao escrever a obra, uma vez que existia a intervenção constante dos leitores, que tinham a atuação de peça fundamental na estratégia folhetinesca¹³². À medida que o público se manifestava, por meio do aumento ou diminuição das vendas dos jornais, os autores modificavam os rumos da trama, como mais uma estratégia para manter o público fiel ao folhetim. Esse aspecto fica evidente se a questão da personagem

¹³¹ GOMES, *Romances-folhetim...*, p. 19.

¹³² PENA, *op. cit.*, p. 30.

Rocambole for retomada: a pedido do público, a personagem foi diversas vezes ressuscitada.

No que concerne à relação leitor/autor, muitas vezes a resposta do público era tão positiva que os folhetinistas aumentavam a obra, tornando-a prolixa com a inserção de novas personagens, tramas e histórias paralelas. Entretanto, essa ampliação não beneficiava apenas os leitores, mas também aos jornais e, principalmente, os folhetinistas. “O folhetim garantia não só os ganhos do jornal, como os dos próprios romancistas, que deixavam, assim, de depender da compra ocasional de seus livros em volumes e passavam a ter um ganho semanal”¹³³.

Obviamente que um gênero tão vantajoso econômica e culturalmente sairia das fronteiras francesas e ganharia o mundo. No Brasil, o gênero foi lançado a princípio no formato de traduções, impressos no *Jornal do Comércio* entre os anos de 1839 a 1842¹³⁴. Assim como no continente europeu, o sucesso do folhetim foi tão estrondoso que a maioria dos romances foram publicados primeiramente nos jornais e posteriormente compilados e editados em livros. No entanto, a prática de publicar primeiro na imprensa (folhetim ou poesias) era comum, na medida em que a impressão de livros era custosa e atingia apenas uma pequena parcela do público leitor.

“Todos os grandes romancistas do período Romântico brasileiro formam-se sob a leitura do folhetim e, ao mesmo tempo, começam a editar sob esta mesma forma”¹³⁵. Por exemplo, em 1852, Manuel Antônio de Almeida publicou o folhetim *Memórias de um Sargento de Milícias*. Logo em seguida, José de Alencar chegou à redação do *Diário do Rio de Janeiro* e neste periódico publicou o folhetim *O Guarani*, em 1857, provocando uma “explosão nunca antes ocorrida no Brasil, já com larga experiência na publicação de folhetins de procedência estrangeira. A cor local de *O Guarani* trouxe uma revolução do gênero [...]”¹³⁶.

O êxito do folhetim no Brasil aconteceu em decorrência de dois motivos: por causa do fortalecimento da imprensa, que buscava novos temas, e da receptividade

¹³³ ALVIM, Luiza. Os jornais, o romance e o folhetim. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>. Acessado em: 29 nov. 2013, p. 04.

¹³⁴ Os autores que foram traduzidos e tiveram grande sucesso foram Alexandre Dumas - com a obra *O Capitão Paulo* impresso no periódico carioca *Jornal do Comércio*, em 1838 – e Eugène Sue – com *Os mistérios de Paris*, que foi traduzido por Joaquim José da Rocha, em 1844.

¹³⁵ HOHLFELDT, *op. cit.*, p. 05.

¹³⁶ ARNT, *op. cit.*, p. 98.

da cultura francesa em oposição à portuguesa. O Brasil passou a acusar Portugal pelo seu atraso e, paralelamente, passou a absorver tudo o que vinha da França por representar progresso e modernidade¹³⁷.

Sendo assim, os folhetins foram aceitos com mais facilidade pelos brasileiros, expandiram-se rapidamente entre as Províncias e assumiram em cada lugar características próprias e particulares. Entretanto, o objetivo permanecia o mesmo: aumentar as tiragens e gerar lucro aos proprietários dos jornais.

Os jornais pelotenses também utilizaram a estratégia folhetinesca para conquistar novos leitores e aumentar suas rendas. Bernardo Taveira Junior publicou alguns folhetins no *Diário de Pelotas*, mas eles apresentavam um formato mais próximo da crônica do que do folhetim. Dessa forma, observa-se a utilização do espaço “folhetim” – pé de página – na primeira forma do gênero, como sinônimo de variedades. Efetivamente, os romances-folhetins de Bernardo foram publicados no *Progresso Literário*, entre os anos de 1877 e 1878.

Os folhetins do escritor envolveram aspectos das três fases do folhetim francês, visando tanto o público feminino quanto o masculino. Bernardo optou por narrativas que enfatizavam aspectos históricos – Guerra do Paraguai – e, principalmente, os sociais: casamentos, amores impossíveis, questões financeiras. Como folhetinista, soube utilizar os recursos editoriais para manter a atenção do leitor, como corrobora Mitizi Gomes:

Taveira Junior certamente sofreu influências do meio no qual estava inserido, ao escrever os seus romances-folhetim. Mesmo retratando problemas específicos da sociedade de que fazia parte, utilizou-se da estrutura do romance em pedaços e, por vezes, do *fait divers*. [...] Os romances-folhetim de Bernardo Taveira Junior, escritos no jornal *Progresso Literário*, se comprovam, de um lado, a absorção por parte do autor, de técnica de composição desse tipo de narrativa, deixam claro, por outro, que as histórias adaptam-se ao contexto no qual são produzidas, contribuindo, assim, para retratar e modelar a sociedade rio-grandense do século XIX.¹³⁸

De qualquer modo, fica evidente a importância dada ao gênero folhetinesco – publicado ao pé da primeira página do jornal – ocupava espaço de luxo, com

¹³⁷ NADAF, *op. cit.*, p. 42.

¹³⁸ GOMES, *Romances-folhetim...*, p. 31.

visibilidade, que proporcionava uma maior divulgação dos autores e dos textos literários, mantinha o objetivo de atrair novos leitores e barateava os custos de impressão. Ao envolver o leitor, enraizou-se no cotidiano e, principalmente, foi determinante para a história da imprensa e para o desenvolvimento de um novo gênero: a crônica.

2.3 O cotidiano em coisas miúdas: Do espaço folhetinesco surge a crônica

*“Crônicas, que são? Pretextos ou testemunhos? São o que podem ser”
(José Saramago)*

Por ser oriunda do jornalismo, a crônica antes de ter a sua forma que é conhecida atualmente, foi folhetim, publicada no espaço destinado a esse tipo de impresso, pois qualquer texto que não preenchesse as exigências jornalísticas era publicado no espaço folhetinesco¹³⁹. Por isso, Davi Arrigucci Jr. classifica o cronista primeiramente como um folhetinista.¹⁴⁰

Todavia, a palavra crônica¹⁴¹ sofreu inúmeras modificações de significado ao longo dos séculos. O termo foi empregado pela primeira vez no início da era cristã e designava uma relação ou uma lista de acontecimentos, organizados de forma linear e sequenciada, cujo objetivo era registrar e não se aprofundar em detalhes. Essa perspectiva mudou com a Idade Média, na qual os acontecimentos eram narrados em seus pormenores, em uma escrita longa, destacando-se, por exemplo, o escritor Fernão Lopes. Posteriormente, com o Renascimento, o termo passou a ser substituído por história¹⁴².

¹³⁹ NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no jornal impresso brasileiro. **Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro**. São Paulo, n.05, 2005, p. 06.

¹⁴⁰ ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. IN: ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre a literatura e a experiência. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1987, p. 57.

¹⁴¹ Etimologicamente, a palavra crônica encontra-se vinculada ao termo grego *chronos*, relativo a tempo. Na mitologia, o deus Cronos, filho de Urano (Céu) e de Gaia (Terra), casou-se com sua irmã Réia. Cronos seria destronado por um de seus filhos e, para evitar isto, devora todos seus filhos até que Réia o engana e gera Zeus. Zeus dá a Cronos uma droga que o faz vomitar todos os filhos que anteriormente ele havia devorado. De acordo com Laurito, Cronos é a personificação do tempo, sua lenda pode ser lida como uma alegoria: que o tempo, em sua passagem fatal, engole tudo o que é criado e tudo o que é criatura. Cf. LAURITO, Ilka Brunhilde. História. IN: BENDER, Flora. LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica**: História, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993, pp. 10-11.

¹⁴² MOISÉS, *op. cit.*, pp. 131-133.

Outra abordagem diz respeito às crônicas de viagem dos portugueses no século XVI para relatar as novas terras descobertas¹⁴³. Nesse contexto, insere-se a carta de Pero Vaz de Caminha destinada ao Rei D. Manuel sobre a “descoberta do Brasil”. Jorge de Sá, com o intento de definir o gênero, afirma que esta carta seria o primeiro registro da crônica no Brasil¹⁴⁴, viés igualmente defendido por Ilka Laurito¹⁴⁵. O motivo dessa atribuição refere-se ao apontamento do cotidiano vivenciado por Caminha junto aos índios, descrito e detalhado minuciosamente acerca da terra “descoberta”, a partir de uma perspectiva da crônica história. Nesse contexto, o texto apresentaria uma pluralidade de pequenos retalhos que, juntos, formariam uma unidade significativa.

Efetivamente, a transformação do termo ocorreu no século XIX a partir da relação estabelecida com o jornalismo. “Da História e da Literatura, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária para relatar os acontecimentos pessoais.”¹⁴⁶ Apesar das diversas modificações do termo, a palavra em si sempre remeteu a sua origem etimológica. Conforme argumenta Davi Arrigucci Jr., o termo pode reportar-se a inúmeros significados, porém todos implicam a noção de tempo.

A crônica moderna teria sido inaugurada em 1800 com o escritor Jean Louis Geoffroy no *Journal des Débats*, impresso no espaço do folhetim¹⁴⁷. No Brasil, a crônica foi publicada posteriormente e considerada um gênero brasileiro por Antonio Candido, porquê tem uma boa história no Brasil, naturalidade na imprensa e desenvolveu uma forma original¹⁴⁸. Essa perspectiva é igualmente defendida por Davi Arrigucci Jr.:

¹⁴³ El FAHL, Alana de O. Freitas. Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. **Anais do 4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários**, Feira de Santana, 2013 Disponível em: http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf. Acesso em: 29 nov. 2013.

¹⁴⁴ SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

¹⁴⁵ LAURITO, *op. cit.*, pp. 09-40.

¹⁴⁶ MELO, José Marques de. A crônica IN: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 141.

¹⁴⁷ MOISÉS, *op. cit.*, p. 132.

¹⁴⁸ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. IN: CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, p. 15.

Mas seria injusto reduzi-la [a crônica] a um apêndice do jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. Teve aqui um florescimento de fato surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário, muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira, uma vez que dela participam grandes escritores, sem falar naqueles que ganharam fama sendo sobretudo cronistas.¹⁴⁹

Tanto Candido como Arrigucci Jr. dissertam sobre o desenvolvimento da crônica no Brasil, contudo o principal motivo dessa ampla divulgação e o crescimento do gênero se deu devido ao suporte que a contempla: o jornal¹⁵⁰. A relação da crônica com a imprensa é indiscutível a medida que o texto é fruto de embates, disputas e diálogos de um dado período, ou seja, não se pode descontextualizá-la.

Nesse viés, a crônica tornou-se a visão de um escritor sobre um determinado acontecimento cotidiano, não distinguindo entre os grandes ou pequenos. Para diversificar os temas e os assuntos – as pessoas comuns, o dia a dia, o urbano, a modernização, a política, a religião, a economia, entre outros – fazem dos pequenos acontecimentos, das “cousas ínfimas” como apontou Machado de Assis¹⁵¹, sua matéria-prima. Devido a isso, criou-se um texto curto, efêmero, divertido, dinâmico, descompromissado, de fácil acesso e consumo, com uma linguagem acessível que beira a oralidade, com ares anedóticos. Sua forma, por definição, é caleidoscópica, fragmentária e eminentemente subjetiva¹⁵².

Pelos temas que aborda, constrói uma cumplicidade com o público, apresentando um caráter de intervenção na realidade¹⁵³. Conseqüentemente, o cronista era influenciado pelo o leitor e vice-versa, existia uma troca na qual o autor

¹⁴⁹ ARRIGUCCI JR., *op. cit.*, p. 53.

¹⁵⁰ Infelizmente, uma parte das crônicas analisadas neste trabalho encontra-se separadas do jornal, encadernadas, ao que tudo indica, pelo afilhado de Bernardo Taveira Junior, Alfredo Ferreira Rodrigues e entregues ao Arquivo Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. Apesar disso, o acervo é rico e percebe-se o pensamento do escritor sobre a época que ele vivenciou.

¹⁵¹ ASSIS *apud* CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. IN: CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **História em cousas miúdas**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 11.

¹⁵² NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. IN: REZENDE, Beatriz. **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, pp. 15-32.

¹⁵³ *Idem, Ibidem*, pp. 14-15.

sofria com a influência externa, e isso era perceptível em seus textos, e criava um texto que almejava contribuir com os leitores, fazendo-os refletir.

Com isso, algumas crônicas foram publicadas ao “correr da pena”, fazendo alusão a notícias vinculadas no jornal do dia anterior; com isso é possível perceber a interação do escritor com o cotidiano em que ele está imerso. Nesse sentido, assim como as notícias dos jornais, as crônicas compartilham o tempo em que o escritor vive e o divide com seu leitor, limitando o texto àquele período ou àquele dia que o jornal foi impresso¹⁵⁴, não permanecendo na memória dos leitores, uma vez que ela encontra-se intimamente relacionada com o seu suporte, o jornal, que dura apenas às vinte e quatro horas que este circula.

Dessa forma, ao findar o acontecimento relatado pelo escritor, a crônica perde sua representatividade de mundo, passando a ideia de produto literário inferior a poesia, ao conto, ao romance, a novela e ao teatro¹⁵⁵, pois o gênero impõe-se como uma “mercadoria rapidamente descartável”¹⁵⁶. Sua rápida produção e consumo podem ser compreendidos por intermédio da analogia de Antonio Candido ao afirmar que a crônica não é escrita para ficar na posteridade e que, segundo o autor, sua perspectiva não é a dos escritores que escrevem em cima de montanhas, mas sim do simples “rés-do-chão”¹⁵⁷.

John Gledson ao estudar a obra de Machado de Assis aponta a marca de mais de seiscentas crônicas publicadas pelo escritor no transcorrer de sua vida. Embora o número se sobressaia, Machado é mais lembrado pelo grande público por seus romances e contos do que pelas suas crônicas. Esse fato decorre porque as crônicas não ficam para a posteridade, pois elas tem o seu entendimento limitado ao leitor que vivenciou determinados assuntos e ocasiões do século XIX e que, passado o momento, ela perde o seu sentido.

Por isso, para Antonio Candido, a crônica apresenta-se como um gênero menor, afinal não se imagina a literatura feita por grandes cronistas e nem se atribui um Prêmio Nobel a um cronista. E complementa: “Graças a Deus”. Assim, para o

¹⁵⁴ GLEDSON, John. Introdução. IN: GLEDSON, John (org.). **Machado de Assis, Bons Dias!**. São Paulo: HUCITEC; Editora da UNICAMP, 1990, pp. 11-27.

¹⁵⁵ MOISÉS, *op. cit.*, p. 133.

¹⁵⁶ PESAVENTO, Sandra. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90**. Porto Alegre, nº 07, julho de 1997, p. 30.

¹⁵⁷ CANDIDO, A vida... *op. cit.*, p. 14.

autor, a crônica fica perto de nós, servindo de caminho através de sua temática acerca do cotidiano¹⁵⁸. Nesse viés, o cronista não se prende a argumentos e a explicações, ele apenas narra um fato para o seu leitor, atuando como um contador de histórias na perspectiva de Walter Benjamin:

O cronista é narrador da história. [...] notar-se-á facilmente a diferença entre quem escreve a história, o historiador, e quem a narra, o cronista. O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista [...]¹⁵⁹.

Dessa forma, o cronista não precisa explicar os episódios narrados, podendo representá-los como modelos de história, pois tem uma escrita mais livre, envolta em subjetividade e imaginação. Ele é um contador de histórias, pois é “hábil no relato dos tempos e lugares, recompondo as tramas de personagens e de acontecimentos, grandes e pequenos”¹⁶⁰. Seguindo essa premissa, pode-se remontar a figura do cronista ao modelo do camponês e do marinheiro – tipos fundamentais da narrativa que se relacionam com o tempo, aqueles que contam sobre as tradições, as histórias e os relatos de viagem.

O tempo, para Margarida de Souza Neves, é a matéria-prima de cronistas e historiadores, mas como se relacionam crônica e história? Para a autora, ambas constroem memória, podendo ser consideradas como “lugares de memória”, como apontou Pierre Nora. “Cronistas e historiadores são ‘homens-memória’, e desempenham seu ofício como autores e interpretes da memória coletiva”¹⁶¹.

Em uma perspectiva análoga, Charles Monteiro analisa as semelhanças e as diferenças do historiador e do cronista¹⁶². Em um primeiro momento, tudo parece opor ambos. Primeiramente, eles diferem quanto a forma de abordar o acontecimento – o historiador trata a realidade de forma objetiva e utiliza em sua

¹⁵⁸ CANDIDO, *A vida...*, p. 13.

¹⁵⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 209.

¹⁶⁰ PESAVENTO, *A crônica...*, p. 30.

¹⁶¹ NEVES, *op. cit.*, p. 27.

¹⁶² MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

escrita documentos, notas e referências que possibilitem ao leitor verificar a autenticidade dos fatos, além de publicar suas obras em livros e revistas; o cronista aborda a realidade de maneira subjetiva, já que trata do tema do momento, tem o intuito de informar o leitor e publica seus textos em jornais.

No âmbito da linguagem, o historiador busca a erudição enquanto o cronista utiliza uma linguagem simples, coloquial, beirando a oralidade, com o objetivo de se aproximar cada vez mais do leitor. Apesar das diferenças, Monteiro aponta algumas aproximações entre cronistas e historiadores; a primeira delas é relativa à matéria-prima: o tempo. Ao cronista caberia escolher um determinado assunto do dia, ou de uma experiência pessoal, e narrá-lo. Ao historiador, o tempo é primordial para compreender os acontecimentos e problematizá-los.

As crônicas de Bernardo Taveira Junior se situam no recorte temporal da cidade de Pelotas, sendo escritas e publicadas na segunda metade do século XIX. A primeira questão a ser analisada nos textos é o papel do narrador: Bernardo não utiliza a figura de personagens narradores como outros escritores, por exemplo, Machado de Assis. Por conseguinte, acredita-se que as ideias referidas nas séries pertencem realmente a Bernardo, ao contrário do questionamento proposto por Sidney Chalhoub quanto a dúvida que permeia alguns textos de Machado, se eles representam ideias do próprio autor ou das personagens.

Ademais, complementa essa afirmativa o fato de que Bernardo Taveira Junior, em grande parte dos seus textos, não utilizava pseudônimos, não se omitia e expressava a sua opinião, ou seja, os leitores sabiam que aquelas ideias eram realmente dele. Por fim, o que ajuda a corroborar esse fato é que o autor escreve, em determinados momentos, na primeira pessoa do plural, incluindo-se nas discussões e colocando-se na posição de leitor. Além disso, ele utiliza este recurso para inserir o leitor no texto e invocar a sua participação no que está sendo dito, principalmente por se tratar de crônicas de cunho político e de problemas sociais.

Nesse sentido, imerso na cidade de Pelotas, Bernardo Taveira Junior utilizou os acontecimentos cotidianos e os aspectos sociais para compor a narrativa de seus folhetins e crônicas. Em ambos os textos literários, de forma fragmentada e sequenciada, o autor questiona, intriga e informa ao leitor da época e ao historiador de hoje, os entraves políticos e sociais que estavam envolvidos os pelotenses.

Contudo, resta saber quem era e de onde falava o escritor, o que será abordado no capítulo subsequente.

CAPÍTULO 03 BERNARDO TAVEIRA JUNIOR: “TRATO DE UM PROFESSOR DISTINTO, UM ESCRITOR DE RECONHECIDO MÉRITO”¹⁶³

“Era um homem alto, [...] de calva lustrosa e barba longas e pretas, quando o conheci, em 1873... Usava a cabeleira, que lhe cobria a gola do casaco; falava muito, acompanhando as palavras de gestos violentos, [...]”
(Alfredo Ferreira Rodrigues)

“[...] tipo bem apessoado, 50 anos mais ou menos, cabelos corredios e alvacentos, constituição robusta, predisposição à melancolia, homem de poucas palavras porém boas, olhar amortecido pelos esforços intelectuais”
(Correio Mercantil)

Partindo do pressuposto de que a literatura pode ser utilizada como fonte historiográfica a partir dos desdobramentos teóricos e metodológicos propostos pela Nova História Cultural, somados a especificidade dos folhetins e das crônicas enquanto escritas vinculadas a imprensa do século XIX – que proporcionou visibilidade a Bernardo e possibilitou que ele escrevesse narrativas acerca do cotidiano da *Princesa do Sul* –, torna-se necessário avançar em mais uma questão basilar para alcançar e compreender a lógica social da literatura: quem era Bernardo Taveira Junior?

O primeiro impasse na biografia do escritor é a compreensão de suas origens. Bernardo Taveira Junior (Figura 02) nasceu no dia 05 de junho de 1836, na cidade de Rio Grande¹⁶⁴. A principal biografia do autor¹⁶⁵, escrita por Alfredo Ferreira

¹⁶³ Frase inspirada em *A Ventarola*, ano I, nº 25, 25/09/1887, p. 06. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP – 212e)

¹⁶⁴ Embora tenha nascido em Rio Grande, diversos periódicos apontam o escritor como pelotense. Provavelmente, devido a longa permanência de Bernardo em Pelotas, totalizando mais de vinte e cinco anos.

¹⁶⁵ Foram publicadas duas edições biográficas sobre Bernardo Taveira Junior. A primeira no Almanak do Rio Grande do Sul, em 1895, após três anos do falecimento do escritor. A segunda foi publicada na Revista Província de São Pedro, em 1946. Algumas obras também apresentam biografias resumidas de Bernardo como, por exemplo: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. MOREIRA, Maria Eunice. ZILBERMAN, Regina (org.). **Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Novo século, 1999, pp. 37-38; BLAKE, Augusto Victoriano A. Sacramento. **Dicionário biográfico brasileiro**: primeiro volume. Rio de Janeiro: tipografia nacional, 1883, pp. 418-420; MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1978; PORTO ALEGRE,

Rodrigues, seu cunhado e afilhado, afirma que ele é filho do português Bernardo Taveira¹⁶⁶, antigo capitão de cavalaria do exército português, que veio para o Brasil em busca de uma vida melhor, estabeleceu moradia e um comércio na cidade de Rio Grande e, posteriormente, em Pelotas.

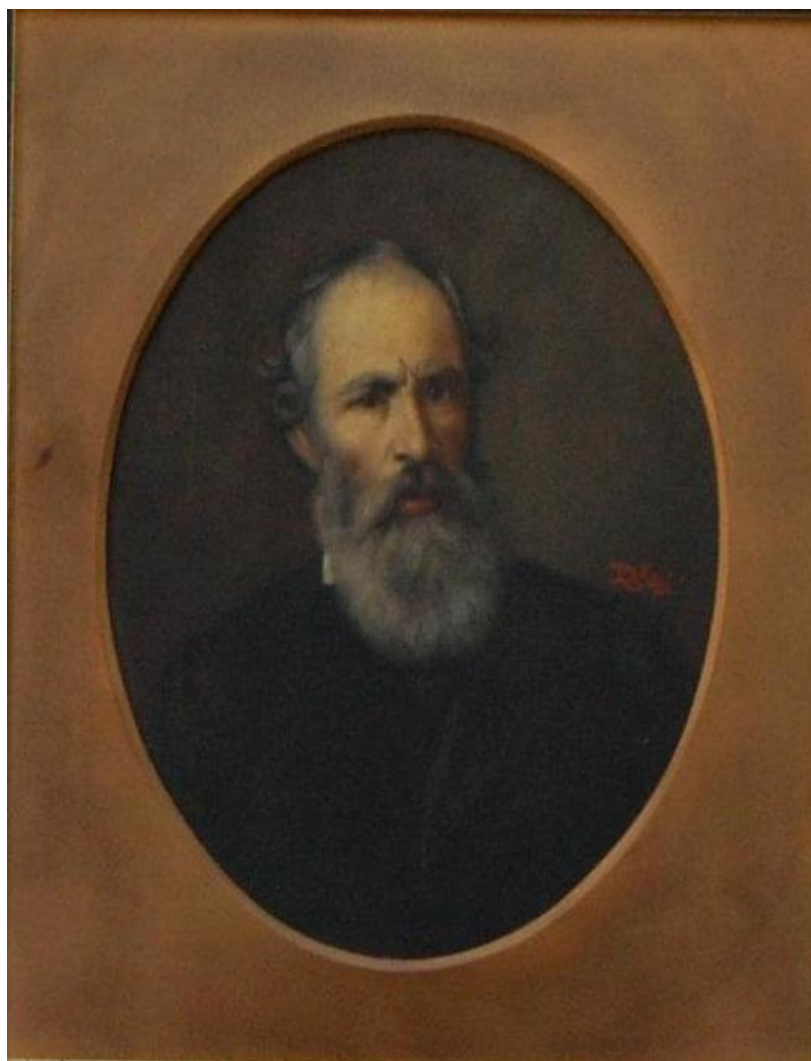


Figura 02: Bernardo Taveira Junior.

Fonte: Pintura a óleo de Frederico Trebbi (s/data, dimensão 53 x 48 cm) Acervo: Pinacoteca da BPP.

Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, 1985; VILLA-BOAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1974.

¹⁶⁶ Bernardo Taveira em seu testamento afirma que é português nascido na Villa da Regôa, filho legítimo de Domingos José de Siqueira e de Anna Joaquina Bernarda Taveira. De acordo com o ASCP3A01 - Registro de enterramento (cemitério) da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1868 – 1878) Bernardo Taveira faleceu no dia 19 de junho de 1874. O registro apresenta alguns dados referentes à idade (80 anos); nacionalidade (Portugal); cor (branca); residência (porto da cidade); morte (velhice). Acervo: Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Analisando o inventário¹⁶⁷ de Bernardo Taveira, foi encontrada uma declaração assinada por ele em que afirmava ser solteiro e que não deixava herdeiros, pois seus pais já haviam falecido e não tinha filhos. Contudo, ele instituiu como herdeira de seus bens e dívidas Gertrudes Maria de Mello¹⁶⁸, viúva de Antonio Rodrigues e mãe de Bernardo Taveira Junior. Para ampliar as dúvidas sobre essa questão paterna, o documento que atesta o casamento de Taveira Junior apresenta Bernardo Taveira como pai do noivo.

As possibilidades pairam no ar, porém a mais plausível é que Bernardo seja realmente filho de Bernardo Taveira, mas seus pais provavelmente não casaram porque Gertrudes já houvera se casado, impossibilitando a legalização da união. Pode-se atestar essa possibilidade na medida em que Bernardo assume as questões referentes ao inventário, pagando as dívidas e assinando os documentos no lugar da mãe. Além disso, ele herda o nome do pai, o que seria estranho caso ele fosse filho de outro.¹⁶⁹

De qualquer modo, com o auxílio dos pais, Bernardo viajou para São Paulo e ingressou na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco¹⁷⁰. “Não havendo nascido entre os europeus [...], seu finado pai [...], aproveitou as suas aptidões, não poupando sacrifícios para que ele adquirisse a maior cópia de conhecimentos, em uma época em que a instrução era caríssima.”¹⁷¹ Contudo, devido às dificuldades financeiras, ele apenas completou o curso preparatório. Em um determinado tempo, Bernardo trabalhou na cidade paulista e, posteriormente, mudou-se para o Rio de

¹⁶⁷ Neste documento, Bernardo Taveira deixa de herança a Gertrudes Maria de Melo alguns móveis, um sobrado e um terreno. Entretanto, juntamente com os bens materiais deixou uma série de dívidas as quais Bernardo Taveira Junior ajudou sua mãe a pagá-las. Para cumprir com o pagamento das dívidas, o sobrado foi levado a leilão e a questão do inventário perdurou por quatro anos. O inventário encontra-se no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). Município: Pelotas; Nº. 794. Maço: 47. Estante: 06.

¹⁶⁸ De acordo com o ASCP3A01 - Registro de enterramento (cemitério) da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1868-1878) Gertrudes Maria de Melo faleceu no dia 01 de março de 1878. O registro apresenta alguns dados referentes à idade (62 anos); nacionalidade (Brasil); cor (branca); estado civil (viúva). Acervo: Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

¹⁶⁹ Bernardo Taveira Junior tinha uma irmã mais nova, também nascida na cidade de Rio Grande. Cf. NEVES, Décio Vignoli das. Bernardo Taveira Junior. IN: NEVES, Décio Vignoli das. **Vultos do Rio Grande**: tomo 2. Rio Grande: UCS, 1987, p. 87.

¹⁷⁰ *Idem, Ibidem*, p. 87.

¹⁷¹ *A Ventarola*, ano II, nº 63, 10.06.1888, p. 02. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP – 213e)

Janeiro. Durante um período remoto, trabalhou no escritório da casa Sousa & Irmão¹⁷².

Ademais, nessa época, ele já contava com problemas de saúde e, diante disso, antecipou seu retorno para a Província do Rio Grande do Sul em 1856, fixando moradia no interior da Província por conselho médico. Sua estada na campanha serviu de subsídio para escrever a sua obra literária mais famosa – *Provincianas* – que abordava aspectos da cultura gaúcha. Impossibilitado de prestar serviço como advogado, pois não ingressou na faculdade, Bernardo focou sua carreira nas letras atuando, principalmente, como professor de português, história, retórica, filosofia, poética e idiomas – alemão, inglês, francês e latim (Figura 03).

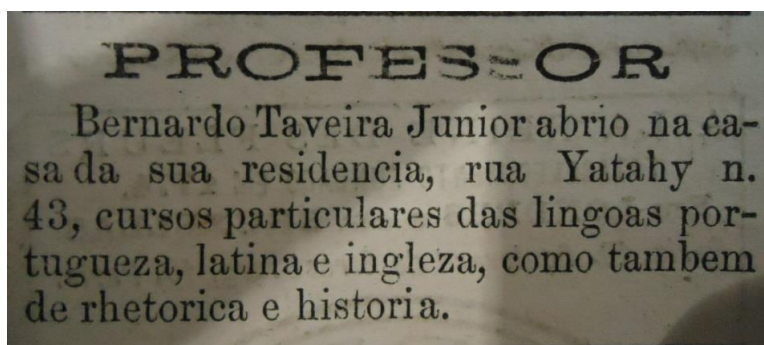


Figura 03: Anúncio de curso particular.

Fonte: *Diário de Pelotas*, 09/03/1879. Acervo: Hemeroteca da BPP.

Além disso, de acordo com seus planos de aula, percebe-se um amplo conhecimento do escritor acerca de outras disciplinas, tais como: gramática, física, lógica e linguística. Augusto Blake aponta que Bernardo focava-se nos estudos de gabinete e ainda destaca que ele compreendia os idiomas: italiano, espanhol, sueco, grego, dinamarquês e guarani¹⁷³. “O público pelotense é testemunha do quanto se esforça o Sr. Taveira Junior no ensino das diversas matérias que se propõe a lecionar [...]”¹⁷⁴ Além de lecionar em instituições de ensino público e particular, Bernardo propôs diversos cursos particulares de disciplinas e idiomas. Ademais, oferecia aos alunos um pensionato para meninos em sua residência¹⁷⁵ localizada em

¹⁷² RODRIGUES, *op. cit.*, p. 78.

¹⁷³ BLAKE, *op. cit.*, pp. 418-420.

¹⁷⁴ *Diário de Pelotas*, 20/01/1877. Acervo: Hemeroteca da BPP.

¹⁷⁵ *Diário de Pelotas*, 09/03/1886, p. 03. Acervo: Hemeroteca da BPP.

uma área nobre da cidade¹⁷⁶. Em seguida, Bernardo casou-se com a pelotense Maria Agostinha Rodrigues¹⁷⁷, mudando-se para o município de São Gabriel, onde fundou uma escola. Entretanto, alguns anos mais tarde, em 1866, eles retornaram a Pelotas. Com seu regresso a *Princesa do Sul*, fundou o colégio São Salvador¹⁷⁸, localizado no quartel legalista, popularmente conhecido como “casa da banha”¹⁷⁹.

Desde seu retorno para Pelotas, Bernardo jamais abandonou a cidade e o papel de educador, desdobrando-se em diversas escolas e lecionando variadas disciplinas¹⁸⁰. As entidades colocavam o nome de Bernardo e de outros professores nos anúncios de jornais como uma forma de atrair novos alunos e demonstrar a qualidade de seu corpo docente e de suas acomodações. Sobre ele, anunciavam: “um dos nossos mais ilustres professores, a quem não falta capacidade, ilustração e método para ocupar com distinção o honroso lugar que lhe está confiado”¹⁸¹.

Além do professorado, Bernardo dedicava-se, junto com Maria Agostinha, a criação de Alfredo Ferreira Rodrigues¹⁸², irmão dela, que posteriormente tornou-se aluno de Bernardo e seguiu os passos de seu mestre. Concomitantemente com os cuidados dedicados a Alfredo¹⁸³, Bernardo colaborava com alguns jornais periódicos da cidade e da região, ao publicar crônicas, folhetins e poesias¹⁸⁴. “Nem o seu

¹⁷⁶ Bernardo Taveira Junior, segundo os anúncios referentes aos cursos particulares, morou em duas residências. Primeiro na rua Yatahy (nº 43) e depois na rua Imperador (nº 85). Cf. *Diário de Pelotas*, 09/03/1879 e 09/03/1886. Acervo: Hemeroteca da BPP.

¹⁷⁷ O casamento de Bernardo e Maria Agostinha foi realizado no distrito de Povo Novo, localizado na cidade de Rio Grande, no dia 23 de outubro de 1861. De acordo com o registro Brazil marriages (1730-1955) Bernardo Taveira Junior e Maria Agostinha Rodrigues casaram-se na Igreja Nossa Senhora das Necessidades, localizada no Povo Novo. Consultado em: <https://familysearch.org/pal:/MM9.1.1/XNP8-ZC7>. Acessado em 15 de maio de 2012.

¹⁷⁸ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 227.

¹⁷⁹ http://www.pelotas.rs.gov.br/cidade_atraco/pelotas_atraco_quartel.htm Acessado em 24 de abril de 2014.

¹⁸⁰ Sobre as instituições de ensino e as disciplinas que Bernardo Taveira Junior lecionou ver apêndice A.

¹⁸¹ *Correio Mercantil*, 18/02/1876, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

¹⁸² Ele contava com dois anos de idade quando ficou sob os cuidados de Bernardo e Maria Agostinha. O escritor educou e instruiu Alfredo preparando-o para os exames na capital. “Esse sólido estudo de base, graças à colaboração de Taveira Junior, favoreceu, no futuro, o amplo desenvolvimento de suas preferências literárias (história e poesia)”. Posteriormente, Alfredo publicou o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, seu trabalho mais importante. Cf. RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues. **Revista Província de São Pedro**. Porto Alegre: Ed. livraria do globo, n. 18, 1953, pp. 47-58.

¹⁸³ Segundo Alfredo Ferreira Rodrigues, Bernardo e Maria Agostinha não tiveram filhos, mas adotaram um menino. Cf. Almanak literário e estatístico do Rio Grande do Sul, 1895, p.03. Acervo: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coleção Júlio Petersen.

¹⁸⁴ Sobre a produção do escritor ver o apêndice B.

estado de chefe de família pode quebrantar-lhe a veia poética e a tenacidade de mestre trabalhador!”¹⁸⁵

Ademais, participou de algumas entidades literárias e suas primeiras criações centraram-se no âmbito da poesia. Como era comum no século XIX, Bernardo possivelmente utilizou a alcunha de *Demophilo* como seu principal ou único pseudônimo, a fim de publicar algumas crônicas.

O autor escreveu uma série de poemas que se encontram no formato de manuscritos datados da década de 1850. Através da pesquisa, aponta-se como o primeiro registro literário do escritor o manuscrito da poesia *Num leito de dores*, de 1857¹⁸⁶. Todavia, essa referência pode ser questionada, pois existe uma série de registros que estão sem data, bem como alguns arquivos com séries incompletas de periódicos, o que impossibilita a precisão acerca das primeiras publicações do escritor.

Em 1861, Bernardo publicou uma tradução das “Memórias de José Garibaldi” escrita por Alexandre Dumas¹⁸⁷. Na ocasião, afirmou que o motivo para a publicação da obra era o intuito que as pessoas conhecessem a vida de Garibaldi. Já 1863, por exemplo, Bernardo escreveu duas peças teatrais dramáticas intituladas: *O jogador* (quatro atos) e *Coração e dever*¹⁸⁸ (três atos). Posteriormente, em 1866, publicou um epicídio¹⁸⁹ – poesia ou discurso fúnebre – em memória dos soldados que lutaram na Guerra do Paraguai, editado em Rio Grande na tipografia do jornal *Echo do Sul*.

Não obstante, o decênio de 1860, marcou a participação de Bernardo Taveira Junior em dois periódicos literários. O primeiro, criado na cidade de Rio Grande em 1867¹⁹⁰, coordenado por Antônio Joaquim Dias¹⁹¹, intitulado *Arcádia*. Essa

¹⁸⁵ *A Ventarola*, 10/06/1888, p. 02. Acervo: BPP. Fonte: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 213e)

¹⁸⁶ Entretanto, as fontes que são utilizadas nesta dissertação dizem respeito as produções de Bernardo Taveira Junior publicadas na imprensa.

¹⁸⁷ A obra foi publicada pela tipografia do jornal *Echo do Sul* na cidade de Rio Grande. Acervo: PUCRS. Coleção Júlio Petersen.

¹⁸⁸ Estreou no Teatro Sete de Abril (Pelotas), em 1872. Cf. MARTINS, *op. cit.*, p. 576.

¹⁸⁹ Acervo: PUCRS. Coleção Júlio Petersen.

¹⁹⁰ Antes da *Arcádia*, foi criado em Porto Alegre o jornal *O Guaíba*. Publicado entre os anos de 1856 a 1858, desenhou-se como precursor das revistas e folhas literárias, agrupando autores (Carlos Jansen, Félix da Cunha, João Vespúcio de Abreu e Silva, Pedro Antônio de Miranda e Rita Barém de Melo) da primeira geração romântica e destacando-se como o primeiro periódico exclusivamente

publicação durou entre os anos de 1867 a 1870, contando com quatro séries, sendo que a última foi publicada em Pelotas.

Em suas páginas foram publicadas poesias, crônicas, ensaios de autores rio-grandenses, estudos biográficos de vultos do passado, entre outros. Bernardo classificou o periódico como a publicação que mais prestava serviços a literatura. Para o escritor, a *Arcádia* deveria ser considerada como um “monumento erguido e conservado pelo amor das letras”¹⁹² que inspirava a juventude, pois ela despertava o interesse de muitos talentos que se agrupam ao seu entorno¹⁹³, formando uma “brilhante plêiade de inteligências”¹⁹⁴.

Na *Arcádia*, Bernardo publicou poesias em, praticamente, todos os números. Todavia, destacam-se dois ensaios críticos-literários intitulados: *Reflexões sobre a literatura rio-grandense* e *Mulher e mãe*¹⁹⁵. No primeiro ensaio é feita uma crítica a literatura rio-grandense, no qual escreveu:

A província do Rio Grande do Sul está reservado um brilhante porvir nas letras. [...] Numerosas publicações de jornais literários se têm ultimamente sucedido uma às outras, e em cada uma delas a mocidade estudiosa tem depositado as santas primícias de suas lucubrações. Que importa que efêmera tenha sido a existência da maior parte delas? Deixaram em terra fecunda a semente de suas nobres aspirações, que ao desvelo dos novos cultivadores vai germinando de ano em ano com progressiva vitalidade. [...] Inspirando-vos nas grandes ideias, estudando e admirando os

literário. A partir de sua criação, os escritores e poetas gaúchos reuniram-se em função de ideais que compartilhavam em comum. Cf. BAUMGARTEN, *op. cit.*, pp. 17-22.

¹⁹¹ Antônio Joaquim Dias foi uma figura importante e polêmica da cidade de Pelotas. Dedicado a imprensa, editou na cidade de Rio Grande a revista *Arcádia*. Em Pelotas, fundou o *Jornal do Comércio* (1869) e o *Correio Mercantil* (1875). Incentivava a publicação de obras literárias como, por exemplo, tornar-se editor do livro *Poesias Americanas* (1869) de Bernardo Taveira Junior. Antônio Joaquim Dias foi o responsável pela criação da Bibliotheca Pública Pelotense (1875) e foi o fundador e presidente do Asilo de Mendigos. Calderan afirma que Antônio Joaquim Dias recebeu mais reconhecimento após a sua morte, quando seu filho assumiu o *Correio Mercantil*. Cf. CALDERAN, Ana Paula. **Antônio Joaquim Dias: uma figura polêmica**. 2002. (Monografia em História) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

¹⁹² TAVEIRA JUNIOR *apud* BAUMGARTEN, *op. cit.*, p. 98.

¹⁹³ Além de Bernardo Taveira Junior, colaboravam com o periódico: Apolinário Porto Alegre, Apeles Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre, Glodomiro Paredes, entre outros.

¹⁹⁴ TAVEIRA JUNIOR *apud* BAUMGARTEN, *op. cit.*, p. 98.

¹⁹⁵ Não foi possível localizar a 4ª série da revista *Arcádia* na Biblioteca Rio-Grandense e, por isso, utilizaremos os dois textos críticos literários de Bernardo que foram publicados no livro de Carlos Alexandre Baumgarten.

monumentos literários dos países cultos, cumpre-vos formar a nossa literatura. Animai-vos!¹⁹⁶

Nesse ensaio, Bernardo relatou a importância das publicações de viés literário. Apesar da curta duração da maioria, o autor destacou a importância delas para o desenvolvimento da literatura na Província, destacando primeiramente a *Arcádia*, devido ao tempo de circulação. Contudo, aponta a importância do *O Guaíba*, embora com uma curta existência, foi a “pedra fundamental assentada para o levantamento do edifício de nossas letras”¹⁹⁷. Ademais, a partir desses periódicos, o movimento literário foi um “verdadeiro *fervet opus*”¹⁹⁸, pois fizeram surgir novas publicações e auxiliaram na criação de grêmios literários.

No segundo ensaio crítico, intitulado *Mulher e mãe*, Bernardo afirma que a crítica literária inexistente na Província e que sem ela a literatura nunca florescerá, e, ainda, enfatiza que a crítica literária é de extrema necessidade para a literatura, afinal “letras, sem crítica, jamais poderão constituir uma literatura”¹⁹⁹. Por fim, critica o jornalismo que, por vezes, apenas elogia o escritor e não aprofunda o olhar sobre o texto literário, ressaltando que essa posição, em alguns casos, pode ocorrer devido à falta de conhecimento aprofundado e questiona-se: “Como há de um jornalista avaliar o mérito de um drama, de uma poesia, de um romance, de uma história ou mesmo de qualquer produção artística se ele não conhece a estética de nenhuma dessas coisas?”²⁰⁰.

Posteriormente²⁰¹, o segundo periódico literário que Bernardo Taveira Junior participou foi a *Revista Mensal do Partenon Literário*, originária da *Sociedade Partenon Literário*²⁰², fundada em 1868 na cidade de Porto Alegre por iniciativa de um grupo de jovens que visava difundir a literatura sulina. O início efetivo da

¹⁹⁶ TAVEIRA JUNIOR *apud* BAUMGARTEN, *op. cit.*, pp. 98-99.

¹⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 98.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 99.

¹⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 101.

²⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 102.

²⁰¹ Em 1870, a *Arcádia* passava por dificuldades financeiras e desenvolveu suas atividades como órgão oficial do *Grêmio Literário Rio-Grandense*. Efetivamente, foi através das páginas do *O Guaíba* e da *Arcádia* que os escritores rio-grandenses difundiram suas poesias e escritos em um veículo de comunicação estritamente literário.

²⁰² Colaboravam com a *Sociedade do Partenon Literário*: Bernardo Taveira Junior, Apolinário Porto Alegre, Aquilino Porto Alegre, Lobo da Costa, Múcio Teixeira, Caldre e Fião, José Bernardino dos Santos, entre outros.

literatura no Rio Grande do Sul coincide com o trabalho dos escritores que formavam essa agremiação²⁰³.

A revista foi impressa regularmente por dez anos (1869-1879), desempenhando um papel significativo²⁰⁴ não apenas em Porto Alegre, mas também no interior da Província. O *Partenon* organizava saraus literários, reuniões nas quais eram lidas peças teatrais, ensaios e poemas. Preocupava-se em propiciar o acesso à leitura e, para isso, criou a sua própria biblioteca.

Não obstante, apesar da participação de Bernardo nesses periódicos literários, a principal publicação do escritor durante a década de 1860 corresponde a edição do livro intitulado *Poesias Americanas*, editado em Rio Grande pela tipografia da *Arcádia* (Figura 04).



Figura 04: Anúncio do livro *Poesias Americanas*.

Fonte: *Jornal do Comércio*, 26/07/1870, p. 04. Acervo: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Essa obra reúne um conjunto de dez poesias²⁰⁵ escritas com inspiração na obra de Gonçalves Dias e no Indianismo, caracterizado pelo grande expoente de palavras indígenas e considerando o índio como um símbolo da nacionalidade

²⁰³ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993, p. 13.

²⁰⁴ Apesar da consolidação do *Partenon Literário*, a sociedade conheceu algumas dissidências. Diante disso, ocorreu a criação de outro periódico, o *Murmúrios do Guaíba*, em 1870, na cidade de Porto Alegre. José Bernardino dos Santos era o proprietário e diretor da revista que contava com basicamente os mesmos colaboradores da *Revista Mensal do Partenon Literário*, incluindo a participação de Bernardo Taveira Junior.

²⁰⁵ As poesias intitulam-se: *Visões*; *Cunhambebe*; *O canto das amazonas*; *Ayuára*; *O membira*; *O guarany*; *O aimoré*; *O caiapó*; *Jacy*; *Sete de setembro*.

brasileira. De acordo com Carlos Alexandre Baumgarten, nas poesias Jacy e Ayuara ficam perceptíveis à idealização do índio e de suas lendas, a exemplo do que ocorria com os primeiros românticos brasileiros²⁰⁶.

No prefácio da obra, Bernardo queixava-se de não encontrar um editor para publicar o livro e afirmava que o maior pesadelo dos neófitos da literatura era o editor, ainda acrescentava: “na dificuldade de achar um para os meus ensaios poéticos, esperava que a sorte me facilitasse os meios de, por mim próprio, editar as pobres flores de minha imaginação”²⁰⁷.

A crítica de Bernardo é válida, porém no contexto do século XIX a publicação de livros era algo extremamente custoso. Além disso, o público que consumia a literatura nesse formato era extremamente restrito. Por isso, a literatura publicada no jornal abrangia uma maior parcela da população e disseminava as ideias do escritor para diversas camadas sociais. Espertamente, Bernardo publicou séries de poesias em jornais e compilou-as em livros. Dessa forma, ele alcançava todos os tipos de leitores, o que tornava-o mais conhecido na cidade e na região.

Após a publicação de seu livro de estreia, Bernardo retomou as peças teatrais escrevendo, no mesmo ano, a cena dramática *O anjo da solidão*²⁰⁸, oferecida a Adelaide C. S. Amaral. Durante os primeiros anos de 1870, escreveu mais quatro peças teatrais. A primeira intitulada *O heroísmo feminino ou a Joana D’Arc brasileira*²⁰⁹ (cena dramática - 1870); a segunda, *A transformação de um homem* (drama em quatro atos - 1870); a terceira chamada de *A visão de Colombo*, oferecida ao ator Joaquim Augusto de Sousa Ribeiro (1870); e, por fim, a peça *Cíume* que traz uma protagonista feminina (1872).

Infelizmente, devido à ausência de jornais periódicos – o acervo da Bibliotheca Pública Pelotense não dispunha – anteriores a 1875 não foi possível constatar a repercussão que as primeiras escritas literárias de Bernardo causaram na sociedade pelotense. O que fica evidente é a variada gama de textos que Bernardo escreveu nas décadas de 1860 a 1870. E, ainda não foram apresentadas

²⁰⁶ BAUMGARTEN, *op. cit.*, p. 58.

²⁰⁷ *Poesias Americanas*, 1869, p. 06. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

²⁰⁸ Estreada em Pelotas, em 1870. Cf. MARTINS, *op. cit.*, p. 576.

²⁰⁹ Estreada por amadores na cidade de Pelotas, em 1870. Cf. MARTINS, *op. cit.*, p. 576.

as crônicas e os folhetins que também ocupavam o tempo e desempenhavam um papel fundamental na obra de Taveira Junior.

O segundo livro que Bernardo conseguiu publicar intitula-se *Poesias Allemãs*²¹⁰, impresso pela tipografia Deutsche Zeitung em 1875 (Figura 05). Nesse momento, vislumbrou-se algumas referências na imprensa e análise mais aprofundada dos críticos literários acerca da obra.

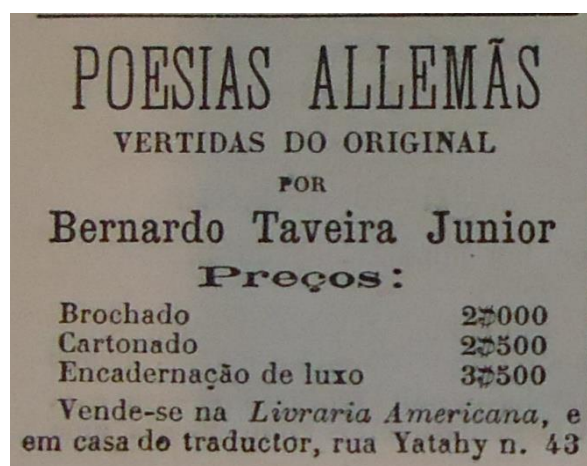


Figura 05: Anúncio do livro *Poesias Alemãs*.

Fonte: *Jornal do Comércio*, 11/07/1875, p. 04. Acervo: Hemeroteca da BPP.

Essa obra apresenta os originais e as traduções de escritores alemães como, por exemplo, Goethe, Lenau, Heine. A pedido de Bernardo, o prefácio do livro foi escrito por Carlos Von Koseritz, seu amigo de longa data. Koseritz elogia-o, afirmando que ler o original em alemão e a sua tradução é praticamente a mesma coisa, pois ele soube penetrar no espírito da poesia alemã. Ainda, complementa:

²¹⁰ As poesias do livro intitulam-se: *Friedrich Schiller* (Frederico Schiller); *Die Macht des Gesanges* (O poder do canto); *Das Lied von der Glocke* (O canto do sino); *Der Tancher* (O mergulhador); *Der Jüngling am Bache* (O mancebo e o resgate); *Die Theilung der Erde* (A partilha da terra); *Des Mädchens Klage* (O lamento da virgem); *Das Kind in der Wiege* (A criança no berço); *Des Sängers Fluch* (A maldição do cantor); *Des Goldsehmieds Töchterlein* (A filha do ourives); *Der Wirthin Tüchterlein* (A filha da albergueira); *Der nächtliche Ritter* (O cavaleiro noturno); *Der blinde König* (O rei cego); *Der gute Kamerad* (O bom camarada); *Auf einen verhungerten Dichter* (A um poeta morto a fome); *Schäfers Sonntagsglied* (O canto do domingo do pastor); *Die Kapelle* (A capela); *Das Ständehen* (A serenata); *Bruchstücke aus Faust* (fragmentos do Fausto); *Gebet während der Schlacht* (Oração durante a batalha); *Scheideblick* (O olhar da separação); *Bestattung* (Funeral) e *Sehnsucht* (Saudade).

Tenho consciência de que ninguém melhor que Bernardo Taveira Junior soube penetrar no espírito da poesia alemã [...] Eis como é Taveira: alma d'*elite*, grande coração, poeta às deveras e, como poucos, senhor da forma, mas de uma modéstia e de um acanhamento, que o fazem retrair-se, qual sensitiva, do mundo externo. [...] o modesto professor da mocidade pelotense, atirou-se com a tenaz vontade que o caracteriza, ao estudo da língua alemã e tornando-se senhor dela²¹¹.

De fato, Bernardo é fortemente reconhecido como tradutor pelos seus contemporâneos: “As suas traduções [...] são verdadeiros primores e atestam de uma maneira eloquente quanto o Sr. Bernardo Taveira se dedicava ao estudo dos idiomas estrangeiros e com que propriedade sabia aplicar seus conhecimentos”²¹². Segundo Alfredo Ferreira Rodrigues, apenas essa obra e *Provincianas* tornaram-se conhecidas²¹³. Devido a esse reconhecimento, Bernardo publicou uma segunda edição do livro, em 1884, que continha inúmeras poesias reunidas em 313 páginas de uma edição especial com encadernação de luxo²¹⁴.

Segundo Pedro Theobald, esse livro certamente é uma das mais antigas antologias de poesia alemã *in existense* no Brasil²¹⁵. Os idiomas sempre estiveram presentes na vida profissional de Bernardo, comprova-se isso pela quantidade de poesias, crônicas e folhetins que ele traduziu ao longo de seus quase trinta anos de dedicação a cultura letrada e as aulas que ministrou.

Em 1877, Bernardo publicou o poemeto *Primus Inter Pares*, editado pela tipografia do jornal *Diário de Pelotas*, dedicado a memória de Alexandre Herculano com a intenção de oferecê-lo aos portugueses no Brasil (Figura 06). Segundo o *Diário de Pelotas*, por iniciativa de Bernardo, a imprensa celebrou uma sessão fúnebre em homenagem a Herculano, realizada nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense²¹⁶.

²¹¹ VON KOSERITZ, *Jornal do Comércio*, 02/05/1875, p.02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²¹² *Correio Mercantil*, 22/09/1892, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²¹³ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 86.

²¹⁴ Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul para o ano de 1885 publicado sob a direção de Graciano A. de Azambuja. Porto alegre: Ed. Gundlach e Cia, 1884, p. 02. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/706124/per706124_1885_00001.pdf. Acessado em 26 de abril de 2014.

²¹⁵ THEOBALD, Pedro. **Formas e tendências da historiografia literária: O caso da literatura alemã no Brasil**. 2008. 163 f. Tese (Doutorado em letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

²¹⁶ *Diário de Pelotas*, 01/12/1877. Acervo: Hemeroteca da BPP.

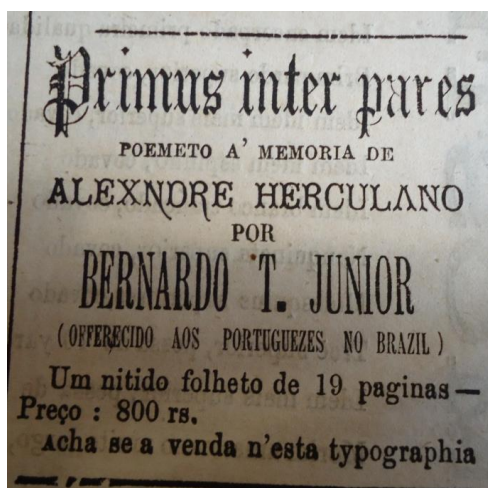


Figura 06: Anúncio do poemeto *Primus inter pares*.

Fonte: *Diário de Pelotas*, 28/12/1877, p. 03. Acervo: Hemeroteca da BPP.

Em 1885, Bernardo publicou outro poemeto, mas esse dedicado à memória de Victor Hugo e em homenagem a colônia francesa o chamou *Ave, Poeta!* Impresso na tipografia do jornal *Rio Grandense*. Na ocasião, ele fez uma leitura deste poemeto na sessão solene em homenagem ao escritor francês realizada no dia 27 de junho de 1885, no salão da Bibliotheca Pública Pelotense. “É, em nossa opinião, o melhor de tudo quanto tem sido escrito no Brasil, a propósito da morte de Victor Hugo”²¹⁷.

Não obstante, a obra mais reverenciada pelos jornais da época e pela crítica intitula-se *Provincianas*²¹⁸, impressa em 1886 pela tipografia da livraria evangélica. A obra faz alusão ao período que o escritor permaneceu no interior em virtude de sua saúde debilitada, narrando o Rio Grande do Sul através de seus costumes e tradições. “Uma coisa única direi a meu favor: é que poetizei sobre coisas que me passaram pelos olhos, e das quais tenho pleno conhecimento [...]”²¹⁹ Bernardo utilizou da propaganda nos jornais de Pelotas e Rio Grande para divulgar a obra. O mesmo anúncio é publicado nos jornais: *Correio Mercantil*, *Echo do Sul*, *A Discussão* e *Diário de Pelotas* (Figura 07).

²¹⁷ *Rio Grandense*, 04/08/1885, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²¹⁸ As Poesias do livro intitulam-se: *Rio Grande do Sul; Os nossos campos; O vaqueano; O canto do gaúcho; O rancho; O tropeiro; O laçado; Carreiras; O boleador; A marcação; O domador; O rodeio; O gateador de marrecas; Declaração; Tio e sobrinho; O casamento; O camponês; O cavalo moribundo.*

²¹⁹ *Provincianas*, 1886, p. 04. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

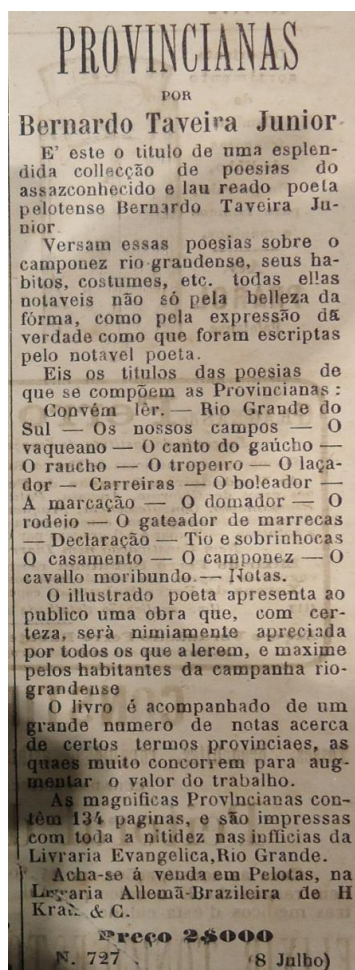


Figura 07: Anúncio do livro *Provincianas*.

Fonte: *Correio Mercantil*, 15/06/1886, p. 3. Acervo: Hemeroteca da BPP.

Novamente, Bernardo Taveira Junior relata que aguardou um editor para publicar seus poemas mostrando-se, em certa medida, frustrado, pois haviam se passado vinte anos desde que ele começara a escrever literatura e ele ainda se decepcionava com esse desdém: “vinte anos de contrariedades e decepções. E ainda me ocupo em coisas literárias! É que ainda de todo não descri”²²⁰.

Podemos afirmar que *Provincianas* estão envoltas de algumas polêmicas. A primeira diz respeito à originalidade do tema regional, uma vez que Bernardo reivindica pra si a primazia dos versos acerca dos costumes e tradições regionais:

²²⁰ *Provincianas*, 1886, p. 06. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

Não tenho notícia, até ao presente, de que haja algum patrício meu, literato, poetizado sobre assuntos puramente com respeito ao nosso campeiro, e aos seus hábitos, costumes e tradições. [...] Cumpre-me advertir que a poesia a que me refiro agora não é essa que, de quando em quando, por ai aparece em estilo chulo, e sem mérito algum literário²²¹.

Para Bernardo, ele era o único letrado a retratar o gaúcho, desmerecendo qualquer obra publicada anteriormente por alguém que ele considerava iletrado. No entanto, quem seriam os letrados para ele? Será que o parâmetro utilizado por ele para desmerecer as outras obras era o conhecimento da região ou somente considerar-se-ia letrado quem possuía conhecimento acerca de diversos temas e idiomas?

Na passagem acima extraída de *Provincianas*, observa-se, pela narrativa do autor, que já tinham publicados textos alusivos ao gaúcho, mas que Bernardo os desconsiderava por acreditar que eram sem méritos literários. Será que somente ele era capaz de escrever poesias contemplando o gaúcho?

Apesar de suas afirmativas, ou melhor, de suas tentativas de convencimento, outros trabalhos sobre o gaúcho foram publicados e a primazia de Bernardo pode ser questionada. Por mais que ele assegure que o livro estava pronto desde 1873, e que começou a escrevê-lo em 1865 – culpou os editores pela demora na publicação – ele utiliza este apontamento também para justificar suas prerrogativas de pioneiro.

Não obstante, José de Alencar, em 1870, publicou o romance *O gaúcho*. Em 1872²²², Apolinário Porto Alegre publicou *O vaqueano*. No mesmo viés, Múcio Teixeira reivindica para si e para Apolinário Porto Alegre a originalidade da poesia pampeana²²³.

Novamente, pode-se questionar: Será que os iletrados referidos por Bernardo dizem respeito ao *Partenon Literário*? Afinal, Múcio e Apolinário também requeriam o *status* de criador e propagador do gênero regional. Coincidência ou não, Bernardo

²²¹ *Provincianas*, 1886, p. 04. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

²²² Em 1872, foi impresso na Argentina o *Gaúcho de Martín Fierro*, do poeta José Hernández.

²²³ Segundo Freitas, as poesias que Múcio refere-se – *Adeus* (1874); *Fantasia ao luar* (1873); *Madalena* (1874) são românticas. FREITAS, Maria Nadir de. A poesia. IN: HESSEL, Lothar. MARTINS, Ari. [et. AL.]. **O partenon literário e sua obra**. Porto Alegre, FLAMA, Instituto estadual do livro, 1976, p. 41.

afirmava ter escrito os poemas cinco anos antes da primeira publicação sobre o tema.

Todavia, como destaca Guilhermino Cesar, não se pode assegurar de quem foi a primazia do tema regional, mas o que se pode afirmar com veemência é que Bernardo Taveira Junior foi o primeiro escritor a compilar uma série de poesias e organizá-las no formato de um livro.²²⁴ Essa perspectiva também é defendida e afirmada pelos autores Luiz Antonio de Assis Brasil, Maria Eunice Moreira e Regina Zilberman. Eles destacam *Provincianas* como a primeira obra sul-rio-grandense que apresentou uma unidade em torno da temática do gaúcho.²²⁵ A mesma análise foi realizada pelo jornal *Echo do Sul*:

Cremos que nenhum poeta rio-grandense se deu ao trabalho de fazer um volume exclusivamente composto de motivos *locais*; é certo, porém, que alguns, nomeadamente Felix da Cunha, Porto Alegre, Carlos Ferreira, Damasceno Vieira, Mucio Teixeira e Lobo da Costa cultivaram o gênero [...] Queremos com isso dizer que o Sr. Bernardo Taveira não é positivamente o criador do gênero, mas simplesmente seu propagador [...]²²⁶.

Tendo em vista a dificuldade e o alto custo que era publicar um livro, será mesmo que nenhum poeta se deu ao trabalho ou simplesmente não conseguiu publicar um livro? Como já referido, os poetas e escritores preferiam publicar seus textos nas revistas literárias e em jornais locais pela facilidade, pela relação custo/benefício, divulgação, e acessibilidade por parte do público. Além disso, se Bernardo relata em duas obras que sofreu para realizar a publicação do livro, os outros autores provavelmente passaram pela mesma dificuldade, mas por questões diversas, deixaram de imprimir seus livros.

Em certa medida, Carlos Alexandre Baumgarten “defende” Bernardo Taveira Junior, uma vez que para ele o autor já argumentava, em um artigo crítico publicado na *Arcádia*, sobre a necessidade de se utilizarem as tradições, os costumes e as lendas da Província do Rio Grande do Sul em obras, levando a crer que ele

²²⁴ CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2006, pp. 207-208.

²²⁵ ASSIS BRASIL; MOREIRA; ZILBERMAN; *Op. cit.*, pp. 37-38.

²²⁶ *Echo do Sul*, 06/05/1886, p. 02, grifo original. Acervo: Hemeroteca da BPP.

dedicava-se a esses temas antes da publicação de *Provincianas*. O próprio Taveira Junior aponta isso a partir da carta que ele envia a redação do jornal *Echo do Sul*, que visava rebater as críticas que ele sofrera:

Não me inculquei criador de gênero de poesias das *Provincianas*; o que porém posso asseverar é que comecei a compô-las em 1865, e que delas publiquei quase logo três ou quatro. Não me lembro se Felix da Cunha fez alguma coisa nesse gênero de poesias. Quanto aos outros poetas citados pelo meu crítico, nada conheço sobre o gênero, anterior ao que escrevi a começar daquela data. Se não fui o criador, embora apresentando um volume dessas poesias, também é de justiça que não me julgue um simples *propagador* desses assuntos provincianos²²⁷.

Nesta resposta enviada a redação do periódico, se vê Bernardo bravo com esse rótulo de propagador da literatura regionalista. Na realidade, ele queria ser considerado o pioneiro no assunto, obter um *status* no meio literário, e não um “mero” propagandista do tema. Para corroborar com essa premissa, ele novamente ressalta a ausência de trabalhos antecessores. “A simples enunciação delas fará o público conhecer e avaliar do merecimento da obra, que vê pouco a pouco esgotar-se diariamente a sua edição.”²²⁸ Como destaca Guilhermino Cesar:

Nenhum dos grandes temas da gauchesca foi desprezado por Taveira Junior. Descobriu-os com enlevo, sabendo que estava chegando em primeiro lugar. Valorizou quanto pode o homem gaúcho, suas técnicas de trabalho, suas diversões, sua fala, sua natureza que lhe é familiar²²⁹.

Para Donald Schüler, Bernardo, através de *Provincianas*, passa a contar sobre a “sua gente” e, para ele, a obra contém o mesmo discurso das *Poesias Americanas*. Aponta que os poemas trazem mais da alma do poeta – e isso, em parte, resume-se pela experiência que ele vivenciou no interior – do que propriamente uma revelação acerca do homem gaúcho. Afirma que Bernardo se

²²⁷ TAVEIRA JUNIOR, *Echo do Sul*, 10/04/1886, p. 02, grifo original. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²²⁸ *A Discussão*, 18/05/1886, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²²⁹ CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande**: literatura. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Ed. da UFRGS, 1994, p. 24.

orgulhava de ser o primeiro a escrever sobre os gaúchos, mas para isso, utilizou-se da substituição do vocábulo indígena pelo regional.²³⁰

Apesar disso, ele teve o seu trabalho reconhecido pela sociedade da época e, posteriormente, pelos críticos literários. Ademais, essa não é a única polêmica em que obra e autor se envolveram. A outra questão foi pela crítica de Bernardo à José de Alencar devido a obra *O gaúcho*. Segundo Bernardo, Alencar escreveu sobre os costumes do gaúcho sem nunca ter pisado no Rio Grande do Sul, ao contrário dele que residiu anos na Província.

No entanto, essa crítica de Bernardo deve ser relativizada, na medida em que inúmeros trabalhos e obras se pautam em assuntos e questões não vivenciadas pelos escritores. Ora, um professor de história, como ele era, ensina sobre acontecimentos não vivenciados e nem por isso eles serão desqualificados. Acredita-se que com essa posição, que Bernardo queria reafirmar-se enquanto escritor regional e pioneiro. Por fim, completa:

Ninguém escreve sobre o que não conhece ou viu, ou ainda confiado em informações destituídas de toda a verossimilhança. [...] Se não quisesse dar ao trabalho de visitar nossa terra, de estudá-la e conhecê-la, tinha aqui inumeráveis pessoas, que, como se costuma dizer, conhecem a província a palmos, e das quais, sem incomodo seu, podia colher as mais exatas, fidedignas e minuciosas informações sobre o quanto tão desnaturadamente fantasiou em seu gaúchos.²³¹

A discórdia de Bernardo Taveira Junior com José de Alencar data de 1871, quando Alencar encontrava-se vinculado a política e discursou sobre a posição de não debater acerca da emancipação do elemento servil. Com isso, ele escreveu uma série de cinco crônicas²³² a respeito da posição de Alencar. Realmente significativo nas crônicas de Bernardo é a abordagem da literatura de Alencar com aspectos de fã:

²³⁰ SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

²³¹ *Provincianas*, 1886, p. 04. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

²³² As crônicas intitulavam-se *A propósito de um discurso* publicadas nas páginas do jornal *Diário de Pelotas*, de 12 de agosto de 1871 a 19 de agosto de 1871.

Quem, dado aos livros não conhece um dos vultos mais grandiosos da nascente literatura brasileira? O ilustrado e distinto criador do nosso romance histórico, o autor em fim do *Guarany*, das *Minas de Prata*, da *Iracema*, do *Gaúcho*, e de tantos primores literários? [...] J. de Alencar é hoje no Brasil tão reverenciado no mundo da literatura.²³³

Na passagem acima, evidencia-se que no ano de 1871, Bernardo Taveira Junior respeitava a atuação de Alencar na literatura brasileira, inclusive citando a obra *O gaúcho*. Entretanto, após a manifestação dele contra a emancipação do elemento servil, bandeira defendida por Bernardo que será apresentada no capítulo final, a imagem de Alencar como um “ilustrado e distinto criador”, palavras do próprio Bernardo, são completamente modificadas. Em 1886, Bernardo o referencia, em tom irônico, como “estrênuo campeão contra a emancipação servil”²³⁴.

Depois desse fato, Alencar não é visto com “bons olhos” por Bernardo, que ressalta: “como romancista podia fantasiar; mas tendo sempre por tema a verdade. [...] naufragou na fantasia do seu gaúcho, porque este [...] era um pseudogaúcho. Eu penso assim”²³⁵. Deve-se levar em consideração que Alencar escrevia aos leitores da Corte, compartilhando com eles, de certo imaginário sobre os homens do sul²³⁶.

Provavelmente a crítica de Bernardo destinada a Alencar diga mais a respeito da questão abolicionista, causa que ocupou diversas laudas de seus trabalhos literários, do que propriamente o conteúdo literário. Apesar disso, também é possível apontar essa crítica como uma forma de desqualificar o trabalho de Alencar colocando-o no rol dos “iletrados” que já haviam escrito sobre o tema gauchesco.

Polêmicas a parte, os críticos literários ao analisarem a obra de Bernardo Taveira Junior o apontam, mesmo criticando-o, como um dos autores que

²³³ *A propósito de um discurso I, Diário de Pelotas, 12/08/1871, grifo nosso. Material encadernado. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de Jornais. (BTJ – 005).*

²³⁴ *Provincianas, 1886, p. 05. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).*

²³⁵ *Idem, ibidem, p. 05.*

²³⁶ GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De Rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso.** Um processo de representação regional na literatura do século XIX(1847-1877). 2006. 356f. Dissertação (mestrado em história) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

implantaram o ideário romântico no Rio Grande do Sul. “Essas e outras produções enriquecem a nossa [...] biblioteca provinciana, atestando a fecundidade e o talento de Bernardo Taveira Junior.”²³⁷

A última publicação oficial de Bernardo intitula-se *O enterro*, editada em 1888 pela tipografia do Excelsior, poemeto que tem como temática a libertação dos escravos em território brasileiro. A partir desse ano, as publicações de Bernardo cessaram, bem como houvera uma diminuição na sua carga horária nas escolas da cidade. Pode-se inferir que a ausência de trabalho deva-se ao agravamento de sua condição de saúde, pois “a doença sumiu-lhe todas as forças” e “consumiu os melhores anos da mocidade e que nenhuma compensação lhe reservou para os dias cansados da velhice”²³⁸. Apesar disso, Bernardo ainda escreveu alguns poemas que foram publicados de forma póstuma pela sua esposa.

É possível avaliar que no último ano de vida, em 1892, Bernardo já não tinha condições para exercer o magistério, como demonstra a correspondência²³⁹ de Guilherme Minssen a Junta Municipal. Nessa ocasião, afirma que a licença solicitada por Bernardo Taveira Junior havia findado em 30 de novembro de 1891. Além disso, a hipótese é amparada em Rodrigues:

Nos últimos tempos, quando já não podia trabalhar para viver, pois que o estado de saúde não permitia sair à rua, nem lhe era possível continuar mesmo em casa o pesadíssimo exercício de sua profissão, quando se fez o isolamento em torno dele [...] ainda assim não abandonou os trabalhos literários, escrevendo sempre²⁴⁰.

Após uma vida dedicada ao ofício de professor e a carreira literária, Bernardo Taveira Junior faleceu no dia 19 de setembro de 1892²⁴¹ com cinquenta e

²³⁷ *Correio Mercantil*, 22.09.1892, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²³⁸ RODRIGUES, *op. cit.*, pp. 78-79.

²³⁹ Correspondência enviada ao Presidente da Junta Municipal por Guilherme Minssen, professor de agricultura do Lyceu, em 03 de janeiro de 1892. Na ocasião, comunicam que Bernardo Taveira Junior havia solicitado uma licença e desde o seu afastamento o Sr. João Affonso Corrêa d’Almeida assumira a cadeira da disciplina de português da instituição.

²⁴⁰ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 79.

²⁴¹ De acordo com o ASCP3A03 - Registro de enterramento (cemitério) da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1886-1895). Bernardo Taveira Junior faleceu com 56 anos; era natural do Brasil; branco; casado; residente na rua S. Ignácio; faleceu de diabetes. Somado a isso, o jornal *Correio Mercantil* (20/09/1892, p. 02) noticiou que Bernardo Taveira Junior morreu às 19h30min e seu

seis anos de idade. O escritor contava com uma saúde frágil, agudizadas pela escassez de recursos financeiros e pelo agravo da diabetes. Relatando os últimos momentos do escritor, Alfredo escreve:

No último dia, a 19 de setembro de 1892, chamou para junto de si a estremecida esposa, a companheira de todas as alegrias e de todas as mágoas, a enfermeira desvelada que, à custa de cuidados incessantes e quase inacreditáveis, conseguiu prolongar-lhe a vida por alguns meses, tomou-lhe as mãos e, como último adeus, deu-lhe os conselhos mais puros que lhe ditava a experiência dos muitos desenganos. Depois, a voz quase extinta, ainda lhe dizia por acenos que deixava três livros. Pobre e incomparável amigo, que sonhaste toda a vida com a liberdade e ainda sonhavas com a glória no derradeiro instante!”²⁴².

Nesta passagem de Rodrigues, percebe-se que mesmo no momento final de sua vida, Bernardo pensou em sua carreira como escritor, ao insistir que deixava algumas obras para publicação. Além disso, pediu a Maria Agostinha que enviasse algumas poesias para serem impressas no jornal:

Meu marido, pouco antes de falecer, pediu-me para enviar-lhe as poesias – *Meu coração* e *Um bom médico*, para serem publicadas no *Correio*, de que é V.S. digno redator. Essas poesias, ele as estava copiando, a 16, para remetê-las a V.S. quando pela última vez, teve de recolher-se à cama. As outras duas poesias foram escritas no dia 15 do corrente, é o seu último trabalho. Rogo-lhe o favor de publicá-las. Sou com toda consideração²⁴³.

Apesar dessa dedicação ao letramento e a escrita literária, Bernardo morreu paupérrimo, deixando a família em dificuldades financeiras. Em certa medida, ele já estava acostumado com as dificuldades, pois havia publicado um desabafo no prefácio de *Provincianas*: “Estou convencido de que podem aqui *fazer fortuna* os

sepultamento ocorreria no dia seguinte a partir das 13:00 h saindo o prestígio fúnebre do prédio a rua Santo Ignácio nº 43. Acervo: Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e Hemeroteca da BPP.

²⁴² RODRIGUES, *op. cit.*, p. 94.

²⁴³ *Correio Mercantil*, 29/09/1892, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

homens de todos os ofícios, de todas as artes, de todas as profissões e indústrias, menos o homem de letras e o mestre-escola”²⁴⁴.

A opinião do escritor é comprovada pelo jornal *Correio Mercantil*, que em nota sobre a morte do escritor e o agravo dos problemas financeiros enfrentado pela família, ao afirmar “em geral, o termo da carreira de quantos, no Brasil, se entregam ao cultivo exclusivo das letras”²⁴⁵, reafirmando que o culto as letras, de uma maneira geral, não proporcionava retorno financeiro conveniente.

Taveira Junior recebeu algumas homenagens póstumas. A primeira delas, em 1928 pelo Intendente Municipal de Pelotas, Dr. Alfredo Simões Lopes, conferindo o nome de Bernardo Taveira Junior a uma escola municipal (Figura 08) localizada na Colônia Santa Eulália (5º distrito de Pelotas)²⁴⁶.



Figura 08: Escola Bernardo Taveira Junior.

Fonte: Fotógrafo L. Lanzetta (19??). Acervo: Memorial fotográfico da BPP.

²⁴⁴ *Provincianas*, 1886, p.06, grifo original. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004).

²⁴⁵ *Correio Mercantil*, 22/09/1892, p.02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁴⁶ Correspondência enviada por Admor à Alfredo Ferreira Rodrigues em 07 de agosto de 1928. A correspondência comunica que através do ato nº 1.729, de 26 de julho, foi denominado o nome de Taveira Junior a escola, justificando que era “em homenagem ao insigne poeta e educador”. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ-001)

O escritor foi agraciado com seu nome concedido a uma rua no bairro Areal (cidade de Pelotas) no ano de 1969²⁴⁷. Além disso, recebeu homenagens por meio do centenário da *Sociedade do Partenon Literário* e ainda foi nomeado como patrono da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Sobre essa homenagem, escreve Russomano:

Foi a melhor homenagem àquele ilustre homem de letras, que lhe deu a envergadura moral, que o educou, que o aplaudiu antes de todos os outros e que lhe temperou o caráter para suportar os martírios da vida e da arte. Rodrigues não teria sido, no seu substrato humano, aquele que foi se, em tal momento, houvesse esquecido o amigo e cunhado, que tanto o auxiliara [...] ²⁴⁸

Para completar as homenagens a Bernardo, Alfredo Ferreira Rodrigues buscou recursos e editoras para reeditar o livro *Provincianas*. Primeiramente, enviou uma correspondência ao editor da Livraria do Globo com o objetivo de cumprir, segundo ele, os últimos desejos de seu professor. Afirma Rodrigues:

Para dar cumprimento as últimas vontades de meu cunhado Bernardo Taveira Junior, que me criou e me educou, quero publicar alguns livros inéditos que ele deixou e cujo manuscritos estão em meu poder. Para chamar atenção sobre seu nome esquecido da atual geração, tenciona em primeiro lugar reeditar as *Provincianas* atendendo a que hoje todas as atenções estão voltadas para a literatura regional. Taveira passou alguns anos na campanha [...] e o livro além do atrativo do regionalismo, tem um sincero cunho de verdade²⁴⁹.

Posteriormente, enviou uma segunda correspondência à Antonio João Lima Coelho reafirmando a sua intenção de reeditar o livro, pois para Alfredo naquele momento existia uma mania literária pelo regionalismo. Dessa forma, argumenta que

²⁴⁷ De acordo com o livro de denominação Logradouros e vias públicas da cidade de Pelotas fica estabelecido a Rua Bernardo Taveira Junior (nº 02, logradouro 1555) através do decreto nº 8/1869 pelo Presidente da Câmara Municipal de Pelotas, o Prof. Teófilo Alves Galvão. A alteração do nome da rua aconteceu no dia 02 de setembro de 1969 em substituição a Rua nº 03, Vila Cascaes.

²⁴⁸ RUSSOMANO, *op. cit.*, p. 51.

²⁴⁹ Correspondência enviada à Bernardi, editor da Livraria do Globo, em 14 de fevereiro de 1928. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências (BTJ – 001).

a reedição resultaria em uma nova oportunidade de chamar atenção para o nome de Bernardo. Além disso, afirma que editará dois livros que ele escreveu nos últimos anos de vida²⁵⁰. Por fim, a última correspondência referente a reedição do livro foi enviada à Claudino N. Nogueira. Afirma Rodrigues:

Fui criado e educado pelo meu cunhado Bernardo Taveira Junior e estou de posse dos manuscritos dos últimos livros de versos que ele escreveu. Desejo fazer uma edição mas precedendo-a da reimpressão da provincianas, a fim de chamar a atenção do público para o nome de Taveira, quase esquecido da geração atual. Todas as atenções estão hoje voltadas para a chamada literatura regional, de que foi o Taveira o precursor, sendo as provincianas o primeiro livro escrito neste sentido. Estou certo que o reaparecimento desse volume será bem aceito do público podendo eu em seguida publicar outros.²⁵¹

As correspondências de Alfredo Ferreira Rodrigues relativas à reedição de *Provincianas* datam do ano de 1928. Todavia, a reedição do livro só acontece em 1986, cem anos depois da primeira versão, através da publicação pela editora Movimento, coordenada por Regina Zilberman, contando com uma apresentação escrita por Carlos Alexandre Baumgarten e Maria Eunice Moreira. O objetivo dessa edição era destacar uma obra pioneira sobre a temática regional, por sinal o mesmo objetivo que Alfredo defendia anteriormente.

No final deste capítulo fica a questão: como mensurar a relevância de Bernardo Taveira Junior para a cidade de Pelotas? Em diversas fontes pesquisadas, encontram-se inúmeras referências atestando as qualidades do escritor. Por exemplo, a folha ilustrada e humorística *A Ventarola* contemplava em sua primeira página um frontispício bem elaborado e com a imagem de alguém destacado na sociedade, Bernardo, ocupou a coluna em 10 de junho de 1888. Juntamente com a sua imagem foi escrito uma breve biografia:

²⁵⁰ Correspondência enviada à Antônio João Lima Coelho em 17 de fevereiro de 1928. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências (BTJ – 001).

²⁵¹ Correspondência enviada a Claudino N. Nogueira em 27 de fevereiro de 1928. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências (BTJ – 001).

O nosso semanário exhibe hoje, em sua página de honra, o retrato de um distinto pelotense que serve de grandioso ornamento a nossa sociedade como cidadão, como professor, como escritor emérito e como poeta que honra as letras pátrias. Falamos de Bernardo Taveira Junior, esse gênio trabalhador, que tem levado uma vida de mais de cinquenta anos ilustrando o seu espírito e repartindo as mãos fartas os cabedais do saber. Sentimos sinceramente não dispor de espaço suficiente para dar uma leve ideia dos merecimentos literários que ornamentam a fronte de tão distinto mestre, de tão denodado cultor das letras pátrias²⁵².

Observa-se que Bernardo conquistou reconhecimento de seus contemporâneos. *A Ventarola* coloca o escritor como uma figura importante para a cultura pelotense, destacando que, apesar de sua origem humilde, conquistou seu espaço no meio letrado e na sociedade. Todavia, não pode-se apontá-lo como um membro da elite política e econômica da cidade, mas sim de uma elite intelectual, pois contava com um alto grau de instrução e uma posição social um pouco mais destacada.

Fica evidente que Bernardo, enquanto professor, foi relevante na medida que lecionou em inúmeros colégios e ensinou a diversos alunos, que reconheceram seu trabalho, como atesta o jornal *Diário de Pelotas*:

Nas manifestações de anteontem os estudantes pelotenses e seus amigos dirigiram-se à casa dos professores, Srs. João Affonso Corrêa de Almeida e Bernardo Taveira Junior, a quem saudaram entre entusiásticos vivas²⁵³.

Essas manifestações foram realizadas após a aprovação dos estudantes nos exames preparatórios, como forma de reconhecimento pelos ensinamentos. Logo após, Bernardo Taveira Junior discursa e recomenda a seus alunos que perseverem nos estudos, pois a grandeza deles e a felicidade da pátria dependiam do estudo. “A sua profissão foi sempre o professorado, e, como tal, ninguém o excedia em

²⁵² *A Ventarola*, 10/06/1888, p. 02. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e Periódicos. Série: Pelotas. (AP-213e).

²⁵³ *Diário de Pelotas*, 11/12/1879, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

aplicação. Muitos dos moços, que hoje ocupam salientes posições em nossa sociedade, com ele beberam as primeiras lições.”²⁵⁴

No âmbito literário, pode-se inferir que Bernardo conquistou alguns espaços que eram de difícil acesso como, por exemplo, a publicação de sete livros. Apesar disso, não deixou de lado a imprensa que contribuía para que ele divulgasse as suas obras. “Quase todos os jornais do Rio Grande do Sul e muitos de outras localidades continuamente inseriram produções poéticas de sua lavra.”²⁵⁵ Dessa forma, Bernardo alcançava diversos públicos leitores e, com isso, atingia um nível social e intelectual importante em uma cidade e sociedade que prezavam muito por isso.

Ademais, Bernardo participou como sócio de uma série de entidades literárias como a Sociedade do Partenon Literário²⁵⁶, o Grêmio Literário Rio Grandense²⁵⁷ e Ensaio Literários²⁵⁸. O prestígio do escritor pode ser comprovado também através de duas correspondências recebidas por ele. A primeira solicitava a ele o envio de uma poesia para concorrer a um concurso, pois Bernardo era “um dos mais talentosos poetas deste estado”²⁵⁹. A outra correspondência era da Sociedade Sul Rio Grandense, que solicitava o envio de suas obras para “abrilhantar a respectiva biblioteca”²⁶⁰.

Apesar do prestígio alcançado, Bernardo queixava-se “da ingratidão dos contemporâneos, que não lhe faziam a devida justiça, atacando os moços do *Partenon* que pareciam querer enrolar o seu nome na mortalha do silêncio”²⁶¹. Não fica claro através das fontes como ele se renegou ou o “renegaram” no *Partenon*.

²⁵⁴ *Correio Mercantil*, 22/09/1892, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁵⁵ *Correio Mercantil*, 22/09/1892, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁵⁶ Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior pelo Luiz Marquez, primeiro secretário da entidade, em 19 de setembro de 1868. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ – 001).

²⁵⁷ Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por José Vicente, primeiro secretário do grêmio, em 10 de maio de 1869. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ – 001).

²⁵⁸ Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por F. de P. Rodrigues Barcelos Filho, primeiro secretário do Grêmio, em 03 de maio de 1878. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ – 001).

²⁵⁹ Correspondência da Liga Operária enviada à Bernardo Taveira Junior por João Tolentino de Souza, em 14 de dezembro de 1890. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ – 001).

²⁶⁰ Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por S. Loureiro, primeiro secretário da Sociedade, em 26 de outubro de 1891. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências. (BTJ – 001).

²⁶¹ Manuscrito biográfico escrito por Alfredo Ferreira Rodrigues, s/data.: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Documentos diversos. (BTJ – 002).

Uma hipótese possível constitui-se na distância entre a capital da Província e a cidade de Pelotas – localizada mais ou menos 260 km ao sul – que dificultava a participação atuante de Bernardo na entidade e resultava na publicação praticamente nula do escritor na revista – foram encontradas apenas quatro poesias impressas na revista mensal. Outra hipótese ampara-se na disputa entre ele e Múcio sobre o pioneirismo acerca da temática regional, afinal Múcio era mais atuante na entidade.

Apesar disso, Bernardo Taveira Junior tornou-se um indivíduo singular e importante, embora criado em meio a recursos limitados, conquistou espaço em Pelotas como professor, escritor e literato. Conseguiu, apesar dos problemas de edição, publicar uma série de livros. Estudou e ensinou diversos idiomas a seus alunos. Colaborou com importantes jornais diários e literários. Traduziu inúmeros poemas e textos de autores que admirava para torná-los conhecidos do público pelotense. A partir desses apontamentos biográficos, é possível compreender, em parte, como era o lugar social que Bernardo falava.

Contudo, o mais notório são suas publicações – crônicas e folhetins – sobre aspectos econômicos, sociais e culturais da *Princesa do Sul*. Embora compondo uma elite intelectual, soube penetrar no cotidiano da cidade que ele escolheu para passar seus últimos vinte e cinco anos de vida e demonstrou os pormenores que seus moradores estavam envolvidos. A educação, os escravos, as entidades literárias, as charqueadas, a imprensa, a elite pelotense, enfim, Bernardo apresentou as singularidades e as simplicidades do cotidiano pelotense, apresentou para o leitor da época e para o historiador o imaginário acerca da cidade e da sociedade. Desse modo, pode-se perceber a história de Pelotas sob outro aspecto, sob outro olhar, a partir da literatura.

CAPÍTULO 04 A PRINCESA DO SUL DE BERNARDO TAVEIRA JUNIOR

“ [...] *E és tu, ó bella Pelotas!
 Tu-quem nutres ufanosa
 Esse povo que ora luta
 N’uma arena luminosa!
 Ao contemplá-lo o cativo
 Sente um fulgor doce e vivo
 Inundar-lhe o coração;
 Sorrindo em louco transporte
 Diz: “Tu me salvas da morte -
 Da morte da escravidão!*”

*E tu, ínclita cidade, Prossegues e, a cada canto,
 Bem como por um encanto,
 Vais convertendo em mil flores
 Os espinhos que somente
 Ao triste escravo gemente
 Nasciam sob os seus pés!
 Ele agora alcançando a frente
 Divisa um novo horizonte,
 Saúda os seus Josués!*

*Cidade que assim procede
 Porvir imenso anuncia...
 Briosa apaga essa nódoa
 Que de há muito lhe doía;
 Abre campo à liberdade,
 Habilita a humanidade,
 Canta um hino colossal!
 Cidade que assim floreia
 Do porvir não se arreceia,
 Livre marcha triunfal!*

*Salve, mimosa ultana!
 Muito já te deve o escravo,
 Tu reparas esse agravo
 Das férreas leis do passado!
 Ressuscitas para a vida
 Essa presa envilecida
 Sob um regime atroz!
 Avante, ó linda cidade,
 Tens no peito a dignidade
 Que não tinham teus avós.”*

(*A bela cidade de Pelotas - Bernardo Taveira Junior*)²⁶²

²⁶² *Diário de Pelotas*, 10/09/1884. Acervo: Hemeroteca da BPP.

A cidade de Pelotas retratada pela historiografia tradicional apresenta uma urbe com características de opulência, riqueza e com uma elite aristocrática preocupada com os hábitos e costumes europeus. Ou seja, existia uma exaltação em detrimento de uma análise aprofundada e crítica dos aspectos sociais, políticos e econômicos. No entanto, ao aprofundar o campo de visão e ocupar-se dos novos estudos sobre a cidade, obtém-se um “outro olhar” sobre a *Princesa do Sul*, abarcando os ditos “excluídos” da história.

No mesmo viés, este capítulo pretende-se entender a história de Pelotas a partir de uma fonte pouco usual²⁶³, com base nas representações escritas por Bernardo Taveira Junior. No entanto, torna-se necessário contextualizar a formação da cidade para que se possa compreender as questões elencadas pelo escritor, uma vez que Pelotas se constituiu como uma das cidades mais prósperas da Província do Rio Grande do Sul no decurso do século XIX.

4.1 Aspectos históricos: De Vila de São Francisco de Paula à *Princesa do Sul*

*“Quando eu era criança, as marcas de umidade
demoravam a passar. Satolep demorava a passar. Eu temia
que não passasse nunca”
(Vitor Ramil)*

A cidade de Pelotas, localizada no interior da Província do Rio Grande do Sul, tornou-se próspera a partir da implementação da primeira charqueada no final do século XVIII pelo português José Pinto Martins²⁶⁴. A produção de carne salgada passou a ser a principal fonte econômica da cidade até meados do século XX,

²⁶³ No sentido de praticamente não existirem trabalhos sobre a cidade que tenham como ponto de partida o estudo da literatura. Os historiadores pelotenses utilizam os escritores para complementar alguma outra fonte ou informação por eles elencadas.

²⁶⁴ Ele dedicou-se a produção de charque no nordeste do Brasil, após a grande seca ocorrida nos anos de 1777, 1779 e 1792, e decidiu vir para o extremo sul do Brasil onde instalou a primeira charqueada pelotense. O estabelecimento era rudimentar e contava com galpões de palha, varais e tachos de ferro (extração de gordura), além de contar com 20 escravos que trabalhavam como campeiros, salgadores, carneadores etc. E catorze escravos trabalhavam em outras atividades. Cf. MAESTRI, Mario. **O escravo gaúcho: resistência e trabalho**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993, pp. 40-41.

proporcionou a ocupação de moradores, contribuiu para o desenvolvimento de uma urbanidade com “ares europeus” através de uma elite²⁶⁵ aristocrática e escravocrata.

Após a abertura do primeiro estabelecimento charqueador, em 1779, lentamente foi constituída a Freguesia²⁶⁶ de São Francisco de Paula, por meio do alvará de 07 de julho de 1812. Todavia, ela dispunha apenas de uma igreja e se mantinha administrativamente dependente da Vila do Rio Grande. Essa condição foi modificada apenas quando a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, ou seja, emancipou-se completamente de Rio Grande, em 07 de dezembro de 1830.

Então, a Vila contava com uma câmara administrativa e foi criada uma escola e uma praça. No entanto, essa condição durou pouco tempo, uma vez que em 27 de junho de 1835, a Vila de São Francisco de Paula foi promovida para a categoria de cidade, intitulando-se Pelotas²⁶⁷.

“Em síntese, Pelotas, nos primeiros 35 anos do século XIX, transforma-se de incipiente povoação a próspera cidade.”²⁶⁸ Essa questão encontra-se interligada ao crescimento populacional – entre 1814 a 1830 houve um aumento de 177,75%²⁶⁹ –, ao desenvolvimento urbano – a cidade contava com um traçado de ruas centrais que se mantém até os dias atuais, somado ainda a um aumento do comércio local – e ao pioneirismo de José Pinto Martins – responsável pela criação do primeiro saladeiro²⁷⁰ que proporcionou novos investimentos no gênero.

No entanto, pode-se aferir que o desenvolvimento da urbe ficou comprometido pela eclosão e permanência da Guerra dos Farrapos²⁷¹. Como Pelotas encontrava-se em uma posição estratégica – geograficamente perto do

²⁶⁵ Segundo Flávio Heinz, o termo elite é empregado em um sentido amplo e descritivo, fazendo alusão a grupos ou categorias que aparentam ocupar o “topo” de estruturas de autoridade ou distribuição de recursos. Sendo assim, podemos apontar como elite, por exemplo, pessoas influentes na sociedade, dirigentes políticos, presidentes e vice-presidentes das Províncias, entre outros, enfatizando a distinção social que esses indivíduos possuem perante os outros que não compõem essa camada social. Cf. HEINZ, Flávio. O historiador e as elites – à guisa de introdução. IN: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006, p. 07.

²⁶⁶ Com a transferência da família Real para o Brasil, em 1808, era comum promulgar títulos de Freguesia a aglomerados populacionais que demonstravam potencialidade para tornarem-se Vila e depois cidade. Cf. MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 24.

²⁶⁷ O nome Pelotas teria origem a partir da embarcação de couro, chamada *pelota*, que realizava a travessia dos rios.

²⁶⁸ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 52.

²⁶⁹ ANJOS, *op. cit.*, p. 30.

²⁷⁰ Estabelecimento onde se prepara o charque.

²⁷¹ A Guerra dos Farrapos (1835-1845) teve como causa principal a insatisfação com os altos impostos sobre os produtos, fazendo o charque gaúcho tornar-se mais caro que o uruguaio e o argentino, prejudicando a sua comercialização.

porto de Rio Grande – o território foi disputado entre imperiais e liberais durante os embates, trocando inúmeras vezes de lado, tudo dependia do resultado obtido nas disputas²⁷². Essa conjuntura acarretou em certo “atraso” no desenvolvimento da cidade, pois a câmara de vereadores ficou fechada, o Theatro Sete de Abril²⁷³ virou quartel de infantaria e a população deixou as ruas praticamente desertas²⁷⁴.

Antes de findar a guerra, houve uma retomada nas atividades econômicas da cidade, a partir do ano de 1841, com a criação de fábricas de velas, de sabão e de colas²⁷⁵. Esses materiais utilizavam a matéria-prima das charqueadas, isto é, proporcionavam um aumento na rentabilidade do saladeiro já que todas as partes do gado eram aproveitadas. Além disso, tinha-se, ainda, a reutilização da mão de obra no período da entressafra das charqueadas, o que garantia lucros aos produtores e exportadores.

Ademais, no decurso das décadas de 1840 e 1850, observa-se algumas construções significativas para o desenvolvimento da cidade e da sociedade: o início da construção do Mercado Público (1845); iluminação pública a partir de lampiões a azeite (1846); a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1848); do Asilo de Órfãos (1848); criação da imprensa (1851); inauguração do cemitério da Santa Casa (1855); da Sociedade Portuguesa de Beneficência (1857); entre outras²⁷⁶.

Não obstante, Mario Osório Magalhães aponta que Pelotas retomou seu crescimento, alcançando o auge entre os anos de 1860 a 1890, constatando isso a partir da pujança econômica e social do período, por intermédio do acúmulo e da circulação monetária proveniente do charque. Igualmente, nesse período ocorreu a modernização do perímetro urbano, com a iluminação a gás, os bondes com tração animal, o abastecimento de água através da caixa d'água e de quatro chafarizes importados da Europa, enfim, a riqueza proveniente do charque gerou melhorias para a cultura, o lazer e o cotidiano da elite pelotense.

²⁷² MAGALHÃES, *op. cit.* p. 61.

²⁷³ O teatro foi inaugurado em 07 de abril de 1832, tornando-se o quarto mais antigo do país. Em 03 de dezembro de 1833, transferiu-se para o prédio atual no entorno da Praça Coronel Pedro Osório – atualmente encontra-se fechado para a restauração do prédio. No período da Revolução Farroupilha, abrigou munições e armamentos. Posteriormente, retornou suas atividades com produções de autores regionais e locais como, por exemplo, os trabalhos de Bernardo Taveira Junior e Carlos Von Koseritz. Além disso, apresentaram-se companhias dramáticas, concertos e recitais nacionais e internacionais.

²⁷⁴ NASCIMENTO *apud* MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 63.

²⁷⁵ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 55.

²⁷⁶ ANJOS, *op. cit.*, pp. 47-51.

Com todas essas particularidades e ares de “riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia”²⁷⁷, Pelotas tornou-se convidativa e atraiu diversos visitantes como, por exemplo, o naturalista Auguste Saint-Hilaire, o Imperador Dom Pedro II, a Princesa Isabel, o artista Jean-Baptiste Debret, o mercador Nicolau Dreys. Na maioria das vezes, os visitantes ficavam encantados com a cidade, como escreveu Conde D’eu:

Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem [...], sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão ideia de uma população opulenta. [...] Por todas essas vantagens, que esta cidade possui sobre Porto Alegre, se me afigura ser para lamentar que não seja a capital da província.²⁷⁸

A passagem desses viajantes contribuiu para aumentar o prestígio de Pelotas frente a outras cidades da Província, proporcionando a vinda de diversos estrangeiros que atuavam em diversas áreas (pintores, fotógrafos, professores, escritores, redatores, comerciantes, maestros, construtores), ampliando o leque e a troca cultural na cidade. Como destaca Marcos Hallal dos Anjos, a comercialização de produtos e a presença de estrangeiros era vista como sinônimo de qualidade.²⁷⁹

A urbe se desenvolveu rapidamente tanto no âmbito econômico quanto no político e, também, nos âmbitos cultural, social e urbano que fora apontada, com convicção, por Conde D’eu como uma escolha possível e certa para a capital da Província. Logo, quando Bernardo Taveira Junior chegou a Pelotas com sua esposa, em 1866, encontrou uma cidade imersa em uma efervescência cultural, o que possibilitou o seu rápido ingresso na atividade cultural. Evidentemente, que essa facilidade em inserir-se como professor e depois como colaborador da imprensa se deve ao fato de que Bernardo era letrado, culto e da elite intelectual. Dessa forma, presenciou e viveu o apogeu pelotense, retratando alguns de seus aspectos através da literatura.

²⁷⁷ MAGALHÃES, *op. cit.* p. 09.

²⁷⁸ D’EU, Conde. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ed. da USP, 1981, pp. 134-135.

²⁷⁹ ANJOS, *op. cit.*, pp. 56-57.

4.2 A sociedade pelotense sob o viés folhetinesco:

*“As grossas paredes, escaiolas, porões, respiradouros e áreas internas descobertas dessas casas altas de Satolep sempre nos protegeram um pouco do clima úmido”
(Vitor Ramil)*

Nesse período de apogeu, os charqueadores começaram a instalar suas residências – inspiradas na arquitetura europeia²⁸⁰ – longe de seus estabelecimentos para fugir do mau cheiro oriundo dos dejetos da produção do charque, que contrastava com a elegância local. Os proprietários permaneceram em tempo integral em seus saladeiros, oportunizando a seus filhos estudarem em outras Províncias – São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia – e na Europa.

De acordo com Magalhães, despreocupados com a sobrevivência, a maioria dos herdeiros dedicou-se a faculdade de direito, mas o conhecimento da cultura clássica e a recitação de discursos também eram utilizados para seduzir as damas²⁸¹. Bernardo Taveira Junior, atento a essas práticas, também escreveu sobre essa relação:

O herdeiro da casa opulenta ou remediada educa-se, e vive ai quase sempre no seio da ociosidade, cuidando somente de namoricos, bailes e extravagâncias. Assim vai passando o tempo, que final também o há de matar, à espera que o chefe da casa se vá desta para melhor vida, a fim de poder, depois, esbanjar uma fortuna que lhe não custou sequer uma gota de suor.²⁸²

Os filhos da aristocracia pelotense estavam preocupados em se tornarem, na grande maioria, bacharéis em direito – ocupação nobre no período e com *status*

²⁸⁰ Não somente as residências seguiram esta tendência europeizada, prédios públicos como a Santa Casa de Misericórdia e a Bibliotheca Pública Pelotense, por exemplo, seguiram o mesmo estilo.

²⁸¹ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 122.

²⁸² *O enjeitado, Progresso Literário*, 25/08/1878. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP205e)

reconhecido pela sociedade até os dias atuais. Logo, o acúmulo financeiro estava a cargo de seus pais.

Além disso, com o tempo ocioso, aproveitavam os benefícios de uma vida confortável e luxuosa, tais como: aulas de ginástica, esgrima, banhos no arroio Santa Barbara e, como destacou o cronista, também buscavam uma pretendente ideal em meio às peças de teatro, bailes, clubes e festas religiosas.

O entrelaçamento matrimonial foi uma prática social comum no período visando a ampliação das fortunas, o reconhecimento social, o fortalecimento dos sobrenomes e, principalmente, a ampliação de terras. Essa endogamia²⁸³ foi criticada por Bernardo Taveira Junior em dois folhetins, de viés romântico, publicados no periódico *Progresso Literário* entre os anos de 1877 e 1878.

No folhetim intitulado *Cenas trágicas*, o escritor narrou a história de um casal – Adelina e Paulino – que foi separado, as vésperas do casamento, em virtude da Guerra do Paraguai. Com a ausência do noivo, um estancieiro se interessa por Adelina e pede sua mão aos seus pais. Nesse ponto da narrativa, percebe-se as primeiras críticas feitas pelo autor: “Não há dúvida que o Paulino é um bom moço e muito trabalhador, mas o que é tudo isso em comparação do Manduca, que é um senhor estancieiro?”²⁸⁴.

Ao que tudo indica, a provocação do escritor demonstra que o forte materialismo estava intrínseco no seio da distinta elite pelotense. Portanto, a partir desse questionamento, infere-se que os valores que dominavam a sociedade na época, eram os financeiros. O imaginário social pelotense foi construído tanto por literatos como por historiadores que exaltavam que somente os membros da elite e os grandes proprietários de saladeiros ascenderiam e conquistariam espaços de lazer, cultura e sociabilidade.

Obviamente, entende-se que uma vez comprovada a presença da opulência, nada mais natural que os demais membros de outras camadas sociais buscassem a esse tipo de prática, almejando alcançar os mesmos recursos materiais, financeiros e *status* que a elite obtinha. Voltando ao caso de Adelina, entende-se que seus pais

²⁸³ Enlace matrimonial entre pessoas que pertencem ao mesmo grupo familiar, social, étnico e religioso. Cf. "endogamia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/endogamia>. Acessado em 03 jun. de 2014.

²⁸⁴ *Cenas trágicas*, *Progresso Literário*, 25/02/1877. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP204e)

eram pobres e, conseqüentemente, um bom casamento serviria para sanar os problemas financeiros. Assim, como em outro caso que o escritor apresenta: “O pai quer esse casamento, porque está atrasadíssimo em seus negócios. Calcula com a riqueza do genro”²⁸⁵.

Por conseguinte, Bernardo afirma que os casamentos estavam na moda, uma vez que os pais vendiam as filhas aos “bons partidos” da cidade, utilizando como argumento que jamais faltariam vestidos, joias, passeios, carruagens e muitos escravos para servi-las. Nesse texto, Bernardo não inclui os escravos como parte da sociedade e sim como um “empregado”. Talvez um dos motivos para isso tenha sido que a publicação do folhetim estava vinculada a uma revista literária e não política, logo o escritor deixou de lado a questão da defesa do escravo e a luta pela emancipação. Mas, como ele era abolicionista soa estranho essa exclusão do negro como membro da sociedade no folhetim.

Além do mais, os casamentos estavam em evidência porque eram vantajosos em todos os sentidos. Considera-se que esses aspectos eram extremamente relevantes em uma sociedade que priorizava a vida a partir das aparências e do exibicionismo. Entretanto, será que as mulheres também não desejavam essa união? Esse questionamento surge a partir de uma passagem do próprio folhetim na qual o narrador relata os diálogos entre as mulheres – através das rodas femininas – e o fato de valorizarem o noivo – escolhido pelos pais – por possuírem negócios, propriedades e dinheiro, uma vez que era importante garantir uma vida de conforto.

Para Bernardo, a cidade e os encantos de salões, clubes, joias, perfumes e ares de opulência, seduziam as mulheres e as impossibilitava de encontrar o amor. Por outro lado, o campo mantinha-se, em certa medida, “puro” em relação a luxúria da urbe, pois, ao que tudo indica, a proximidade com a terra ainda alicerçava os valores humanos ao invés das aparências:

Quereis ter uma verdadeira ideia do que é o amor sincero e puro? Não o busqueis no seio das cidades ruidosas, no meio do luxo que tudo desvirtua, dos aristocráticos salões em que a moeda mais corrente é a lisonja, e onde quase nunca são os sorrisos a pulular nos lábios a genuína expressão do sentimento. Não! Não busqueis

²⁸⁵ *Cenas trágicas*, *Progresso Literário*, 25/02/1877. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 204e)

nesses focos em que o ranger das sedas, o brilho dos diamantes e as exalações de custosos perfumes, fazem delirar mais de uma cabeça. Não! O amor sincero e puro é modesto como a violeta, não ama a ostentação, ignora os arrebiques da linguagem dos salões; jamais busca revelar-se, espera que o descubram; [...]²⁸⁶

A sociedade pelotense divertia-se nos clubes, saraus, bailes particulares, festas religiosas, teatro, entre outras atividades. Esses eventos, além da diversão, também serviam para apresentar à sociedade as habilidades femininas, como tocar piano, recitar poesias e cantar. Nesse plano de fundo, Bernardo narrou a história de um jovem poeta, Célio, que conheceu o amor de sua vida, Júlia, através de olhares pela janela e em um baile pediu a mão da pretendente aos seus pais. No entanto, “ela tinha o sempre grandíssimo defeito para o egoísmo e materialismo da época – o de ser pobre!”²⁸⁷, ou seja, a família de Júlia não possuía recursos financeiros e buscava, através de um bom casamento, modificar essa condição, assim como na narrativa anterior. Por conta disso, o pedido de Célio foi negado, apesar de ele ser uma pessoa com virtudes, o fato de não possuir os recursos financeiros necessários para satisfazer os desejos da família impedia a união.

O que se percebe a partir da leitura dos folhetins é a representação da cidade como aristocrática e opulenta, reforçando a perspectiva historiográfica. Bernardo critica a busca pela ostentação e pelos recursos financeiros a partir dos pais de Adelina e Júlia, mas será que ele não compactuava, em certo ponto, com essa prática? Pois o escritor, em nenhum momento, critica a busca dos casamentos entre a elite e, por consequência, o aumento da riqueza. Será que Bernardo era contra os “pobres” almejarem uma posição social mais favorecida? Afinal, ele também compunha a elite intelectual da época, logo será que ele não criticava por conta de ser da elite também?

Evidentemente, é complicado compreender um comportamento social a partir de apenas dois folhetins. No entanto, o escritor oferece uma representação de como agiam e pensavam as elites pelotenses naquele período. Trata-se de mais uma interpretação acerca da cidade e da sociedade pelotense:

²⁸⁶ *Cenas trágicas*, *Progresso Literário*, 11/02/1877. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 204e)

²⁸⁷ *Célio*, *Progresso Literário*, 27/01/1878. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 205e)

Naturalmente, é de conhecimento corrente que os acontecimentos históricos costumam receber mais do que uma única interpretação. Mas gostaria de fazer dois comentários sobre este fato inegável da vida do historiador. As interpretações podem antes complementar do que contradizer umas às outras, assim como diferentes mapas do mesmo território podem ser igualmente corretos, sem conflitar em ponto algum. A coexistência das interpretações, em suma, é possível e mesmo provável, mesmo que tais interpretações sejam, no bom sentido do termo, parciais²⁸⁸.

Como um escritor romântico, Bernardo discorre sobre os sofrimentos que os casais passavam por não conseguirem ficar juntos. No primeiro caso, Paulino descobre que Adelina casou-se com um estancieiro e, em um ato de desespero, mata os pais e o marido dela e depois foge sem rumo. No segundo folhetim, Júlia impedida de ficar com Célio, morre e o poeta se suicida logo em seguida na frente do túmulo de sua amada.

Torna-se possível relacionar ambos os folhetins com a obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare e *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, pois tanto o romance trágico do escritor inglês quanto do escritor alemão, embora em temporalidades diferentes, apresentam narrativas de amores impossíveis que culminam na morte como o resultado mais esperado para findar o sofrimento das personagens.

No derradeiro final do folhetim *Célio*, Bernardo escreve: “Agora, leitor, me pergunte qual foi o causador ou causadora da morte de Júlia e do suicídio de Célio. Apelo para a sociedade: responda ela por mim”²⁸⁹. Nesse ponto, percebe-se claramente a peculiaridade do folhetim enquanto gênero literário a partir da relação estabelecida com o público leitor.

Por fim, compreende-se que Bernardo Taveira Junior interpreta os acontecimentos e representa-os tentando influenciar, convencer e alertar o leitor sobre as práticas sociais de sua época. Habilidade com as palavras, o escritor ofusca a sua própria condição de elite e oferece ao público uma leitura com traições, desavenças, sentimentos e reviravoltas, típica do gênero folhetinesco.

²⁸⁸ GAY, *op. cit.*, p.190.

²⁸⁹ *Célio*, *Progresso Literário*, 17/02/1878. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 205e)

4.3 A cultura e o letramento pelotense:

“A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte”
(Titãs)

Antes de ingressarem no ensino superior, os estudantes obtinham os primeiros ensinamentos na *Princesa do Sul* através de instituições que se diferenciavam em ensino privado e público. Dessa maneira, já se evidenciava a distinção social, uma vez que a elite frequentava cursos e instituições particulares e o restante da população frequentava as escolas públicas.

Desde 1832, quando foram fundados os primeiros colégios particulares, Pelotas já afigurava-se como um importante centro educacional da Província²⁹⁰ e o número de instituições de ensino e de alunos aumentavam progressivamente (Tabela 01).

Ano	Aulas	Alunos	Alunas
1832	05 particulares	209	35
1834	07 particulares e públicas	210	48
1847	11 particulares e públicas	359	164
1861	14 particulares e públicas	521	362
1873	28 particulares e públicas	767	623
1891	46 particulares e públicas	1.560	1.199

Tabela 01: Número de alunos(as) frequentes nas aulas particulares e públicas entre os anos de 1832-1891. Acervo: BPP. Fonte: *Revista do 1º Centenário de Pelotas*. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP – 209e).

Como se observa, durante a segunda metade do século XIX, a cidade manteve uma série de instituições de ensino. Obviamente o predomínio de estudantes do sexo masculino era uma constante, mas impulsionadas pela criação

²⁹⁰ REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional** – vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981, p. 35.

das escolas femininas, houve um significativo aumento de mulheres em busca do letramento.

Contudo, ainda faltava em Pelotas uma instituição que tivesse como prioridade o conhecimento, a erudição da elite pelotense e dos bacharéis em direito. Por conseguinte, a criação da Bibliotheca Pública Pelotense, em 1875, pelo jornalista Antônio Joaquim Dias, foi um marco cultural para a urbe.

O espaço não foi criado apenas para contemplar o letramento, o prédio possibilitou a realização de concertos, reuniões, palestras, entre outros eventos como: a discussão dos estatutos da sociedade literária *Culto as letras*, o bazar de prendas em benefício ao Asilo de Mendigos, a discussão sobre a fundação da primeira associação abolicionista e a criação (1878) de um curso noturno de alfabetização voltado para a população pobre. Em 1887, Bernardo Taveira Junior oferece um hino à instituição:

Entrai no grande cenáculo/Onde o pensamento é luz,/Aqui onde o sol da ciência/Atrai, cativa e seduz./É o livro a nova bíblia/Do progresso a florescer;/Fortalece, educa espíritos,/Fá-los livres caminhar/Dos prélios da inteligência/Ninguém se deve eximir;/Sorrir-nos em cada vitória/A linda flor do porvir²⁹¹.

Em certo ponto, esse hino dedicado a biblioteca reforça o papel de Bernardo como membro da elite intelectual. Além disso, o escritor contribuía para a instituição criando poesias para serem vendidas no bazar, como em 1878 com a poesia *A inteligência e o livro* que foi adquirida por Manuel de Deus Dias por 60\$²⁹².

Outra instituição de ensino sumariamente importante foi à escola Eliseu Maciel²⁹³. Por conta dela, Bernardo Taveira Junior se envolveu em uma grande discussão junto ao periódico *Correio Mercantil* a respeito da organização da instituição, na qual exercia o cargo de diretor. A matéria foi publicada no periódico e

²⁹¹ *Diário de Pelotas*, 08/10/1887. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁹² *Correio Mercantil*, 02/06/1878, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁹³ A instituição foi proposta a câmara de vereadores pela família Maciel que visava construir uma escola municipal homenageando o recém-falecido Coronel Eliseu Antunes Maciel. Cf. MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 238.

propunha contrapontos às declarações do professor. Para auxiliar o leitor, a matéria principia com a apresentação de Bernardo ao público:

Está conosco, no pátio, debaixo de uma parreira que teve uvas e folhas, junto a uns canteiros sem flor, o Sr. Bernardo Taveira com as suas botas enlameadas e um aspecto de meter medo a crianças. Custou a entrar e entrou descontente. Esperava talvez que o recebêssemos no escritório ou na sala de visitas. Já se foi esse tempo. No estado em que se apresentou, com grosserias e atrevimentos, muito favor lhe fazemos ainda em prestar-lhe alguma atenção²⁹⁴.

Percebe-se que o periódico não estava nada satisfeito com a posição do escritor frente às decisões tomadas para a instituição de ensino e, indo mais longe, eles não simpatizavam com ele. Essa constatação é corroborada pela publicação de uma notícia anterior com a afirmação de que o escritor era um dos desafetos do jornal²⁹⁵. Possivelmente, essa desavença tivera origem após a publicação de um folhetim, no qual Bernardo acusou o proprietário do *Correio* de envolvimento no assassinato de um escravo – como será abordado no próximo tópico.

Na matéria intitulada *O mercantil e o Sr. Taveira*²⁹⁶, o redator afirma que Bernardo não era forte nas discussões de imprensa, provavelmente o seu único defeito. Por isso, fica o questionamento: será que o escritor era fraco, usando as palavras do periódico, porque precisava rebater opiniões e não queria se mostrar para o público, a fim de manter a sua postura de bom professor, cronista e escritor?. Ele era fraco de argumentos ou queria impor a sua opinião?

“Aplaudimos a fundação da escola Maciel, louvamos o patriotismo da ilustre família que por aquele meio perpetuou a memória de seu venerando chefe, mas discordamos da organização que se pretende dar a essa importante instituição”²⁹⁷. A crítica do jornal era em decorrência da extinção das aulas públicas, uma vez que a escola Maciel empregaria os professores que lecionavam nessas instituições. Por conta disso, as aulas públicas ficariam sem mestres e seriam extintas.

²⁹⁴ *Correio Mercantil*, 21/06/1882, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁹⁵ *Correio Mercantil*, 18/06/1882, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁹⁶ A coluna não foi assinada por nenhum jornalista, sendo impressa nas primeiras páginas do *Correio Mercantil* durante três dias: 21, 22 e 23/06/1882.

²⁹⁷ *Correio Mercantil*, 21/06/1882, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

“Como, pois, vem *vmce.* dizer perante esta população ilustrada que não se trata de extinguir as aulas públicas? Pensa acaso que todos são beócios? Que não veem o que está escrito?.”²⁹⁸ Segundo o periódico, o escritor encontrava-se mais preocupado com os valores do aluguel ou estaria envergonhado pela sua organização.

A outra questão criticada pelo *Correio* foi a criação de aulas mistas (com homens e mulheres). O periódico entra em uma constante discussão com o escritor, pois o jornal concebia as aulas mistas como uma afronta aos bons costumes da época, além de “odioso, vexatório e contrário a civilização”²⁹⁹. Em contrapartida, o autor defendia que a mistura era edificante e que tinha bons resultados em outros países. “Não andaria aí uma imagem de sonambulismo, ou uma ilusão de poeta? Está a parecer-nos que o Sr. Taveira procura assunto para romances ou personagens para comédia.”³⁰⁰

Essa conduta somente seria aceita, conforme o jornal, em casos de cidades que não possuíssem número suficiente de meninos e meninas para criar uma escola separadamente. Porém, em Pelotas, segundo o *Correio Mercantil*, essa prática jamais seria aceita, pois acarretaria em consequências terríveis para a instrução das mulheres, “visto que ninguém se pode sujeitar a mandar suas filhas as escolas dos rapazes”³⁰¹.

Para se defender, Bernardo afirma que, apesar do ensino misto, as mulheres aprenderiam os trabalhos com agulha e de costura usual com uma senhora habilitada e uma professora, ou seja, seria mantido o ensinamento das “lidas domésticas”. Para ele, o estudo das ciências não tinha o mesmo prestígio das artes entre as mulheres:

Por que razão gostam tanto as moças do pó de arroz, dos brincos, dos pregadores, das pulseiras, dos anéis? Dos fantásticos penteados e estudados adornos de cabeça? [...] Porque o fim de tudo isto é brilhar, excitar as admirações de quem as contemplam. Bem se vê que em nada disso predomina uma ideia de utilidade; pelo contrário,

²⁹⁸ *Correio Mercantil*, 21/06/1882, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

²⁹⁹ *Correio Mercantil*, 22/06/1882, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 01.

³⁰¹ *Correio Mercantil*, 22/06/1882, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

não há em tudo isso senão elementos de doença, luxo e vaidade [...]. Porque razão na educação da mulher, ainda mesmo pertencendo esta às de mais modesta classe, concede-se muito mais lugar à dança, às etiquetas de salão, a melhor maneira de sentar-se ao piano, ao canto, ao desenho, etc.³⁰².

O cronista criticava e indagava-se sobre o motivo de ensinar essas superficialidades as mulheres e não concordava com o excesso de instrução no que se refere aos modismos e refinamentos. Até certo ponto, ele tentava se mostrar como um autor de vanguarda, que via nas mulheres um direito de igualdade para aprender os mesmos ensinamentos “científicos” dos homens.

Ademais, o autor questionou o motivo dos pais, e principalmente das mães, fazerem tanta questão que suas filhas aprendessem outros idiomas, como o alemão e o italiano. Ora, aprender outra língua tinha uma forte relação com a cultura europeia, com a qual a cidade se inspirava e exaltava. Dessa forma, uma estudante que se preze deveria conhecer diversos idiomas para ler os livros importados do continente europeu, bem como para se mostrar como verdadeiras damas aos futuros pretendentes.

Reforçando essa perspectiva o anúncio da escola de Mme. Jeanneret afirmava que além de instruir as alunas sobre os trabalhos com agulhas, ensinava outras disciplinas, como o inglês e o francês³⁰³. Para o escritor, essa erudição servia apenas para:

[...] produzir efeito... porque a *moda* olharia com desdém para toda a moça de *educação* que não soubesse dançar, portar-se nas reuniões segundo certos fff e rrr, sentar-se ao piano com certa elegância, cantar em duas ou mais línguas, o que tudo, certo, é imersamente idôneo para despertar murmúrios de pasmo e admiração da parte de quem as pode observar.³⁰⁴

³⁰² *Ideias sobre educação II, Diário de Pelotas, 25/01/1881. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).*

³⁰³ *Correio Mercantil, 06/01/1876, p. 03. Acervo: Hemeroteca da BPP.*

³⁰⁴ *Ideias sobre educação II, Diário de Pelotas, 25/01/1881. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).*

Contudo, é interessante perceber a partir da Tabela 01 o crescente número de mulheres matriculadas junto às instituições de ensino. Talvez esse fato tenha sido impulsionado pelo sucesso da pelotense Antonieta Cesar Dias e da rio-grandina Rita Lobato – residente em Pelotas. Ambas formaram-se em medicina no Rio de Janeiro e Bahia, respectivamente e tornaram-se as primeiras médicas do Brasil.

Ainda com relação a Tabela 01, notabiliza-se o crescente número de instituições. Para se distinguirem, as escolas buscavam os melhores professores para o seu corpo docente. Por conta disso, as instituições competiam entre si para ficar com determinado professor e utilizavam o nome dele para promover e dar credibilidade ao estabelecimento:

Porém se isso não fosse bastante para garantir a utilidade e vantagens do colégio francez, tínhamos outro nome, não menos respeitável e conhecido, que por si só era suficientemente para firmar créditos do estabelecimento. Esse nome é o do Sr. Bernardo Taveira Junior [...] ³⁰⁵.

Dessa forma, constata-se que certos professores foram muito valorizados no sistema educacional local, sendo um dos fatores para atrair novos alunos. Após a conclusão do ensino, os estudantes iam para a capital Porto Alegre a fim de realizar os exames preparatórios – uma espécie de vestibular da época. Sobre esses exames, escreveu o periódico *A Penna*:

A nossa gentil Princesa-Pelotas é, depois da capital, a cidade que mais contribui para o desenvolvimento da instrução na Província [...] daqui vão todos os anos 40 estudantes e mais, que não cedem o passo aos da capital. [...] É que os estabelecimentos de instrução de Pelotas estão a par dos melhores da capital, e podem fornecer a instrução da mesma forma. ³⁰⁶

Bernardo Taveira Junior acompanhou diversos alunos a capital da Província para prestar os exames e os resultados puderam ser acompanhados a partir da

³⁰⁵ *Correio Mercantil*, 18/02/1876, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁰⁶ *A Penna*, 02/11/1884, p. 01. Acervo: BPP. Fonte: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 201e).

imprensa local³⁰⁷. O escritor defendia a importância da educação para a população e como ela não deveria ser ignorada, pois era capaz de melhorar a sociedade:

Ninguém deve ignorar que a educação é que faz o homem. Ela tem tanto império sobre ele, que até mesmo nos ímpetos do coração o homem cede ao seu prestígio. Quanto melhor for a educação num povo, tanto mais rápido será o seu desenvolvimento no caminho do progresso; ele terá mais fé nas suas crenças, mais moralidade em seus costumes, mais firmeza no caráter, mais clareza e vigor nas ideias, mais tendências para a perfectibilidade. Não há que duvidar portanto, que os destinos mais ou menos brilhantes de um país dependem da educação de seus filhos. É só por ela que o homem se pode tornar bom cidadão³⁰⁸.

O cronista defendia que se a população fosse educada, grandes transformações seriam conquistadas no país, por exemplo, a abolição dos escravos. Contudo, embora o discurso do cronista fosse muito bonito e bem intencionado, na realidade, apesar do número de escolas, o percentual de leitores em Pelotas era irrisório.

Ao ampliar o campo de visão e focalizar a Província do Rio Grande do Sul, a discrepância torna-se evidente, uma vez que somente 35% da população era alfabetizada.³⁰⁹ Em Pelotas, os números apontam uma relativa aproximação com os dados da Província: em 1872, a cidade contava com 14.762 habitantes e, destes, 4.655 eram leitores e 10.107 eram analfabetos.³¹⁰ Já em 1891, existiam 22.919 habitantes na área urbana, dos quais 11.164 sabiam ler e 11.755 não sabiam.³¹¹

³⁰⁷ Por exemplo: *Correio Mercantil*, 29/11/1879, 02/12/1879, 07/12/1879. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁰⁸ *Emancipação servil VI, Diário de Pelotas*, 19/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁰⁹ De acordo com o censo de 1872, na Província do Rio Grande do Sul 95.303 indivíduos sabiam ler e escrever e 271.719 eram analfabetos. Fonte: Censo de 1872. Dados ajustados a partir das pesquisas do Núcleo de 72 História Econômica e Demográfica. Disponível no site do Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica: <http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/pop72/>. Acesso em: 30 mar. 2013

³¹⁰ Segundo os dados ajustados a partir das pesquisas do Núcleo de 72 História Econômica e Demográfica. Disponível no site do Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica: <http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/pop72/>. Acesso em: 30 mar. 2013

³¹¹ De acordo com o Boletim apresentado a Intendência Municipal da cidade de Pelotas em sessão de 12 de maio de 1891 por Euclides B. de Moura, diretor da repartição de estatística da mesma intendência. Os números apresentados não contemplam 4.082 crianças, menores de 8 anos, que não consideram-se analfabetas em virtude da sua pouca idade. Acervo: BPP. Fundo: Documentos públicos municipais. Série: Intendência Municipal de Pelotas. (DPM – 027).

Apesar das lutas defendidas por Bernardo, poucos indivíduos tinham acesso as reivindicações, críticas, sugestões, folhetins, crônicas e obras do autor. Além disso, embora os jornais fossem mais baratos do que os livros e, na teoria, alcançavam um público mais abrangente, a população de massa não lia seus textos, principalmente pela falta de instrução. Por conseguinte, os textos dele acabavam destinados a um público restrito, provavelmente formado somente por seus pares.

4.4 A charqueada e o mundo escravista:

*“Para que me pôr no tronco
Para que me aleijar
Eu juro a vosmecê
Que nunca vi Sinhá
Por que me faz tão mal
Com olhos tão azuis
Me benzo com o sinal
Da santa cruz”
(Chico Buarque)*

As charqueadas foram a principal atividade econômica da cidade de Pelotas e da Província do Rio Grande do Sul³¹² durante o transcorrer do século XIX. Os saladeiros foram, aos poucos, instalados as margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo, totalizando uma média de 30 a 40 estabelecimentos desde a sua criação até o seu declínio³¹³. Por intermédio deles, a economia e a sociedade pelotense moldaram as suas bases aristocráticas e escravocratas culminando com o apogeu referenciado anteriormente.

Para realizar o trabalho nas charqueadas houve o predomínio da mão de obra escrava, utilizada em larga escala, o que foi o principal motivo da entrada de negros na região. Esse fato encontra-se intimamente ligado a rotina de trabalho, pois a

³¹² Primeiramente, a Província do Rio Grande do Sul não encontrava-se vinculada a este sistema escravista por conta de sua colonização tardia. Posteriormente, os escravos foram de suma importância na Província, a partir do desenvolvimento da agricultura extensiva e do comércio de carne salgada. Além disso, a fundação da Vila do Rio Grande, em 1737, acentuou à presença de negros escravizados na Província. Cf. BAKOS, Margareth Marchiori. **Rio Grande do Sul: Escravidão e Abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 13.

³¹³ ASSUMPÇÃO, *op. cit.*, p. 60.

labuta durava em torno de dezesseis horas diárias, realizadas, em boa parte, no período noturno³¹⁴ e com os pés descalços³¹⁵.

Ademais, o clima pelotense era insalubre, com invernos úmidos e frios, o que desgastava o trabalhador e causava uma morte prematura.³¹⁶ Por conta disso, os saladeiros tinham predominantemente escravos do sexo masculino para exercer as principais funções como, por exemplo, carneador, salgador etc.

A safra do charque era sazonal e compreendia os meses de novembro a maio, e no restante do ano, durante o período da entressafra, os escravos trabalhavam em outros estabelecimentos como olarias, fábricas de sabão e de velas. Esses produtos proporcionavam outra fonte de renda e, também, possibilitavam o aproveitamento completo da mão de obra, ou seja, o objetivo era manter os escravos ocupados durante o ano inteiro, gerando um retorno financeiro para os senhores e um amplo aproveitamento dos cativos.

Também, todo o material proveniente do gado era aproveitado: com as patas criava-se um óleo chamado mocotó; vendiam-se os chifres assim como as cinzas dos ossos, que eram vendidas na Europa como adubo; e existiu ainda uma fábrica de conserva de línguas.³¹⁷ Esse total aproveitamento só foi possível a partir do aprimoramento de técnicas e do avanço tecnológico. Jorge Euzébio Assumpção aponta que essa modernização ou evolução surgiu em virtude da concorrência platina que exigiu um aumento na produtividade pelotense.³¹⁸

Dessa forma, para aumentar a produtividade era necessário obter um alto índice de trabalhadores ou explorá-los ao máximo, e as charqueadas souberam fazer muito bem esse papel. O número de escravos foi considerável em Pelotas, chegando ao ápice da Província do Rio Grande do Sul, em 1884, contando com 5.918 trabalhadores.³¹⁹

³¹⁴ MAESTRI, *op. cit.*, p. 41.

³¹⁵ AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A negra força da princesa**: Polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857). Pelotas: Ed. do autor, 2008, p. 39.

³¹⁶ LONER, Beatriz Ana. A revolta que oficialmente não houve. **História em revista**, Pelotas, v.3, pp. 29-52, nov.de1997.

³¹⁷ GUTIERREZ, Ester. A arquitetura pelotense: charqueada e cidade. IN: MAESTRI, Mario. ORTIZ, Helen. **Grilhão negro**: ensaios sobre a escravidão colonial no Brasil. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009, pp.201-231.

³¹⁸ ASSUMPÇÃO, *op. cit.*, p. 101.

³¹⁹ Quadro demonstrativo da população escrava no município de Pelotas, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul de 30 de setembro de 1883 a 30 de junho de 1884. *Correio Mercantil*, 23/08/1884. Acervo: Hemeroteca da BPP.

No entanto, o desgaste do trabalhador culminava com a sua morte prematura. Entre os escravos falecidos no período de 30 de setembro de 1883 e 30 de junho de 1884 consta a morte de 838 homens e 337 mulheres.³²⁰ Beatriz Loner destaca que essas mortes não necessariamente foram de empregados das charqueadas, mas são significativas na medida que não existia registro de mulheres labutando nos saladeiros.³²¹

As charqueadas e o alto número de cativos compuseram o cotidiano pelotense da época e isso serviu como inspiração a Bernardo Taveira Junior para escrever diversas crônicas e alguns folhetins sobre esse aspecto econômico, social e determinante para a urbe. O escritor julgava necessário que a população sofresse uma comoção, em todos os sentidos: “desde o pobre até o opulento, desde o ignorante até o instruído, desde o moço até o velho. Todos deveriam ser obreiros na obra da emancipação”.³²²

O afilhado e cunhado do escritor, Alfredo Ferreira Rodrigues, em uma clara tentativa de honrar a família e de valorizar seu padrinho, assinalou Bernardo como um dos mais antigos batalhadores da abolição da escravatura na Província do Rio Grande do Sul.³²³ Porém, é bastante complicado comprovar essa afirmação, mas em 1867 já existiam registros de publicações de Bernardo acerca da causa abolicionista.³²⁴ Contudo, afirmar que ele foi o mais antigo abolicionista soa mais como uma tendência de Rodrigues em elevar a condição do cronista, afinal ele era afilhado de Taveira Junior e, possivelmente, não o retrataria de maneira inferiorizada. Apesar disso, não se pode negar a relevância do autor na luta por essa causa.

Os textos do cronista eram lidos por uma minoria letrada, ou seja, provavelmente os seus leitores compunham a elite charqueadora; logo não concordariam com as manifestações de Bernardo, tendo em vista que os charqueadores dependiam da mão de obra escrava para produzir o charque. Nesse

³²⁰ Quadro demonstrativo da população escrava no município de Pelotas, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul de 30 de setembro de 1883 a 30 de junho de 1884. *Correio Mercantil*, 23/08/1884. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³²¹ LONER, *A revolta que...*, p. 30.

³²² *Emancipação servil I, Diário de Pelotas*, 10/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³²³ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 79.

³²⁴ Em 1867, Bernardo publicou um poema intitulado *Liberdade* na 1ª série da revista *Arcádia*.

viés, é possível pensar que o cronista tenha sofrido algumas críticas da sociedade e, para comprovar essa hipótese, é válido se apropriar do texto do próprio autor:

Em Pelotas, ainda nenhuma voz ousará levantar-se em prol do miserando escravo? Tive coragem para isso, tive mesmo a audácia de desafiar as ideias desses homens egoístas e emperrados, e de apresentar-me à descoberto como algo do que o estolido ressentimento da ignorância os levasse a praticar contra a minha pessoa. Apesar das ameaças ridículas que indiretamente abalançarão-se à fazer-me nada surtiu. [...] Falarão muito, gritarão ainda mais, tudo porém tem o seu termo: calarão-se à final, sem que se revolvessem a me fazer calar³²⁵.

Corroborando com essa linha de pensamento, Carlos Alexandre Baumgarten também afirma que o escritor destacou-se na Província, mas que “por sua posição contrária ao regime escravagista, muitas foram as ameaças que sofreu, embora nunca tenha cessado de, através de seus poemas, lutar pela abolição”³²⁶. Entretanto, o autor não faz referência de onde retirou essas afirmativas, portanto é difícil confirmar que Bernardo tenha, efetivamente, sofrido ameaças.

Além disso, será que a voz de Bernardo Taveira Junior ecoava tanto assim no cotidiano pelotense a ponto de ser ameaçado? Será que essa era uma estratégia utilizada pelo escritor para obter certo “apelo” popular? Será que ele também queria reivindicar pra si uma luta, assim como fez com as poesias gauchescas? Talvez suas crônicas não ecoassem em número de leitores, mas sim entre aqueles que detinham o poder econômico e seriam diretamente atingidos por essas propostas abolicionistas.

Possivelmente ele não tenha sido o único escritor a questionar o abuso dos charqueadores e a utilização do elemento servil nesses estabelecimentos. O próprio *Partenon Literário* já defendia questões abolicionistas logo em seguida a sua criação, em 1868.³²⁷ Conclui-se, então, que a literatura em prol da abolição já havia sido produzida e Bernardo não “inventou a roda”. Em contrapartida, ele tem seus méritos, principalmente ao assinar a grande maioria de seus textos, evitando o uso

³²⁵ *Emancipação servil – Ventre Livre*. 15/10/1871, *Diário de Pelotas*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³²⁶ BAUMGARTEN, *op. cit.*, p. 57.

³²⁷ ASSIS BRASIL; MOREIRA; ZILBERMAN, *op. cit.*, p. 141.

de pseudônimos. Dessa forma, se expõe claramente, assumindo a responsabilidade e as críticas pelos seus escritos e destacou-se, uma vez que contrapunha-se a uma elite predominante.

Bernardo em suas crônicas abolicionistas discursa sobre a conscientização que esperava da população, todavia, como observado anteriormente, a maioria era iletrada, por conseguinte não leriam seus escritos. Portanto, como ele conseguiria atingir toda a sociedade? Sabe-se que existiam algumas práticas de leitura oral dos periódicos durante o século XIX, como observou Marialva Barbosa³²⁸. No entanto, obviamente não haveria interesse da elite letrada em repassar tais informações aos escravos, endossando ainda mais o desafio de atingir essa massa escrava e iletrada.

Considerando a escassa abrangência de seus escritos que notadamente não chegavam até os escravos, quais seriam as motivações de Bernardo? Será que ele era militante da causa? Queria alavancar a carreira buscando espaços pouco explorados? Gostaria que a abolição fosse imediata? Ele defendeu a causa para confrontar alguns de seus desafetos? Ou simplesmente escrevia para seus pares letrados que acompanhavam a periodicidade dos jornais?

Esses questionamentos acerca do escritor pairam no ar e no decorrer dos próximos tópicos pretende-se respondê-los ou apontar pistas para encontrar essas respostas. Sabe-se que não existe uma verdade absoluta e que apenas apresenta-se uma interpretação, uma versão dos acontecimentos.

4.4.1. Os escravos e a dura labuta nos saladeiros:

Na crônica intitulada *Emancipação servil (III)*, Bernardo Taveira Junior relata como seria a vida de um escravo desde seu nascimento. Para ele, o escravo era um infeliz que nascera como uma “coisa” que já tinha dono e essa condição era garantida pela iniquidade da Lei. Ao nascer, não percebia a sua condição, todavia “no primeiro lampejo de sua razão, ele via refletir-se a pavorosa imagem do

³²⁸ BARBOSA, *op. cit.*, p. 51.

cativeiro”³²⁹ e, nesse momento, principiava, então, sua desgraça, pois começava a nutrir o ódio do oprimido pelo opressor, do escravo contra o seu senhor.

O cativo é apresentado na condição de uma mercadoria que trocava de mãos de acordo com a vontade do senhor e essa condição somente seria mudada ao morrer em decorrência ou dos maus tratos ou da velhice. “Não há súplicas, não há lágrimas, não há dor, não há desespero, não há gemidos que valham mais que o preço da mercadoria que vai ser vendida”³³⁰, uma vez que o preço de um escravo em boas condições físicas e jovem, se igualava, em alguns casos, ao preço de um terreno na cidade ou a subúrbios próximos.³³¹

Esse mercado escravagista foi intensificado com o auxílio da imprensa, que noticiava negociações de compra, venda e fuga dos trabalhadores através de anúncios, além de promover e tornar banal esse tipo de prática. Nas palavras de Sidney Chalhoub, essa comercialização foi um dos aspectos mais traumáticos envolvendo seres humanos no período escravocrata.³³²

Ademais, o cativo também era submetido à condição de “coisa”. “Nasce um desses infelizes. Não é um homem que vem ao mundo, é uma coisa que já tem dono ainda no embrião da existência.”³³³ Corrobora a essa ideia a análise jurídica de Perdigão Malheiro, em 1866, na qual aponta que o escravo “Reduzido à condição de *cousa*, sujeito ao *poder e domínio* ou propriedade de um outro, é havido por *morto*, privado de *todos os direitos*, e não tem *representação alguma*”³³⁴.

A questão da coisificação diz respeito, principalmente, à aplicação das leis, ou seja, o homem livre ao cometer algum delito responderia legalmente por isso. Enquanto o escravo seria julgado a partir do seu senhor e do chicote do capataz, ou seja, ele não teria a menor representatividade no estrato social pelotense. Logicamente, essa perspectiva não foi reduzida apenas a cidade de Pelotas, uma

³²⁹ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas, 12/05/1870*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³³⁰ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas, 12/05/1870*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³³¹ SIMÃO *apud* LONER, Beatriz. *Negros: organização e luta em Pelotas. História em revista*. Pelotas: UFPel, v.5, p. 01-17, dez., 1999, p. 09.

³³² CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade: Uma História das últimas décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 29.

³³³ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas, 12/05/1870*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³³⁴ MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **Ensaio histórico-jurídico-social: direito sobre os escravos e libertos** (parte 01). Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1866, p. 02. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/174437>. Acessado em 24 de maio de 2014.

vez que o escravo não tinha representatividade no país como um todo. Afinal, “o escravo é em nosso país uma *propriedade* autorizada pela lei”³³⁵.

Os escravos da cidade eram oriundos de diversas localidades, como destacou Jorge Euzébio Assumpção³³⁶. No entanto, houve o predomínio de escravos crioulos – nascidos em território nacional. A utilização de crioulos encontra-se coadunada com a promulgação da Lei Euzébio de Queirós em 1850, que extinguiu o tráfico de escravos e acarretou em um duro golpe no comércio de escravos no Brasil.³³⁷

Bernardo dedica um folhetim intitulado *O pirata negreiro* a questão do tráfico. Nessa obra, apresenta alguns episódios aos quais os negros foram submetidos como, por exemplo, a permanência nos porões dos navios e as péssimas condições para fazer a travessia do Atlântico:

[...] Uma tumba na verdade!... Em seu bordo suportava quatrocentos africanos que a maldade escravizava! Quatrocentos desgraçados num porão quase abafados, cheios de fome e nudez! Quatrocentas criaturas pungindo ali mil torturas no covil da malvadez! No porão – caverna horrível – esses entes, comprimidos, gemiam noites e dias! Sem distinção, confundidos, ali, naquele ambiente, nessa fuma pestilenta, tudo era negro e fatal! [...] ³³⁸.

A Lei Euzébio de Queirós marcou o primeiro passo do Brasil para abolição dos escravos. Por isso, foi diversas vezes lembrada pelo escritor em suas crônicas: “Desta data em diante, a ideia emancipadora, a maneira de uma enchente que, intumescida, se espraia por onde encontra espaço, recresce de intensidade [...]”³³⁹. Obviamente, os senhores dariam o seu “jeitinho” para continuar com a mão de obra escrava; conseqüentemente, a solução encontrada após a proibição do tráfico foi a utilização dos crioulos:

³³⁵ *Libertemos o escravo, A Discussão*, 16/12/1881. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³³⁶ Africano, Angola, Bengala, Congo, Gaboa, Guiana, Mina, Moçambique, Nagô, entre outros. ASSUMPÇÃO, *op. cit.*, pp. 133-138.

³³⁷ Antes disso, em 1830 foi promulgada a Lei Feijó que declarava livre todos os escravos que entrassem em território e nos portos brasileiros.

³³⁸ *O pirata negreiro. Diário de Pelotas*, 19/09/1880. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³³⁹ *13 de maio*, 13/05/1889. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

Dos escravos – o crioulo é de todos o mais perigoso. Criado com mimos até certa idade, tratado como filho na família, com a inteligência mais esclarecida que o negro importado – o crioulo passa os primeiros anos embalados nas doces ilusões de que, apesar da cor, é tão livre como os filhos de seu senhor. O crioulo, que até então nem sequer presume o que seja escravidão, porque tem vivido acalentado no seio da família [...] é um pequeno amigo da família, onde veio ao mundo, e tem sido criado [...] Vê fugir tudo isso, porque é forçoso que ele reconheça finalmente que não é o que pensava ser; mas que é escravo como os outros [...]”³⁴⁰.

Dessa forma, segundo o escritor, a convivência da criança negra com o filho do senhor acarretaria para o primeiro uma demora na conscientização de que, assim como os outros, ele também era um escravo e, por conta disso, seria oprimido, vendido, emprestado e maltratado pelos seus senhores. Para Bernardo, essa conscientização tardia transformava o crioulo em escravo “sob todas as amarguras do cativeiro”³⁴¹. Sendo assim, o tronco, a chibata e a senzala agora faziam parte de sua existência.

Bernardo apresentava o crioulo como um escravo perigoso, já que gozava de liberdade nos primeiros anos de vida que, logo em seguida, lhe seria retirada. “Aquele amor, aquela amizade, aquela afeição que nutria pelos senhores, transmuda-se em profunda ingratidão; em seu peito já não há afetos que o prendam à família dos livres; nele há somente agora o fel do ressentimento.”³⁴² Por conta disso, ele poderia se revoltar contra o senhor, uma vez imerso no regime escravista.

É complicado estimar até que ponto existia essa relação aparentemente amistosa que Bernardo propusera. Em certo ponto, ele tentava humanizar os senhores que acolhiam o crioulo, enquanto jovem, e, depois ele erroneamente revoltava-se contra o senhor, mas será que o “choque de realidade” não justificava essa postura? Ou melhor, existia realmente esse choque? Ou o crioulo sempre esteve submetido a essa condição de escravo, mas o papel foi um pouco alterado?

³⁴⁰ *Emancipação servil IV, Diário de Pelotas, 13/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).*

³⁴¹ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas, 12/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).*

³⁴² *Emancipação servil IV, Diário de Pelotas, 13/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).*

Em sua crônica, Bernardo afirmava que a criança negra nem sabia o que significava escravidão, pois, naquele momento e de certa forma, fazia parte de um seio familiar, era um “amigo da família”, contudo, surge o questionamento: não seria ingenuidade demais pensar assim? De encontro a essas questões, Auguste de Saint-Hilaire, em visita a Província do Rio Grande do Sul, ao passar pela cidade de Pelotas, retrata a presença de jovens trabalhadores escravizados:

Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do dono. À noite chega-lhe o sono e quando não há ninguém na sala, cai de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa esse impiedoso sistema: ele é frequente em outras³⁴³.

A partir dessa passagem podemos questionar: Bernardo refere-se às crianças menores de dez anos? No entanto, Jorge Euzébio Assumpção ao pesquisar os inventários de órfãos de Pelotas constatou a presença de trabalhadores negros de até nove anos.³⁴⁴ Essa perspectiva somente foi modificada a partir da promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871. Para Bernardo, essa lei foi a mais marcante a favor da luta contra a escravidão e a tinha como um passo gigantesco a caminho da civilização:

O dia 28 de setembro de 1871 não só assinalou nos fastos da história do império uma nova época, como também juntou mais uma página de ouro aos anais da humanidade. [...] Daquela data em diante, deixou o formoso sol dos trópicos de iluminar em terra brasileira o nascimento de escravos. [...] Essa avidez brutal com que senhores aguardavam o nascimento dos filhos de suas escravas, não se revelará mais na torpitude de suas paixões ambiciosas. [...] Convencer-se-ão agora de que a única e verdadeira fonte de riqueza é o trabalho – mas o trabalho livre. [...] Depois da independência, a

³⁴³ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: (1820-1853)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974, p. 73.

³⁴⁴ Entre os anos de 1780-1831 houve 10,4% de trabalhadores menores de dez anos. Entre 1831-1850, 3,8% escravizados e entre os anos de 1850-1888 houve 4,3%. Cf. ASSUMPÇÃO, *op. cit.*, pp. 134-140.

lei de 28 de setembro foi o passo mais gigantesco que demos no caminho da civilização³⁴⁵.

Para o cronista, a Lei inflamou o espírito dos escravocratas que perdiam mais uma forma de mão de obra.³⁴⁶ A Lei foi substancial para dar mais um passo a favor da emancipação, mas o processo caminhava lentamente e Bernardo queixava-se dessa lentidão:

Sem que sejamos os culpados, como [...] provam os anais da humanidade, da implantação do escravo em nossa terra virgem de escravidão, deve contudo pesar-nos profundamente esses milhares de pontos negros que representam outros tantos escravos, remoinhando no seio da confraternização brasileira... A vergonha deve enrubescer-nos o rosto todas as vezes que, estendo a vista pelos mapas europeu e americano, só no Brasil e numa colônia espanhola é que deparemos com os antros da escravatura!³⁴⁷

É interessante notar nesta passagem que Bernardo assume a sua responsabilidade enquanto membro da sociedade, apesar de destacar que a mesma não é culpada pela escravidão, tentou motivá-la em busca da transformação social, ao criticar a indiferença com a qual o governo lidava com a causa, cobrando que ele tomasse medidas mais enérgicas:

O país espera ansioso pela iniciativa do governo, ele a espera cercado de apreensões, de dúvidas. E de receios; sobram-lhe as razões para isso, porque é tão grave quão necessária a abolição da escravatura. É um problema em que se tem de pesar muitos interesses, e em que se tem de lutar contra muitos prejuízos arraigados no coração de nossa sociedade. [...] o governo cedendo à torrente das ideias, terá bastante prudência, para que gradualmente, e sem sacrifícios onerosos, se vá extirpando do seio de nossas sociedades o cancro da escravatura. [...] Da prudência dos meios

³⁴⁵ *Emancipação servil – Ventre Livre. Diário de Pelotas*, 1881. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁴⁶ *28 de setembro (1871), Diário de Pelotas*, 28/09/1881. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁴⁷ *Emancipação servil I, Diário de Pelotas*, 10/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

empregados pelo governo depende o feliz êxito da mais justa das causas – a da liberdade³⁴⁸.

Contudo, em certas passagens das crônicas ele se contradiz no discurso e afirma compreender que a abolição abrupta da escravidão acarretaria prejuízos gravíssimos a riqueza pública e particular. Então, a proposta era abolir os escravos, mas sem prejudicar os senhores? Posição um tanto quanto tendenciosa e em “cima do muro” do escritor e, assim, tornava-se fácil defender a extinção do trabalho escravizado uma vez que a elite não perderia a sua mão de obra e toda a renda investida ao longo de décadas.

Na crônica intitulada *Libertemos o escravo*, Bernardo afirma que não existia nenhum bom cidadão, ou homem de boa moral, que não concordasse sobre a necessidade que a sociedade tinha de acabar com a escravidão. Ele certificou que a Lei do Ventre Livre foi mais um passo a caminho da liberdade, mas que ela já não satisfazia as aspirações sociais. Ainda, acrescentava:

Quem substituirá o braço escravo? – Deixemos ir as coisas como vão, porque daqui a vinte anos não haverá mais escravos no Brasil. – Não precipitemos a libertação; a tranquilidade pública pode sofrer com isso. – Limitemo-nos aos meios puramente indiretos –. [...] Todos reconhecem que a escravidão é um grande mal e que a nossa maior necessidade social é extingui-la em nossa terra; mas, por outro lado, a maioria dos senhores proprietários de escravos, embora inclinados a ideia de libertação, não os querem libertar senão em troca de um equivalente ou antes convencionado. Estão no seu direito [...]³⁴⁹.

Nesse ponto observa-se a contradição do cronista: se ele defendia a emancipação desde 1867, mais de quatorze anos haviam se passado, queria mais vinte anos para que os senhores se preparassem para o fim do ciclo?. Até que ponto a sua ocupação social, como membro da elite, não interferiu na tentativa de prorrogar a abolição, a fim de manter o poder econômico da elite?

³⁴⁸ *Emancipação servil VII, Diário de Pelotas, 20/05/1870*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁴⁹ *Libertemos o escravo, A Discussão, 16/12/1881*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005)

Não é por acaso que o escritor assinou essa crônica com um pseudônimo. Logo, tem-se mais um indício da posição dúbia do autor. “Não somos da opinião, nem pregamos doutrinas para que de um só jato lavre-se o decreto da abolição.”³⁵⁰ Dentro de suas contrariedades, Bernardo acreditava que a propaganda abolicionista abriria caminho por todas as classes sociais e se expandiria pela convicção de que era inegável a importância da emancipação.³⁵¹

Efetivamente, a imprensa teve um papel primordial no processo de abolição, pois veiculava artigos, crônicas, folhetins e notícias que denunciavam os maus-tratos aos quais eram submetidos os escravos. Ademais, em Pelotas, a Abolição foi composta por três fases, das quais duas envolvem a palavra impressa.

4.4.2. A primeira fase da Abolição pelotense: A Voz do Escravo e o assassinato do escravo Jerônimo

Pelotas deu o primeiro passo para o processo abolicionista³⁵² no ano de 1881 com a criação do periódico abolicionista³⁵³ *A Voz do Escravo*, que visava ser o “eco transmissor dos sentimentos desses nossos irmãos, que, lá em imundas senzalas

³⁵⁰ *Emancipação servil VII, Diário de Pelotas, 20/05/1870*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁵¹ *28 de setembro (1871). Diário de Pelotas, 28/09/1881*. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁵² De acordo com Beatriz Loner, a abolição em Pelotas ocorreu em três fases. A primeira fase evidenciada pela criação do jornal *A Voz do Escravo*, em janeiro de 1881. A segunda, com a fundação do jornal de caráter emancipatório *A Penna*, em 1884. E, por fim, a terceira fase diz respeito aos anos derradeiros da escravidão, ou seja, os últimos anos antes da promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Cf. LONER, Abolicionismo... pp. 59-60.

³⁵³ A imprensa contribuiu para o diálogo acerca da substituição do trabalho escravo para o assalariado. Intensificada durante o decurso da década de 80 do século XIX, a imprensa apresentou-se como uma via de mão dupla: de um lado foi fundamental para denunciar os maus-tratos que os escravos eram submetidos, por intermédio da publicação de artigos, crônicas, poesias, folhetins e outras manifestações dos abolicionistas. Por outro lado, atuava a favor do sistema escravista, publicando anúncios de compra, venda e fuga de escravos. No Brasil, a relação da escravidão com a imprensa pode ser percebida a partir de duas fases ou divisões cronológicas, conforme Marco Morel e Mariana Barros. A primeira fase, de 1808 ao final de 1870, predominou o silêncio ou a defesa perante a escravidão, com exceção de algumas vozes e indivíduos contrários ao sistema escravista. A segunda fase compreendeu a década de 1880, quando surgiram os primeiros jornais abolicionistas que eram minoritários frente a uma maioria de impressos que defendia a escravidão. Em Pelotas, a imprensa apresentou as duas divisões cronológicas. Cf. BARROS, Mariana. MOREL, Marco. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DPE&A, 2003, pp. 98-99.

esperam em vão por uma voz que os console”³⁵⁴. O jornal nasceu a partir da associação de três indivíduos paradigmáticos:³⁵⁵ João José Cezar³⁵⁶, Manoel Conceição da Silva Santos³⁵⁷ e Bernardo Taveira Junior. Os exemplares apresentavam-se como uma publicação do órgão abolicionista.

O primeiro número foi publicado em 16 de janeiro de 1881 e tinha como principal objetivo dar voz e/ou atuar como mediador daqueles que não eram ouvidos. Para isso, publicava artigos, crônicas, cartas, notícias de outras Províncias, transcrições, poesias etc., incentivando a Abolição na cidade de Pelotas. Bernardo Taveira Junior publicou uma crônica na capa do terceiro número do periódico em que questionou: “Quem pode ser insensível a voz do escravo?”³⁵⁸.

Pergunta um tanto complexa tendo em vista a sociedade em que o escritor estava imerso. Talvez a resposta mais sensata para esse questionamento devesse ser os charqueadores, uma vez que eles necessitavam da mão de obra escrava para realizar as tarefas diárias de seus estabelecimentos. Contudo, não se pode considerar apenas os proprietários como “insensíveis”, uma vez que as mulheres também utilizavam os serviços dos escravos como, por exemplo, no papel de ama de leite e no ambiente doméstico.³⁵⁹

Embora essa elite pelotense fosse uma minoria, ela se sobrepunha a uma maioria escrava, em virtude do poderio econômico e social, estabelecendo-se, dessa forma, uma relação de dominação/subordinação. Nesse sentido, essa camada social ficava insensível à causa abolicionista, afinal a mão de obra e a economia estavam

³⁵⁴ *A Voz do Escravo*, 16/01/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁵⁵ LONER, Abolicionismo..., p. 59.

³⁵⁶ Vinculou-se a imprensa como redator do jornal *Echo do Sul*, trabalhando na *Folha da Tarde* e como redator e coproprietário da *Chronica*, no Rio de Janeiro. Cf. ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-grandina (1868-1895)**. 1998. 428f. Tese (doutorado em História). Programa de Pós-graduação de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

³⁵⁷ Atuava principalmente no campo político, auxiliando a formar as primeiras organizações negras, destacando-se no movimento abolicionista ao unir a comunidade negra com os abolicionistas brancos. Cf. LONER, Beatriz. **Família Santos**. Disponível em: <http://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>. Acessado em 13 de maio de 2014.

³⁵⁸ *A Voz do Escravo*, 15/02/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁵⁹ No artigo intitulado “O 13 de maio e a festa abolicionista pelotense na revista ilustrada *A Ventarola*” evidenciou algumas ilustrações nas quais as mulheres possuem um papel na manutenção do sistema escravista e sua revolta no momento da Abolição. Cf. GONÇALVES, Mariana. “O 13 de maio e a festa abolicionista pelotense na revista ilustrada *A Ventarola*”. **Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013, pp. 01-10. Disponível em: [file:///C:/Users/Mari%20Couto/Downloads/Mariana%20Couto%20Gon%C3%A7alves%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Mari%20Couto/Downloads/Mariana%20Couto%20Gon%C3%A7alves%20(3).pdf). Acessado em 13 de maio de 2014.

em jogo dentro de um sistema que dependia, principalmente, do escravo para produção e consumo do produto final.

Em certa medida, o que comprova a afirmação é que, após a promulgação da Lei Áurea em 1888, as charqueadas entraram em acentuado declínio e Pelotas começou a perder um pouco de seu *status* de *Princesa do Sul*, logo:

Dirão os escravocratas que o possuir escravos ainda é entre nós um direito de propriedade, o qual deve ser respeitado. Mas esse tão apregoado direito não é, e nunca o foi, ante a lei natural; não passa de um fenômeno social produzido pelo arbítrio da força e da violência; de um fato que, como instituição social, é bastante para se per si nodoar a bandeira de qualquer povo admitido ao cenário das nações civilizadas³⁶⁰.

Como destacou o escritor, a escravidão relacionava-se com a violência e a força. Esse aspecto fica mais evidente na medida em que as charqueadas utilizavam elementos repressivos, como o chicote, o tronco, os feitores e os capangas, para punir os trabalhadores em caso de fuga, “corpo mole”, furtos, assassinatos e aquilombamentos³⁶¹.

Esses instrumentos eram amplamente utilizados para manter a ordem nos saladeiros. Bernardo Taveira Junior convidou o leitor a visitar esses estabelecimentos para que ele compreendesse a diferença de um homem livre para um escravo, pois o castigo do escravo sempre era aferido por ordem do senhor ou do capataz que os vigiava e nunca pela legislação.³⁶² “Haverá exageração em nossas palavras? Não. Os habitantes desta cidade, infelizmente, tem mais de uma vez presenciado esses tristes espetáculos.”³⁶³

³⁶⁰ TAVEIRA JUNIOR, *A Voz do Escravo*, 15/02/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁶¹ Os escravos fugidos estabeleciam-se em Quilombos – locais de difícil acesso – para resistirem ao sistema escravista. Na cidade de Pelotas, o local mais recorrente para a implantação dos quilombos foi a Serra dos Tapes. A geografia do local facilitava o esconderijo, pois era composto de um conjunto de serros. A Serra dos Tapes tornou-se um lugar de extrema violência, registrando ocorrências policiais. Cabe ressaltar, que essa região acolheu o quilombo de Manoel Padeiro. Cf. ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. A produção charqueadora e a mão-de-obra servil. IN: BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau (org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**: Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006, pp. 189-202.

³⁶² *Emancipação servil III, Diário de Pelotas*, 13/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁶³ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas*, 13/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

A posição do escritor fica clara a partir da denúncia do assassinato do escravo Jerônimo, que trabalhava na charqueada de Paulino Teixeira da Costa Leite, morto com apenas dezesseis anos, no dia 21 de março de 1881, pelo capataz do estabelecimento - Manoel Oliveira -, por ordem de Antonio Teixeira da Costa Leite. A notícia do falecimento de Jerônimo repercutiu em toda a imprensa local e foi alvo de inúmeros debates. O jornal *A Voz do Escravo* atuou como o principal porta-voz e defensor da causa:

No dia 21 do corrente, às 7 horas da manhã chegou a charqueada do Sr. Paulino Teixeira da Costa Leite, o Sr. Antonio Teixeira da Costa Leite, num carro trazendo em sua companhia o crioulo Jerônimo com as mãos manietadas. Descendo do carro o Sr. Antonio Leite, em frente ao tronco, ordenou ao capataz que mandasse manea-lo de pés e mãos e tirar-lhe a camisa, começando o bárbaro e cruel suplício. Como porém o crioulo Jerônimo não pudesse suportar o castigo, de pé, mandou amarrá-lo em uma tronqueira, com os braços amarrados para cima, continuando o castigo. Achando-se fatigado um dos algozes, veio outro, e depois um terceiro que foi quem finalizou o castigo. Quando principiou o terceiro algoz a castigar Jerônimo, já o pobre infeliz não gemia. Estava moribundo³⁶⁴.

O desenrolar do caso e o passo a passo do crime – a realização, as testemunhas, o tratamento a qual Jerônimo foi submetido, os questionamentos, as reivindicações e punições – foram relatadas pelo periódico. Além disso, o jornal publicou matérias extraídas de outras redações para que o leitor obtivesse um panorama acerca do que era publicado na imprensa. Mantivera, ainda, uma coluna intitulada *Questão Jerônimo*, na qual apresentava as últimas novidades sobre o caso.

Segundo Geraldo Casal de Lis, uma das testemunhas relatou que o corpo de Jerônimo apresentava sinais de retaliação e do castigo sofrido, tornando-se possível comprovar que ele havia morrido devido aos maus-tratos que foi submetido.³⁶⁵ No

³⁶⁴ *A voz do escravo*, 03/04/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁶⁵ O *Diário de Pelotas* publicou os depoimentos das testemunhas no transcórre do mês de abril. Os primeiros a depor foram o Vigário da cidade, Dr. Augusto Joaquim de Sequeira Canabarro e João Cezar Castro. Ambos fizeram um depoimento favorável ao charqueador. A terceira testemunha, Manoel da Silva Rangel, foi o responsável por relatar o assassinato ao público através da denúncia feita no jornal *Onze de Junho* e afirmou que o exame de corpo e delito foi realizado em outro escravo, castigado dias antes. A quarta testemunha Albino Joaquim Fortes, ex-empregado da charqueada, aponta as crueldades cometidas pelo capataz, que aplicava castigos mesmo sem o consentimento de Paulino Leite. O quinto a depor foi Geraldo Casal de Lis, também ex-empregado da charqueada, que

exemplar d'*A Voz do Escravo* que denunciou o assassinato de Jerônimo, Bernardo publicou uma crônica intitulada *Sonhos de um escravo*. Nesse texto, apresenta a história de um escravo que dentro da senzala, acordava de um sonho e contava aos demais cativos:

[...] Ainda há pouco vi um anjo. Atrás dele vinha um cativo como qualquer de nós com os pulsos algemados e os pés acorrentados. O anjo fez adiantar o escravo para o meu lado, e com um instrumento que trazia numa das mãos começou por partir as algemas e as correntes ao cativo. A proporção que os ferros caíam por terra despedaçados, vi desenhar-se aos poucos, uma figura de mulher [...] Quando ele não sentir mais o duro e gélido contato dos ferros que o prendiam, aquela figura de mulher veio colocar-se a direita do anjo [...] Quem é esse anjo? Quem é essa formosa mulher? O que significa tudo quanto estou vendo? Era o que eu perguntava a mim mesmo dominado por uma comoção tão forte, que quase não me deixava respirar. Súbito, ouvi uma voz. Dizia assim: ânimo, filhos da desgraça! [...] Venho hoje visitar-vos para prenciar-vos a doce liberdade de que vos hão despojado os déspotas da terra! [...] Olha para este – e apontou-me o cativo a quem o anjo havia quebrado os ferros – é assim que ficareis todos livres³⁶⁶.

Torna-se possível, na medida em que se considera essa crônica uma metáfora, relacioná-la com a morte de Jerônimo, uma vez em que ele obtivera sua liberdade através da morte. Outra questão interessante de se apontar diz respeito à forma que os escravos eram submetidos, acorrentados para evitar fugas e revoltas. Esse aspecto pode remeter também a passagem de Nicolau Dreys pela cidade de Pelotas, quando afirmou que uma charqueada bem administrada era um estabelecimento penitenciário.³⁶⁷

Caiuá Al-Alam, em uma pesquisa sobre a polícia e as casas de correções em Pelotas, destacou que as charqueadas foram utilizadas como espaços onde eram destinados os escravos mais revoltosos do país, como castigo ou punição,

contou sobre a brutalidade ocorrida no caso. Segundo o *Diário de Pelotas*, a defesa fez perguntas insinuando que o crime ocorreu por merecimento. Após o relato das testemunhas, foram denunciados Antonio Leite, Paulino Leite, Manoel Pedro de Oliveira e mais três escravos, Antonio, Marcelino e Casimiro. Os escravos e o capataz foram julgados e condenados a cumprir pena, sendo presos em setembro do mesmo ano, contudo o charqueador foi inocentado e Antonio Leite saiu da cidade. Cf. *Diário de Pelotas*, 07/04/1881 a 19/04/1881. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁶⁶ *A Voz do Escravo*, 03/04/1881, p. 04. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁶⁷ DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova dimensão, 1990, p.129.

reafirmando a ideia de Dreys³⁶⁸ e de Bernardo Taveira Junior. Corroborando com essas perspectivas, o escritor questiona esses castigos em demasia:

Quem é que ignora os castigos que se infligem ao escravo nas fazendas, em estâncias, e outros estabelecimentos, onde o seu número é mais crescido? Ninguém, deve ser naturalmente a resposta. E assim é, não há quem o ignore. Ah! Como é horrível ver um homem suspenso do chão, com as mãos e pés ligados na ponta de quatro estacas! Ali, naquela posição angustiosa, naquele tormento insofrível, esfacela-se a carne aos pedaços, sob o válido impulso do sibilante e implacável azorrague! Dali saem alguns semivivos, e chegam a restabelecer-se das feridas do martírio, saem outros porém para exalarem o derradeiro suspiro no horror de sofrimentos inauditos³⁶⁹.

A partir dessa passagem pode-se questionar sobre a quantidade de escravos mortos ou feridos por causa do abuso de violência ou de instrumentos coercitivos, ou até mesmo, quando desses encontravam no suicídio o meio de interromper tais abusos. No mesmo viés, Bernardo também indagou: “E nesses bárbaros castigos que se infligem à escravatura no Brasil, quantos crimes não se cometem? Quantos aos quais nunca chega a ação da justiça?”³⁷⁰.

Da passagem acima, tem-se uma pergunta do escritor: Quem ignora os castigos dos escravos? O próprio autor responde a pergunta e afirma que, possivelmente, ninguém se importava com o que ocorria.

Ora, se as charqueadas foram instituídas no final do século XVIII é evidente que outros trabalhadores morreram e sofreram maus-tratos de capangas e senhores. Então, os indivíduos, em grande maioria, não se sensibilizavam. Porém existe um ponto que difere e modifica toda a percepção da sociedade escravista: a imprensa.

A partir do decênio de 1880, a imprensa passou a publicar notícias denunciando os maus-tratos que os negros sofriam, além de manifestações a favor da emancipação. Todavia, não havia nada mais coerente do que um jornal que se intitulava como “*A Voz do Escravo*” defendesse e denunciasse essas questões.

³⁶⁸ AL-ALAM, *op. cit.*, p. 39.

³⁶⁹ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas*, 12/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

³⁷⁰ *Emancipação servil III, Diário de Pelotas*, 12/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

Coadunado por essa publicação, a imprensa diária passou a vincular matérias sobre o tema e abriu espaço para um diálogo com o público leitor. Contudo, no caso do assassinato de Jerônimo, apesar das expectativas da imprensa, o proprietário da charqueada Paulino Leite foi inocentado do crime, sendo apenas denunciados: Antonio Leite – que fugiu da cidade – Manoel Pedro de Oliveira, o capataz, e mais três escravos, Antonio, Marcelino e Casimiro, que auxiliaram na execução do crime.

De certa forma, para reparar o julgamento oficial, Bernardo Taveira Junior escreveu dois folhetins intitulados: *Clube dos mortos: Supremo tribunal dos espíritas*³⁷¹ e *Oferecido ao remorso vivo: Sessão extraordinária no Palácio de Plutão*³⁷². Em ambos, o escritor usou como pano de fundo um tribunal que evocava o espírito do escravo Jerônimo com o intuito de julgar os responsáveis pela sua morte. No primeiro folhetim, Bernardo deu voz a Jerônimo:

Eu, no mundo dos vivos fui sempre considerado um ente ou coisa nula, abjeta, desprezível. A condição vergonhosa em que nos colocaram os homens, quanto a nossa malfadada raça (pois eu era deles escravo também), tornava-me uma criatura maligna e repudiada da sociedade por eles constituída. Nascido e criado sob o jugo aviltamento do sevilhismo [...] só via trevas, trevas por toda a parte³⁷³.

Nesse folhetim, Jerônimo relatava que fora vendido há poucos meses para a charqueada de Paulino, e que seu irmão Antonio planejava se vingar dele, pois havia “levantado os olhos” para uma companheira que Antonio mantivera relações. Por conta disso, ele mandou o capaz da charqueada “fazer o serviço”: “trago aqui este pretinho para que, vivo ou morto, sofra três horas de castigo”³⁷⁴.

Na segunda narrativa folhetinesca, Bernardo afirmou que, passados cinco anos do crime, foi convidado a comparecer na sessão dos espíritas que visava indagar sobre o paradeiro da alma de Jerônimo e de seus algozes. Nesse caso, os réus do processo eram apresentados: Paulino Teixeira da Costa Leite, Antonio Teixeira da Costa Leite, o carrasco Maneca – apelido do capataz Manoel.

³⁷¹ *Diário de Pelotas*, 15/05/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁷² *Diário de Pelotas*, 22/05/1881, pp. 01 e 02. Infelizmente, esse exemplar estava indisponível para pesquisa. Dessa forma, utilizaremos o seu manuscrito. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Reflexões. (BTJ – 010).

³⁷³ *Diário de Pelotas*, 15/05/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁷⁴ *Diário de Pelotas*, 15/05/1881, p. 01. Acervo: Hemeroteca da BPP.

Contudo, esse julgamento tem como um dos acusados o jornalista Antonio Joaquim Dias³⁷⁵ devido a forma que defendeu os mandantes do assassinato e pelas supostas mentiras contadas aos leitores do seu periódico. A folha ilustrada *Cabron*³⁷⁶ também já fizera a mesma acusação (Figura 09):



Figura 09: Ilustração do assassinato do escravo Jerônimo.

Legenda: [Na lápide] Aqui já o infeliz Jerônimo vítima do cancro social que civiliza o nosso país
[Na mão do homem no canto direito] Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, nº114, p. 01, 03/04/1881. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP-189e)

³⁷⁵ O jornalista e editor do *Correio Mercantil* foi acusado pela folha ilustrada *Cabron* como sendo um dos algozes responsáveis pelo assassinato do escravo, pois defendeu os idealizadores atuar como porta-voz dos acusados – ocultar a verdade, promover uma mentira e persuadir os leitores. Além disso, segundo o periódico: “É pois um fato degradante, ou para melhor dizer um crime, que este mercenário se torna saliente querendo ocultar a verdade e patenteando a mentira [...] a infâmia e a ignorância própria de um vendilhão, onde um miserável carrasco. É pois de um fato horrroso praticado pelos Srs. Joaquim e Paulino Teixeira da C. Leite que o vendilhão Dias defende-os como mandatários de tão bárbaro crime” Cf. *Cabron*, 03/04/1881. Acervo: BPP. Fundo: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 189e).

³⁷⁶ Em Pelotas, a imprensa ilustrada surgiu apenas em 1879 com *Cabron*, que foi criado por Eduardo Chapon e Eduardo Araújo Guerra. Sobre a imprensa ilustrada pelotense ver: LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da política:** representações do mundo político na imprensa ilustrada pelotense do século XIX. 2006. 236f. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

Antônio Joaquim Dias foi acusado pela folha ilustrada como um dos algozes responsáveis pelo assassinato do escravo. Apesar da ilustração, Dias não estava envolvido no crime, contudo foi considerado um dos algozes devido a defesa dos verdadeiros idealizadores – por atuar como porta-voz dos acusados. Além disso, segundo *Cabrion*, Dias recebeu dinheiro para defender os mandantes do caso:

É pois um fato degradante, ou para melhor dizer um crime, que este mercenário se torna saliente querendo ocultar a verdade e patenteando a mentira [...] a infâmia e a ignorância própria de um vendilhão, onde um miserável carrasco. É pois de um fato horroroso praticado pelos Srs. Joaquim e Paulino Teixeira da C. Leite que o vendilhão Dias defende-os como mandatários de tão bárbaro crime³⁷⁷.

Bernardo Taveira Junior compactuava com a ideia defendida pela folha ilustrada, por isso, também, aponta Dias como um dos responsáveis pelo assassinato. Além disso, foi apresentado aos leitores um perfil dos réus: Paulino Leite era retratado como alguém que no final do julgamento perceberia que o dinheiro compra tudo na terra dos mortais, mas ali não tinha valor nenhum. Já Antonio Leite mandou, com consentimento de seu irmão, arrancar a pele de Jerônimo para fazer um capacho. E, por fim, Maneca era apresentado como uma pessoa livre que nunca deveria prender-se a cruel e horrível execução ordenada por seus patrões.

Questionados sobre o crime, Antonio e Paulino preferiram o silêncio como resposta ao interrogatório. Assim como eles, o capataz Manoel também optou pelo silêncio ao observar os irmãos Leite. O interrogador afirmou que através desse olhar ele percebeu a consciência que o capataz detinha, afinal recebia ordens deles e, como funcionário exemplar que era, não poderia incriminar os patrões. Por fim, foi chamado para o interrogatório o Mondongueiro³⁷⁸:

Tu que pela tua vileza eras corrido de toda a sociedade honesta, que punhas em almoeda o teu pasquim para servir de instrumento ao

³⁷⁷ *Cabrion*, 03/04/1881. Acervo: BPP. Fonte: Álbuns e Periódicos. Série: Pelotas. (AP 189e).

³⁷⁸ Mondongueiro era o apelido que o jornalista Antônio Joaquim Dias recebeu dos editores da folha ilustrada *Cabrion*.

desaforo, tu a quem os mortais acusarão de passador de moeda falsa, tu, enfim, que foste o Mondongueiro, responde a isto: Que razão tiveste para renderes o teu mercantil aos assassinos do escravo Jerônimo? Para advogares uma causa amaldiçoada de todos os homens de boa consciência?³⁷⁹.

Antônio Joaquim Dias, após a acusação, respondeu que tinha fome de ouro, ajoelhou-se e pediu perdão, pois tinha medo dos Infernos. Em seguida, o interrogatório foi seguido pela acusação aos legistas que realizaram o corpo e delito, questionando porquê foi falsamente declarado que Jerônimo havia morrido de peritonite³⁸⁰.

Por fim, o Vigário foi questionado sobre o motivo pelo qual havia se associado aos assassinos, ele escutou e abaixou o rosto. “O silêncio não importa numa defesa; é antes uma condenação.”³⁸¹ Em seguida, Plutão levantou-se e deu fim ao interrogatório dos réus e realizou duas perguntas ao júri: ficou provado que Paulino, Antonio e Maneca Capataz foram os assassinos de Jerônimo? Está provado que o Mondongueiro e os dois alunos empenharam-se para proteger os criminosos e iludirem as autoridades da Terra? As duas perguntas foram respondidas com um sim e todos foram condenados ao Tártaro³⁸².

Após participar do *Supremo Tribunal dos Espíritos*, Bernardo Taveira Junior relata que passou pelos Campos Elíseos, local onde as almas desfrutam de felicidade e paz e, nesse local, encontrou Jerônimo:

Cheio de intenso júbilo abraçou-me e disse-me que já cinco anos se tinham passado, desde que ali a achava no gozo de sua plácida bem aventurança. Quando comuniquei-lhe da parte de quem vinha e o fim da minha missão, ele abraçou-se [...] e disse-me: Levai os meus

³⁷⁹ Manuscrito do folhetim *Oferecido ao remorso vivo: sessão extraordinária no palácio de Plutão*, p. 09. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Reflexões. (BTJ – 010).

³⁸⁰ Uma das primeiras críticas apresentadas na *Voz do Escravo* refere-se ao atestado de óbito expedido pelo médico da cidade. Segundo o médico, Jerônimo havia morrido por tétano, posteriormente modificou o laudo e afirmou ser por peritonite. O jornal questionou se não foram os próprios charqueadores que modificaram o atestado para fugirem da vinculação com o caso. As discussões nos periódicos condenaram a postura do médico tendo em vista que, para a imprensa, a causa da morte de Jerônimo era óbvia. Para responder a essas dúvidas e as declarações das primeiras testemunhas, o corpo de Jerônimo foi exumado. Segundo o relato de Geraldo Casal de Lis, o corpo apresentava sinais de retaliação e do castigo sofrido, sendo possível comprovar que o corpo era mesmo do escravo e que havia morrido devido aos maus-tratos que foi submetido.

³⁸¹ Manuscrito do folhetim *Oferecido ao remorso vivo: sessão extraordinária no palácio de Plutão*, p. 09. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Reflexões. (BTJ – 010).

³⁸² Significativo a inferno.

votos de gratidão as autoridades de Pelotas, ao ilustrado jovem Dr. Promotor Público, ao honesto Juiz Municipal, as testemunhas que depuseram contra os meus algozes, a toda a imprensa honrada – os quais todos, por sua energia, honra e integridade, tornaram-se dignos dos maiores louvores e galardões³⁸³

O escritor concluiu o folhetim afirmando que a justiça estava feita e que ele havia cumprido a sua missão junto ao tribunal. E, ao contrário do julgamento ocorrido originalmente, o *supremo tribunal dos espíritas* indiciou pelo crime Paulino, Antonio e o capataz Manoel, isentando os escravos que apenas cumpriam ordens para não terem o mesmo fim de Jerônimo.

Possivelmente, o final derradeiro que Bernardo escreveu no folhetim era, em certa medida, o esperado por uma parcela da população e, principalmente, pelos abolicionistas que acreditavam que o crime seria um impulso a causa que pela qual lutavam. De certo modo, isso efetivamente aconteceu, pois a partir da denúncia da morte de Jerônimo a causa abolicionista ganhou proporções maiores e foi amplamente debatida e divulgada na imprensa periódica.

No decurso de 1881, *A Voz do Escravo* também incentivou a criação de um clube abolicionista para a cidade, criado em 16 de outubro de 1881.³⁸⁴ Contudo, a questão que tomou conta das páginas do periódico foi o apoio à candidatura de Fernando Osório³⁸⁵ para o cargo de deputado geral. A imprensa não viu com bons olhos a substituição da temática abolicionista pela eleitoral: “Como é que se tem

³⁸³ Manuscrito do folhetim *Oferecido ao remorso vivo: sessão extraordinária no palácio de Plutão*, p. 14. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Reflexões. (BTJ – 010).

³⁸⁴ O clube foi oficialmente inaugurado nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense. Nessa ocasião, leu-se o estatuto, bem como, entregou-se catorze cartas de alforria. O clube tinha como objetivo alforriar os escravos e, para isso, organizou leilões, bazares de prenda, espetáculos culturais, sessões solenes a datas alusivas a Abolição como, por exemplo, a promulgação da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, além disso, estabeleceu um curso noturno. Cf. TAROUCO, Sílvia Maria Peligrinoti. **A atuação de clubes e sociedades abolicionistas em Pelotas na década de 80 do século XIX**. Pelotas: UFPel, 2003. (Monografia em História).

³⁸⁵ Fernando Osório era vinculado aos dissidentes do partido liberal pelotense que, em 1881, criou o jornal *A Discussão*, que se apresentava como abolicionista de maneira moderada. Por isso, publicou em sua tipografia os primeiros exemplares do jornal *A Voz do Escravo*; todavia, a partir da denúncia da morte do escravo Jerônimo deixou de publicar o periódico, pois um de seus proprietários – Piratinino de Almeida – foi advogado de Paulino no caso. Outra questão que envolveu os membros da redação d’*A Discussão* referia-se a candidatura ao cargo de deputado geral, na qual as divergências políticas tornaram-se explícitas uma vez que Fernando Osório queria concorrer ao cargo de deputado e o partido havia indicado Maciel. Dessa forma, Osório publicou a sua insatisfação na imprensa e manteve sua candidatura, perdendo no primeiro escrutínio. Cf. LONER, Abolicionismo..., pp. 62-63.

coragem para em nome da santa causa da abolição, abrir campanha em favor de um candidato político, que não é nem nunca foi abolicionista?”³⁸⁶.

Por conta disso, houve algumas dissidências dentro do periódico: “*por motivos que não deve desvendar*, deixará a redação daquele periódico o Sr. João José Cezar, abolicionista declarado e intransigente”³⁸⁷. Bernardo Taveira Junior possivelmente deixou a redação porque a campanha política tornou-se o foco principal do periódico. Essa hipótese ampara-se nas notícias publicadas do jornal *Diário de Pelotas*:

Era uma das publicações que mais serviços poderia prestar à causa da abolição, se continuasse a ser dirigida pelas hábeis penas dos Srs. Taveira Jr. e João José Cezar, que tão brilhantemente sustentaram a propaganda. Isso porém não agradava aos exploradores políticos. Estamos em véspera de uma eleição – convinha transformar a *Voz do Escravo*, de folha abolicionista em órgão político, a fim de por ela advogar-se a causa de um dos candidatos à representação nacional. Foi o que se fez³⁸⁸.

Em setembro de 1881 *A Voz do Escravo* declarou oficialmente o seu apoio a Fernando Osório, e as questões abolicionistas ficaram em segundo plano. Nesse momento, impulsionado pela saída de Bernardo Taveira Junior e João José Cezar, o jornal perdeu fôlego e prestígio na imprensa local, o que acarretou no seu término logo em seguida.

No entanto, apesar da curta duração, o periódico foi importante, pois denunciou a morte do escravo Jerônimo, impulsionou a criação de um clube abolicionista e promoveu a questão da emancipação servil a partir da publicação de crônicas e poemas, reforçando o papel da imprensa como importante veículo de divulgação de ideais do período.

³⁸⁶ *Diário de Pelotas*, 22/09/1881, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

³⁸⁷ *A Voz do Escravo*, 17/08/1881, p. 04, grifo original. Acervo: Hemeroteca do AHPAMV.

³⁸⁸ *Diário de Pelotas*, 22/09/1881, p. 02. Acervo: Hemeroteca da BPP.

4.4.3. A segunda fase da Abolição pelotense: *A Penna* e o processo de emancipação

O segundo passo para o processo da Abolição em Pelotas foi dado a partir da publicação d'*A Penna*, em 06 de julho de 1884, apresentado como uma publicação do órgão do *Club Literário Apollinário Porto Alegre*, o periódico defendia a campanha pela emancipação dos escravos com o objetivo de torná-los contratados.

A ideia surgiu a partir da emancipação dos escravos na cidade de Quarahy. “O Rio Grande do Sul responde à libertação total de suas irmãs – Ceará e Amazonas – com a libertação de um município.”³⁸⁹ Assim, *A Penna* publicou um boletim intitulado *Ao povo pelotense* para convidar a sociedade pelotense para se reunir na Bibliotheca Pública Pelotense a fim de discutir acerca do elemento servil:

[...] Pelotas não é, nem pode ser o reduto de escravagismo. Aqui também há corações que se impressionam, também há almas que sentem o horror de uma crueldade sem nome. [...] Reunamos-nos sem distinções de classes e posições para deliberar sobre os meios de resolver a questão sem abalo nem prejuízo. [...] A postos pelotenses!³⁹⁰.

O boletim visava chamar a população para debater a causa abolicionista, visto que “a extinção da escravatura [...] deve ser doravante a preocupação primordial de todos os que se prezam de ser bons brasileiros”³⁹¹ Posteriormente, a partir da campanha pela Emancipação foi criado o *Centro Abolicionista*. Segundo Bernardo Taveira Junior:

Ao irresistível impulso da corrente emancipadora surgiu, composto de prestantes cidadãos, o CENTRO ABOLICIONISTA, que nomeou em seguida comissões com o fim de se entenderem com os senhores de escravos, quer da cidade, quer do município, sobre os contratos e declarações de liberdade. O resultado dessas comissões foi o mais satisfatório possível: uma ou outra resistência que surgia

³⁸⁹ *A Penna*, 10/08/1884, p. 02. Acervo: BPP. Fonte: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 201e).

³⁹⁰ *A Penna*, 31/08/1884, p. 02. Acervo: BPP. Fonte: Álbuns e periódicos. Série: Pelotas. (AP 201e).

³⁹¹ *Emancipação servil I*, 10/05/1870. Acervo: BPP. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

aqui ou ali, cedia sem grande esforço ao prestígio da simpática ideia libertadora³⁹².

A sua criação teve origem em uma reunião realizada em 31 de agosto de 1884 nos salões da Bibliotheca Pública. O Centro solicitava aos senhores a emancipação de seus escravos, de rua em rua, batendo de porta em porta, e defendia a libertação dos escravos por intermédio de contratos de prestação de serviços. Em reunião no dia 18 de setembro de 1884, através da prestação de contas das comissões, foi constatado o número de 2.500 liberdades conseguidas³⁹³.

Diante disso, tornou-se possível a libertação dos escravos no município, sendo marcada uma festa de comemoração para o dia 16 de outubro de 1884. Na ocasião, foi publicado o jornal *Dezesseis de Outubro*, em única edição, destinado a solenizar a libertação do município de Pelotas pelo *Centro Abolicionista*. A crônica inicial do jornal ficou a cargo de Bernardo Taveira Junior:

Viva a liberdade! Viva o abolicionismo! [...] a cidade de Pelotas, não podia deixar de associar-se ao movimento abolicionista. [...] O dia de hoje foi o determinado para essa comemoração cívica, e para a qual não tem poupado esforços o patriótico CENTRO ABOLICIONISTA. O povo em massa, e sem distinção de classes e nem tão pouco de nacionalidades, no meio dos mais vivo e justo regozijo festeja o dia 16 de outubro de 1884, e inscreve-o na memória como a data da sua mais auspiciosa aurora social e moral³⁹⁴.

A emancipação do elemento servil, em 16 de outubro de 1884, provocou na cidade de Pelotas certo entorpecimento, como observou-se na passagem destacada do escritor Bernardo Taveira Junior. Em decorrência disso, o jornal *A Penna* foi extinto, pois a causa da emancipação já estava ganha e não havia motivo, segundo eles, para prosseguir com a publicação do periódico.

³⁹² *Dezesseis de Outubro*, 16/10/1884, p. 01, grifo original. Acervo: BPP. Fonte: Escravidão. Série: Geral (ESC -002).

³⁹³ TAROUCO, *op. cit.*, pp. 12-13.

³⁹⁴ *Dezesseis de Outubro*, 16/10/1884, p. 01, grifo original. Acervo: BPP. Fonte: Escravidão. Série: Geral (ESC -002)

Desse modo, “criou-se um mito que não existiam mais escravos na cidade e que eles passariam a gozar de uma liberdade após o término de seus contratos de trabalho”³⁹⁵. Segundo o jornal *Diário de Pelotas*:

Tão esplêndido foi o triunfo que Pelotas alcançou na abolição do elemento servil de seu município, que vimos a imprensa escravocrata desorientada, negando que o município esteja livre e afirmando que ele possui ainda 2000 escravos. Desafiamos esta imprensa a provar o que avança. **Pelotas não tem escravos.** Se algum existe sem contrato o Centro Abolicionista está disposto a, pelos seus meios legais, promover a sua liberdade, no que é coadjuvado por todos os que se interessam pela emancipação do município³⁹⁶.

Considerando a notícia pode-se, erroneamente, vislumbrar que a escravidão havia terminado em 1884. Contudo, às vésperas da promulgação da Lei Áurea ocorreu em Pelotas uma revolta de escravos no interior da charqueada de Junius Brutus Cássio de Almeida. De acordo com Beatriz Loner, a imprensa de Pelotas se calou ou negou-se a noticiar o fato. A revolta somente ficou conhecida a partir da publicação de notícias no jornal *A Federação* e na *Folha da Tarde*, ambos de Porto Alegre, e pelo *Echo do Sul*, de Rio Grande.

4.4.4. Os anos finais e a festa abolicionista:

Às vésperas da Abolição, Pelotas contava com 21 charqueadas, dois anos depois apenas com 18.³⁹⁷ Em 1919, a cidade contava apenas com 5 saladeiros.³⁹⁸ Logo, observa-se a importância da Escravidão para a manutenção da mão de obra e da atividade charqueadora. O declínio tornou-se mais acentuado com o advento da indústria frigorífica no início do século XX, que desencadeou uma crise nas charqueadas.

³⁹⁵ LONER, *A revolta...*, pp. 29-52.

³⁹⁶ *Diário de Pelotas* 21/10/1884 *apud* LONER, *A revolta...* p. 37, grifo nosso.

³⁹⁷ LONER, *Negros...*, p. 07.

³⁹⁸ GILL, *op. cit.*, p. 39.

A questão da Abolição ainda não estava resolvida, prova disso foi a fundação da *Sociedade Abolicionista D. Sebastião*, em 1887. Por intermédio de seus estatutos, ficou estabelecido que o objetivo era promover a alforria total dos escravos ainda restantes na cidade de Pelotas ou, pelo menos, o estabelecimento de contratos de locação de serviços³⁹⁹. Apesar da importância dessas associações e do discurso de Bernardo para que a sociedade e os senhores fizessem parte delas e estimulassem a sua criação, não se tem fontes que comprovem a participação nessas agremiações.

Os senhores preocupavam-se com a perda da mão de obra e, por consequência, do capital investido nesses trabalhadores. Além disso, com a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 os contratos dos escravos foram interrompidos e eles conquistaram efetivamente a sua liberdade. Bernardo Taveira Junior classificou o dia 13 de maio como a primeira data memorável do Brasil: “assinalou o alvorecimento de uma nova era entre nós, e a história da humanidade há de esculpi-lo, em letras de ouro e fará perdurar através das gerações. Viva a Liberdade!”⁴⁰⁰. Para comemorar a data, Bernardo publicou extensas crônicas:

Enfrentou-se afinal com o governo atual, e o governo atual quisesse ou não quisesse perfilou-se e fez-lhe a devida continência. Estava pois ganha a causa da emancipação... E a reação que ousasse levantar o coro contra esta – a mais santa aspiração do povo brasileiro, não faria mais que precipitar o completo e radical triunfo da ideia libertadora! Brasileiros! Congratulemo-nos com a nossa grande vitória. Diz-nos agora a consciência, em raptos de entusiasmo que enterramos para sempre a escravidão em nossa terra!⁴⁰¹

Um povo, é certo, pode, submisso, vegetar por muito tempo à caprichosa prepotência dos monarcas e dos grandes ambiciosos e pretendentes, pode ser indolente pelas condições em que se acha, pode até dormir longos anos: mas quando ele uma vez chega a despertar e a ter consciência do que precisa e quer, impor-se, alcançar aquilo que carece. O povo brasileiro quis a libertação dos cativos; trabalhou por ela e, enfim, venceu e aureolou-se

³⁹⁹ TAROUCO, *op. cit.*, p. 16.

⁴⁰⁰ *Onze de Junho*, 08/06/1888, p.02. Acervo: BPP. Fonte: Bernardo Taveira Junior. Série: Série: Recortes de jornais. Material encadernado (BTJ – 005).

⁴⁰¹ *Onze de Junho*, 03/06/1888. Acervo: Hemeroteca da BPP.

gloriosamente à luz do memorando 13 de maio de 1888. Congratulamo-nos com a Nação por tão assinalado aniversário⁴⁰².

A festa da Abolição⁴⁰³ em Pelotas foi marcada para os dias 03 e 04 de junho de 1888. Os festejos começaram por intermédio das associações clube *D. Sebastião* e *Centro Ethiópico*. Os membros das associações percorreram as ruas da cidade acompanhados por uma banda de música e saudavam os abolicionistas da cidade, dirigindo-se para Igreja Matriz. Ocorreu uma salva de tiros, distribuição de esmolas pelos presos da cadeia e enfermos da Santa Casa. Depois de percorrer as principais ruas da cidade, no meio do intenso júbilo que subiu às raias do delírio, foram erguidos muitos vivas aos vultos proeminentes do abolicionismo⁴⁰⁴.

Na ocasião dos festejos abolicionistas, o jornal *Democrata* publicou, no dia 03 de junho de 1888, uma edição especial para homenagear àqueles que batalharam pela causa e o nome de Bernardo foi incluído. No mesmo exemplar, o escritor publicou uma crônica intitulada *Finalmente!* na qual reafirmou a importância da data.

Aos negros libertos restou a adaptação aos novos meios de trabalho. Alguns permaneceram na região e desenvolveram o mesmo trabalho nas charqueadas, outros empregaram-se em fábricas, portos, construção civil ou serviços “menos” qualificados (limpeza de ruas, capinador, carregador de mercadorias, chapeleiro, entre outros). Após lutar anos pela conquista da liberdade, agora o negro travava outras lutas, contra o preconceito, pela inclusão e pela igualdade social.

Após a promulgação da Lei Áurea, Bernardo, já em seus últimos anos de vida, dedicou-se a campanha da proclamação da República. Em 1882, foi criado na cidade o *Clube Republicano* do qual ele era o orador. Em junho do mesmo ano, um manifesto aos republicanos do Sul da Província foi publicado: “É de toda a oportunidade prepararmo-nos para que a República não chegue em ocasião imprevista. Organizemo-nos como partido de Ordem e Progresso”⁴⁰⁵.

⁴⁰² *Diário de Pelotas*, 13/05/1889. Acervo: Hemeroteca da BPP.

⁴⁰³ *Correio Mercantil* 30/05/1888; *Diário de Pelotas* 04/06/1888, 06/06/1888. Acervo: Hemeroteca da BPP.

⁴⁰⁴ *Diário de Pelotas*, 07/06/1888. Acervo: Hemeroteca da BPP.

⁴⁰⁵ OSÓRIO, *op. cit.*, p. 106.

Por fim, nos anos seguintes, o escritor ficou mais recluso, por causa de sua saúde debilitada. Todavia, como uma figura peculiar, cheia de contradições e dualidades, Bernardo representou diversas questões pertinentes no cotidiano da sociedade pelotense e possibilitou, ao historiador atual vislumbrar um pouco do imaginário da *Princesa do Sul* do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação pretendeu demonstrar a viabilidade do emprego da literatura na escrita da história para a compreensão do imaginário e das representações de uma época. Atualmente, a relação entre a história e a literatura apresenta-se como uma fronteira aberta e possibilita intensas trocas, uma vez que os historiadores se desprenderam das amarras do século XIX. Neste sentido, através da fonte literária, tornou-se viável o estudo de representações, problemas, indagações e questionamentos de uma época a partir dos pormenores de personagens e sob a ótica de um escritor que vivenciou, neste caso, o cotidiano ambientado no período áureo da cidade de Pelotas.

Portanto, os fatores que antes afastavam a literatura do campo da história, foram os principais motivos para os historiadores culturais voltarem-se para as obras literárias como fonte histórica, em busca das particularidades não contempladas pela documentação dita oficial. Essa questão encontra-se intimamente ligada aos novos estudos historiográficos que almejam preencher lacunas e propor novas, velhas ou outras perguntas aos acontecimentos do pretérito.

No mesmo sentido, este trabalho buscou apreender sobre a história da cidade de Pelotas durante as décadas finais do século XIX a partir das narrativas literárias de Bernardo Taveira Junior, em busca de um *algo a mais* que as fontes tradicionais não oferecem, como por exemplo, o imaginário, o cotidiano e a sensibilidade, focalizando a relação entre a história e a literatura deixada de lado pela historiografia pelotense.

Bernardo Taveira Junior atuou como um indivíduo privilegiado que vagava pelas ruas da urbe, entre os casarões da praça, a biblioteca, o teatro, os salões, as tipografias, as charqueadas, as escolas, em busca de inspirações para suas narrativas literárias, a fim de apresentar a seu leitor os meandros e as particularidades da sociedade pelotense.

O escritor vivenciou o período mais abastado da cidade de Pelotas e, por conta disso, foi possível que ele circulasse em diferentes ambientes culturais, como a

imprensa, as instituições de ensino e as diversas sociedades literárias. Dessa forma, Bernardo atuou como tradutor, cronista, folhetinista, professor, poeta e teatrólogo e, através dessas ocupações, tornou-se conhecido na cidade e na Província do Rio Grande do Sul, por intermédio de publicações realizadas, por exemplo, na *Revista do Partenon Literário* e na *Arcádia*.

Ademais, somava-se a erudição que Bernardo possuía, o conhecimento e a capacidade de ensinar diversos idiomas, tais como: inglês, francês, alemão e latim. Desse modo, o seu espaço entre a intelectualidade pelotense foi assegurado, visto que os cidadãos da cidade prezavam, principalmente, pelo ensino e pela cultura estrangeira.

Em vista disso, o escritor ocupou um lugar social dentro da elite pelotense. E, mediante uma posição privilegiada, Bernardo analisou a cidade e a sociedade. Como resultado, publicou um grande expoente de reflexões, críticas e representações na imprensa local, principalmente por intermédio do jornal *Diário de Pelotas*, do qual foi um dos principais colaboradores.

O posicionamento social de Bernardo acabou por influenciar e perpassar a sua forma de escrita. Primeiro, somente indivíduos privilegiados publicavam na imprensa pelotense, logo se constata que ele possuía um prestígio local. Segundo, por conta dessa posição na escala social, ele se contradiz e mostra dualidades em seus textos. Evidentemente, deve-se ter em mente que como um indivíduo comum, ele poderia mudar de opinião, mas por ser uma pessoa pública, um escritor, a sua opinião ficaria registrada e poderia ser utilizada para contrapô-lo o que enriqueceu seu trabalho e o tornando mais singular.

Por um lado, Bernardo contradiz o seu tempo vivido, uma vez que se propôs a ser uma voz a favor dos menos favorecidos em uma sociedade que priorizava o *status* econômico e social. Assim, o escritor defendeu uma grande parcela da população – os escravos – que labutava há décadas tanto nas charqueadas como no meio urbano. Ao realizar essa prática, atingia especialmente os charqueadores e os indivíduos que estavam no mesmo patamar social que ele.

Além do mais, o cronista mostrava-se preocupado com os rumos que o país e Pelotas tomavam enquanto seguiam escravizando negros, fazendo-os sofrer com os

maus-tratos e levando-os, por vezes, a óbito. Nesse sentido, ele propôs a criação de entidades libertadoras, editou um jornal abolicionista que visava dar voz aos indivíduos escravizados, publicou diversas crônicas, poesias e folhetins que denunciavam e apoiavam a causa abolicionista.

Para reforçar a campanha em prol da emancipação, Bernardo incentivava, em seus textos, que a população buscasse o letramento e a alfabetização, pois somente tendo uma sociedade instruída é que os indivíduos conseguiriam oporem-se as práticas do governo, reivindicar seus direitos e questionar seus deveres. O pensamento dele era que se a população de massa pudesse ler os seus textos, se comoveria e poderia reivindicar a Abolição, pois ele acreditava que somente o povo era capaz de operar grandes transformações.

No entanto, apesar da proposta de Bernardo, pode-se aferir que a oferta de aulas públicas para a população foi diminuta, por conseguinte, poucos tiveram acesso à instrução; logo a proposta do autor sofreu ao esbarrar na necessidade de leitura. Em contrapartida, apesar de defender o letramento, criticou o ensino feminino que, para ele, focalizava apenas em questões fúteis e que a erudição serviria apenas para produzir um efeito social, com a finalidade de impressionar os pais e futuros pretendentes.

A primeira vista percebe-se um indivíduo ímpar, preocupado com a instrução e com os seres humanos, que eram tratados pela legislação e pelos seus senhores como meras “mercadorias e coisas”. Por outro lado, embora temeroso com a questão dos negros, Bernardo deixou transparecer a sua condição de integrante da elite, uma vez que propôs, em alguns textos, a Abolição tardia para que, indiretamente, seus pares pudessem usufruir da mão de obra escrava por mais um período e tivessem tempo suficiente para se organizarem para a futura libertação.

Ao mesmo tempo, o escritor criticou a busca dos entrelaçamentos matrimoniais pelos indivíduos desfavorecidos que visavam ascender social e economicamente, mas não faz alusão a prática também realizada pela elite. Em certo ponto, ele condena a prática para os desafortunados, mas a releva para os enriquecidos, não questionando a riqueza desses indivíduos.

Por conta dessas dualidades, Bernardo Taveira Junior ao representar a urbe pelotense, propôs um imaginário que contrapôs a historiografia tradicional, uma vez que trouxe para a sua narrativa os indivíduos “excluídos e invisíveis” da *Princesa do Sul*, representando-os como personagens importantes dentro de um sistema escravocrata. Embora Bernardo modifique o seu discurso ao longo das crônicas, o fato dele representar o negro em seus textos, convidando o leitor a visitar uma charqueada e ver em que condições eles estavam submetidos foi extremamente relevante, significativo e simbólico para a cidade e para a sociedade. Em compensação, ele também corrobora com a historiografia tradicional, ao reafirmar a forte presença da elite pelotense.

A partir das narrativas em formato de folhetim e/ou crônica, Bernardo Taveira Junior buscou representar, por intermédio de sua sensibilidade de literato, uma cidade que foi muito abastada e promissora durante o século XIX, mas que também conquistou esse apogeu a partir de pilares escravocratas. Propôs mudanças para a urbe, afirmando “se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração”.⁴⁰⁶

Conseqüentemente, o escritor trouxe para a literatura os “excluídos” da história oficial, ainda que não seja a partir de um olhar do próprio excluído, já que na época eles não tinham voz e nem vez, mas um membro da elite que ousou olhar para a sociedade além das cortinas e dos discursos elaborados pelos seus pares, e possibilitou ao leitor da época e ao historiador de hoje vislumbrar, sobre outra ótica e a partir de múltiplas leituras, o imaginário da *Princesa do Sul*.

⁴⁰⁶ Prefácio da obra *Poesias Americanas*. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas. (BTJ – 004)

FONTES:**1. Arquivo Municipal de Porto Alegre Moysés Vellinho:**

- *A Voz do Escravo*, Pelotas/RS, 1881.

2. Arquivo Público de Porto Alegre:

- Inventário de Bernardo Taveira, Pelotas/RS, 1874.

3. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas:

- ASCP3A01 – Registro de enterramento (cemitério) 1868 – 1878.

- ASCP3A03 – Registro de enterramento (cemitério) 1886 – 1895.

4. Bibliotheca Pública Pelotense:**4.1. Arquivo Histórico:****4.1.1. Fundo: Álbuns e Periódicos. Série: Pelotas.**

- *A Penna*, Pelotas/RS, 1884.

- *A Ventarola*, Pelotas/RS, 1887, 1888.

- *O Cabrion*, Pelotas/RS, 1881.

- *Progresso Literário*, Pelotas/RS, 1877.

- *Revista do 1º Centenário de Pelotas*, Pelotas/RS, 1912.

4.1.2.1. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Correspondências.

- Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior pelo Luiz Marquez, primeiro secretário da entidade, em 19 de setembro de 1868.

- Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por José Vicente, primeiro secretário do grêmio, em 10 de maio de 1869.

- Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por F. de P. Rodrigues Barcelos Filho, primeiro secretário do grêmio, em 03 de maio de 1878.

- Correspondência da Liga Operária enviada à Bernardo Taveira Junior por João Tolentino de Souza, em 14 de dezembro de 1890

- Correspondência enviada à Bernardo Taveira Junior por S. Loureiro, primeiro secretário da Sociedade, em 26 de outubro de 1891.

- Correspondência enviada ao Presidente da Junta Municipal por Guilherme Minssen, professor de agricultura do Lyceu, em 03 de janeiro de 1892.
- Correspondência enviada à Antônio João Lima Coelho em 17 de fevereiro de 1928.
- Correspondência enviada a Claudino N. Nogueira em 27 de fevereiro de 1928.
- Correspondência enviada à Bernardi, editor da livraria do Globo, em 14 de fevereiro de 1928.
- Correspondência enviada por Admor à Alfredo Ferreira Rodrigues em 07 de agosto de 1928.

4.1.2.2. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Poesias impressas.

- *Poesias Americanas*, Rio Grande/RS, 1869.
- *Primus Inter Pares*, Rio Grande/RS, 1877.
- *Ave, poeta!*, Pelotas/RS, 1885.
- *Provincianas*, Rio Grande/RS, 1886.
- *Enterro*, Pelotas/RS, 1888.

4.1.2.3. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Recortes de Jornais.

- Crônicas encadernadas.

4.1.2.4. Fundo: Bernardo Taveira Junior. Série: Reflexões.

- Manuscrito do folhetim *Oferecido ao remorso vivo: Sessão extraordinária no Palácio de Plutão*, 1886.

4.1.3. Fundo: Documentos Públicos Municipais. Série: Câmara Municipal de Pelotas.

- Livro de denominação de logradouros e vias públicas.

4.1.4. Fundo: Documentos Públicos Municipais. Série: Intendência Municipal de Pelotas.

- Boletim apresentado a Intendência Municipal da cidade de Pelotas em sessão de 12 de maio de 1891 por Euclides B. de Moura, diretor da repartição de estatística da Intendência.

4.1.5. Fundo: Escravidão. Série: Geral.

- *Dezesseis de Outubro*, Pelotas/RS, 1884.

4.2 Hemeroteca:

- *A Discussão*, Pelotas/RS, 1886.
- *Correio Mercantil*, Pelotas/RS, 1876, 1878, 1879, 1882, 1884, 1886, 1888, 1892.
- *Diário de Pelotas*, Pelotas/RS, 1877, 1879, 1881, 1882, 1884, 1886, 1887, 1888, 1889.
- *Diário da Manhã*, Pelotas/RS, 1995.
- *Echo do Sul*, Rio Grande/RS, 1886.
- *Jornal do Comércio*, Pelotas/RS, 1875.
- *Onze de Junho*, Pelotas/RS, 1888.
- *Rio Grandense*, Pelotas/RS, 1885.

4.3. Memorial fotográfico:

- Fotografia da Escola Bernardo Taveira Junior, 19??.

4.4 Pinacoteca:

- Pintura a óleo de Bernardo Taveira Junior feita por Frederico Trebbi, s/ data.

5. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

- *Jornal do Comércio*, Pelotas/RS, 1870.

6. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul:

- *Memórias de José Garibaldi*, Rio Grande/RS, 1861.
- *Epicédio em memória dos soldados que lutaram na Guerra do Paraguai*, Pelotas/RS, 1866.
- *Poesias Alemãs*, Pelotas/RS, 1875.
- *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, Rio Grande/RS, 1895.

7. Hemeroteca digital:

- Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul para o ano de 1885 publicado sob a direção de Graciano A. de Azambuja. Porto alegre: Ed. Gundlach e Cia, 1884, p. 02.

Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/706124/per706124_1885_00001.pdf. Acessado em 26 de abril de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A negra força da princesa: Polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. Pelotas: Ed. do autor, 2008.

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-grandina (1868-1895)**. 1998. 428f. Tese (doutorado em história). Programa de Pós Graduação de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

ALVIM, Luiza. Os jornais, o romance e o folhetim. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2013.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Universitária, 2001.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf> Acessado em 17 de jan. de 2014.

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. IN: ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre a literatura e experiência**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1987, p. 51-66.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. MOREIRA, Maria Eunice. ZILBERMAN, Regina (org.). **Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Novo século, 1999.

ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. A produção charqueadora e a mão-de-obra servil. IN: BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau (org.). **História Geral do Rio Grande do Sul: Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 189-202.

_____. **Pelotas: escravidão e charqueadas (1780-1888)**. Porto Alegre: FCM editora, 2013.

BAKOS, Margareth Marchiori. **Rio Grande do Sul: Escravidão e Abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, Mariana. MOREL, Marco. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DPE&A, 2003.

BARROS, José D' Assunção. Clio despedaçada. IN: BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 09-15

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul 1868 a 1880**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BENTIVOGLIO, Julio. Leopold Von Ranke. IN: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p.133-154.

BLAKE, Augusto Victoriano A. Sacramento. **Dicionário biográfico brasileiro: primeiro volume**. Rio de Janeiro: tipografia nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDÉ, Guy. MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: publicações Europa-América, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 183-191;

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. IN: AGUIAR, Flávio. GUARDINI, Sandra. SEBE, José Carlos (org.). **Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997, p.107-115.

_____. **A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução francesa na historiografia escola**. São Paulo: ENESP, 1997.

_____. Problemas da história cultural. IN: BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.32-43.

CALDERAN, Ana Paula. **Antônio Joaquim Dias: uma figura polêmica**. 2002. (Monografia em história) Licenciatura em História, Universidade Federal de Pelotas, 2002.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. IN: CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, p.13-22.

_____. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/ Ed. da UFRGS, 1994.

_____. **História da literatura do Rio Grande do Sul (1737 – 1902)**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2006.

CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. IN: CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. IN: CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **História em cousas miúdas**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 11-22.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade: Uma História das últimas décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 07, n. 13, p. 97-113, 1994.

_____. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. IN: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002, p.13-28.

_____. **A beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

COSSON, Rildo. SCHWANTES, Cintia. Romance histórico: as ficções da história. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 29-37, 2005.

D'EU, Conde. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ed. da USP, 1981.

DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. **Letras**, Santa Maria, n.34, 2007, p. 123-131. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r34/revista34_8.pdf. Acesso em: 29 nov. 2013.

DONATO, Gerson. Quando Clio se encontra com Calíope. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro: v. 01, n. 02, p. 01-15, 2007.

DOSSE, François. **A História em migalhas: Dos Annales à Nova História**. Campinas: UNICAMP, 1994.

_____. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova dimensão, 1990.

El FAHL, Alana de O. Freitas. Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. **Anais do 4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários**, Feira de Santana, 2013 Disponível em: http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf.

ESTEVES, Lenita Rodrigues. A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, nº 42, p.135-143, jul-dez, 2003.

FEBVRE, Lucien. Caminhando para uma outra história. IN: FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Portugal: Presença, 1989, p. 241-259.

FERRERIA, Antonio Celso. A narrativa histórica na prosa do mundo. **Itinerários**, Araraquara, n.15/16, p. 133-140, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. SILVA, Glaydson José da. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FREITAS, Maria Nadir de. A poesia. IN: HESSEL, Lothar. MARTINS, Ari. [et. Al]. **O partenon literário e sua obra**. Porto Alegre: LAMA, Instituto estadual do livro, 1976, p.37-41.

GAY, Peter. **O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt**. São Paulo: Companhia das letras: 1990.

GILL, Lorena Almeida. **Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890 – 1930**. Pelotas: Educat, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GLEDSON, John. Introdução. IN: GLEDSON, John (org.). **Machado de Assis, Bons Dias!**. São Paulo: HUCITEC; Editora da UNICAMP, 1990, p. 11-27.

GLÉNISSEON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: DIFEL, 1979.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De Rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX(1847-1877)**. 2006. 356f. Dissertação (mestrado em história) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GOMES, Mitizi de Miranda. **Romances-folhetim de um escritor provinciano: Bernardo Taveira Junior no Progresso Literário**. 2002. 150 f. Dissertação (mestrado em letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

GOMES, Warley. O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção. **Revista de teoria da história**, Goiás, ano 3, n. 06, p. 65-91, dez., 2011.

GONÇALVES, Mariana. "O 13 de maio e a festa abolicionista pelotense na revista ilustrada *A Ventarola*". **Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013, p. 01-10. Disponível em: [file:///C:/Users/Mari%20Couto/Downloads/Mariana%20Couto%20Gon%C3%A7alves%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Mari%20Couto/Downloads/Mariana%20Couto%20Gon%C3%A7alves%20(3).pdf) . Acesso em 13 de mai. 2014.

GUTIERREZ, Ester. A arquitetura pelotense: charqueada e cidade. IN: MAESTRI, Mario. ORTIZ, Helen. **Grilhão negro: ensaios sobre a escravidão colonial no Brasil**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009, p.201-231.

HEINZ, Flávio. O historiador e as elites – à guisa de introdução. IN: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006, p. 07-15.

HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.280-300.

_____. A volta da narrativa. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.260-267.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. IN: HUNT, Lynn. **A Nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-173.

LAURITO, Ilka Brunhilde. História. IN: BENDER, Flora. LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: História, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993, p. 09-40.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEÓN, Zênia de. **Pelotas, casarões contam sua história**. São Lourenço do Sul: Hofstätter, 1998.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. IN: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 167-181.

LONER, Beatriz. Negros: organização e luta em Pelotas. **História em revista**. Pelotas: UFPel, v.5, p. 01-17, dez., 1999.

_____. A revolta que oficialmente não houve. **História em revista**, Pelotas, v.3, p. 29-52, nov., 1997.

_____. Abolicionismo e imprensa em Pelotas. **Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos**: Imprensa, História, Literatura e Informação. Rio Grande: ED. FURG, p. 57-64, 2007.

_____. Imprensa. IN: LONER, Beatriz. GILL, Lorena. MAGALHÃES, Mário Osório (org.). **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2010, p. 160-165.

_____. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande. Pelotas: EDUFPel, 2001.

_____. **Família Santos**. Disponível em: <http://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>, acessado em 13 de mai. 2014.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da política**: representações do mundo político na imprensa ilustrada pelotense do século XIX. 2006. 236f. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPel, 1993.

MAESTRI, Mario. **O escravo gaúcho**: resistência e trabalho. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **Ensaio histórico-jurídico-social: direito sobre os escravos e libertos** (parte 01). Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1866, p. 02. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/174437> , Acesso em 24 de mai de 2014.

MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da história**: Hayden White e seus críticos. 2008. 179f. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1978.

MELO, José Marques de. A crônica IN: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra.** São Paulo: Escrituras, 2002, p. 139-154.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. IN: AGUIAR, Flávio Wolf de. CHIAPPINI, Ligia (org.). **Literatura e história na América Latina.** São Paulo: EDUSP, 1993, p.115-135.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOYSES, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: O folhetim nos jornais de Mato Grosso (século XIX e XX).** Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção do. **Nossa cidade era assim: crônicas publicadas na imprensa nos anos de 1980 a 1987.** Pelotas: Livraria mundial, 1989.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no jornal impresso brasileiro. **Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro.** São Paulo, n.05, p. 01-13, 2006.

NEVES, Décio Vignoli das. Bernardo Taveira Junior. IN: NEVES, Décio Vignoli das. **Vultos do Rio Grande: tomo 2.** Rio Grande: UCS, 1987, p. 87-89.

NEVES, Helena de Araújo. **A “alma do negócio”:** aspectos da educação em Pelotas-RS na propaganda institucional (1875-1910). 2007. Dissertação (mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. IN: REZENDE, Beatriz. **Cronistas do Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 15-32.

NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio Forastieri da. Introdução: para a historiografia da Nova História. IN: NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio Forastieri da (org.). **Nova História em perspectiva.** São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 07-70.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas.** Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora do globo, 1962.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90**. Porto Alegre, nº 07, p. 29-37, jul., 1997.

_____. O mundo como texto: leituras da História e da literatura. **História da educação**, Pelotas, v. 07, n. 14, p. 31-45, set., 2003.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Esse mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 56-75, 2002.

_____. História e literatura: uma *velha-nova* história. IN: COSTA, Cléria Botelho da. MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História & literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 11-27.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, 1985.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em história**. São Paulo: Terra e paz, 2000.

_____. **A história entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional** – vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação do Brasil (1830 – 1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: tomo I**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Bernardo Taveira Junior. **Revista Província de São Pedro**. Porto Alegre: Ed. Livraria do globo, n. 06, p. 78-94, 1946.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues. **Revista Província de São Pedro**. Porto Alegre: Ed. Livraria do Globo, n. 18, p. 47-58, 1953.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Pedro Brum. **Teorias do romance: relações entre ficção e história.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: (1820-1853).** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997, p. 03-21.

_____. **O biográfico: perspectivas interdisciplinares.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história: Novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 2011, p. 39-63.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STONE, Lawrence. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. IN: NOVAIS, Fernando. SILVA, Rogerio F. da (org.). **Nova História em perspectiva.** São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 09-36.

TAROUCO, Sílvia Maria Peligrinoti. **A atuação de clubes e sociedades abolicionistas em Pelotas na década de 80 do século XIX.** 2003. Monografia (Licenciatura em história) – Licenciatura em história, Universidade Federal de Pelotas, 2003.

THEOBALD, Pedro. **Formas e tendências da historiografia literária: O caso da literatura alemã no Brasil.** 2008. 163 f. Tese (Doutorado em letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VASCONCELOS, José Antonio. A história e a sedução da narrativa. **Revista Uniandrade,** Paraná, v.11, n.02, jul-dez, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** Brasília: UNB, 1982.

VILLA-BOAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense.** Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1974.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. **Letras.** Curitiba, nº 43, p. 49-59, 1994.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 2008.

ZECHLINSKI, Beatriz. História e literatura: questões interdisciplinares. **História em Revista**, Pelotas, v. 09, p.01-20, dez., 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

_____. Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário. **Ideias**. Jornal do Brasil, 2003.

ANEXO A: TABELA DE ALFABETIZADOS E ANALFABETOS NO BRASIL (1872)

Província	Sabem ler e escrever	Analfabetos
Alagoas	41.860	270.408
Amazonas	7.613	49.018
Bahia	249.072	962.720
Ceará	79.560	610.213
Espírito Santo	9.732	49.746
Goiás	22.656	127.087
Maranhão	68.571	215.530
Mato Grosso	10.922	42.828
Minas Gerais	224.539	1.444.737
Município da Corte	97.956	124.924
Pará	60.395	187.384
Paraíba	41.212	313.488
Paraná	31.816	84.346
Pernambuco	147.325	605.186
Piauí	27.770	150.657
Rio de Janeiro	114.600	375.487
Rio Grande do Norte	39.822	181.137
Rio Grande do Sul	95.303	271.719
Santa Catarina	21.926	122.892
São Paulo	141.067	539.675
Sergipe	29.134	124.486
TOTAL	1.562.851 (22,80%)	6.853.668 (77,20%)

Fonte: Censo de 1872. Dados ajustados a partir das pesquisas do Núcleo de História Econômica e Demográfica.

**APÊNDICE A – INSTITUIÇÕES DE ENSINO QUE BERNARDO TAVEIRA JUNIOR
LECIONOU ENTRE OS ANOS DE 1876 -1892**

ANO	ESCOLA	DISCIPLINA
1876	Collegio Mme. Jeanneret	
	Collegio Francez	
	Residência de José Vieira da Cunha Aulas particulares em sua residência	História universal Retórica, história e filosofia
1877	Curso particular	Filosofia, história, retórica e latim
	Collegio Franco Rio-Grandense	Português, latim e retórica
	Lyceu Municipal Lyceu Municipal (curso noturno)	Português, latim, história e retórica.
1878	Collegio Pelotense	
	Lyceu Municipal	Português, latim, história e retórica.
	Lyceu Municipal (curso primário)	Português
1879	Curso particular	Português, latim e inglês.
	Collegio Pelotense	
1880	Collegio Instrução Elementar	
	Collegio Osorio	
1881	Collegio Instrução Elementar	
	Collegio Osorio	
1882	Collegio Rio Grandense	Português, retórica, poética, francês e história.
1883	Collegio Rio Grandense	
	Collegio Perseverança	
	Collegio Acacia	
1884	Collegio Acacia	
	Collegio Curso Racional	
	Collegio Sul Americano	
1885	Collegio Curso Racional	
	Collegio Sul Americano	
1886	Curso particular	Latim, história e filosofia
	Collegio Curso Racional	
	Collegio Evolução	
1887	Curso de preparatórios (com Alfredo Ferreira Rodrigues)	Alemão
1888	Atheneu Pelotense	
1889	Atheneu Pelotense	
1890	Atheneu Pelotense	
1891	Curso Racional	

Fonte: Anúncios nos jornais pelotenses (*A Discussão, A Pátria, Correio Mercantil, Diário de Pelotas e Jornal do Comércio*) do século XIX. Acervo: Hemeroteca da BPP. Tabela organizada pela autora.

APÊNDICE B – PRODUÇÃO LITERÁRIA DE BERNARDO TAVEIRA JUNIOR

ANO	TIPO	PUBLICADO EM:	TÍTULO
s/data	Poesia	Manuscrito	A cega
s/data	Poesia	Manuscrito	20 de setembro
s/data	Poesia	Manuscrito	Elegia
s/data	Poesia	Manuscrito	Lazaro
s/data	Poesia	Manuscrito	Motte
s/data	Poesia	Manuscrito	O caramuru
s/data	Poesia	Manuscrito	O corpo
s/data	Poesia	Manuscrito	O homem
s/data	Poesia	Manuscrito	O jugo
s/data	Poesia	Manuscrito	O'Padres
s/data	Poesia	Manuscrito	Os cantos da Selma
s/data	Poesia	Manuscrito	Phantasia
s/data	Poesia	Manuscrito	Quem vem lá?
s/data	Poesia	Manuscrito	Vi-a num baile
s/data	Poesia	Manuscrito	A batalha
s/data	Poesia	Manuscrito	A despedida
s/data	Poesia	Manuscrito	A filha de...
s/data	Poesia	Manuscrito	A grospho
s/data	Poesia	Manuscrito	A imprensa
s/data	Poesia	Manuscrito	A mecenas
s/data	Poesia	Manuscrito	A melpomene
s/data	Poesia	Manuscrito	A mercúrio
s/data	Poesia	Manuscrito	A nova ideia
s/data	Poesia	Manuscrito	A póstumo
s/data	Poesia	Manuscrito	A Virgílio
s/data	Poesia	Manuscrito	Alvorada do campo
s/data	Poesia	Manuscrito	Balthazar
s/data	Poesia	Manuscrito	Christo e os vendilhões
s/data	Poesia	Manuscrito	Christo e as crianças
s/data	Poesia	Manuscrito	Christo
s/data	Poesia	Manuscrito	Chromo
s/data	Poesia	Manuscrito	Covardia
s/data	Poesia	Manuscrito	É assim...
s/data	Poesia	Manuscrito	Guatimozin
s/data	Poesia	Manuscrito	Hynno republicano
s/data	Poesia	Manuscrito	Judith
s/data	Poesia	Manuscrito	Laís
s/data	Poesia	Manuscrito	Lembranças do passado
s/data	Poesia	Manuscrito	Martyrio e glória
s/data	Poesia	Manuscrito	O amor
s/data	Poesia	Manuscrito	O amor e a mulher

s/data	Poesia	Manuscrito	O remorso
s/data	Poesia	Manuscrito	O sorriso
s/data	Poesia	Manuscrito	O trabalho
s/data	Poesia	Manuscrito	Os réprobas
s/data	Poesia	Manuscrito	Pedido
s/data	Poesia	Manuscrito	Pela nossa jovem república
s/data	Poesia	Manuscrito	Philosofando
s/data	Poesia	Manuscrito	Referente a chegada dos portugueses no Brasil
s/data	Poesia	Manuscrito	Phryné
s/data	Poesia	Manuscrito	Prenúncios
s/data	Poesia	Manuscrito	Quando ele era capaz...
s/data	Poesia	Manuscrito	Quando eu as vezes...
s/data	Poesia	Manuscrito	Que febre!
s/data	Poesia	Manuscrito	Que queres mais?
s/data	Poesia	Manuscrito	Sabedoria de Salomão
s/data	Poesia	Manuscrito	Sofrer é viver
s/data	Poesia	Manuscrito	Sonhando
s/data	Poesia	Manuscrito	Therenos
s/data	Poesia	Manuscrito	To be or not to be
s/data	Poesia	Manuscrito	Um sorriso
s/data	Poesia	Manuscrito	A desdenhosa
s/data	Poesia	Manuscrito	Adeus
s/data	Poesia	Manuscrito	A fiança
s/data	Poesia	Manuscrito	Ai! Não era deste mundo!
s/data	Poesia	Manuscrito	Ainda quando...
s/data	Poesia	Manuscrito	A noiva do leão
s/data	Poesia	Manuscrito	A poesia e o poeta
s/data	Poesia	Manuscrito	Devaneios
s/data	Poesia	Manuscrito	Ella estava a dormir serena e pura
s/data	Poesia	Manuscrito	É lindo teu ramalhete
s/data	Poesia	Manuscrito	Era um lyrio tão formoso
s/data	Poesia	Manuscrito	Lembrança
s/data	Poesia	Manuscrito	Morte Angélica
s/data	Poesia	Manuscrito	Nênia
s/data	Poesia	Manuscrito	Noites no mar
s/data	Poesia	Manuscrito	O cavaleiro ferido
s/data	Poesia	Manuscrito	O cavaleiro toggenburgo
s/data	Poesia	Manuscrito	O coração
s/data	Poesia	Manuscrito	O marujo
s/data	Poesia	Manuscrito	O marinheiro
s/data	Poesia	Manuscrito	Os dois granadeiros
s/data	Poesia	Manuscrito	Ouço as vezes a minha alma
s/data	Poesia	Manuscrito	Primavera
s/data	Poesia	Manuscrito	Pegaso no jugo
s/data	Poesia	Manuscrito	Quando eu morrer
s/data	Poesia	Manuscrito	Resolução
s/data	Poesia	Manuscrito	Rio Grande do Sul
s/data	Poesia	Manuscrito	Saudade
s/data	Poesia	Manuscrito	Surge a manhã tão festiva
s/data	Poesia	Manuscrito	Vem, o bela pescadora
s/data	Poesia	Manuscrito	A arte
s/data	Poesia	Manuscrito	A bandeira brasileira

s/data	Poesia	Manuscrito	A despedida
s/data	Poesia	Manuscrito	A doce imagem do primeiro amor
s/data	Poesia	Manuscrito	A morte de Artho
s/data	Poesia	Manuscrito	Criança
s/data	Poesia	Manuscrito	Lição
s/data	Poesia	Manuscrito	Num álbum
s/data	Poesia	Manuscrito	O herói e a sua espada
s/data	Poesia	Manuscrito	O nada e o tempo
s/data	Poesia	Manuscrito	O povo
s/data	Poesia	Manuscrito	Phantasia
s/data	Poesia	Manuscrito	Rail Road
s/data	Poesia	Manuscrito	Recitativo
s/data	Poesia	Manuscrito	Remissão
s/data	Poesia	Manuscrito	Soneto
s/data	Poesia	Manuscrito	Sonho tia e sobrinha
s/data	Poesia	Manuscrito	Frutas do tempo
s/data	Poesia	Manuscrito	... lacrima verum
s/data	Poesia	Manuscrito	Mote
s/data	Poesia	Manuscrito	O canto do gaúcho
s/data	Poesia	Manuscrito	O enjeitado
s/data	Poesia	Manuscrito	O escravo
s/data	Poesia	Manuscrito	O meu barquinho
s/data	Poesia	Manuscrito	Por que descrever?
s/data	Poesia	Manuscrito	Waterloo
s/data	Poesia	Manuscrito	A noturna
s/data	Poesia	Manuscrito	Criança morta
s/data	Poesia	Manuscrito	Destinos
s/data	Poesia	Manuscrito	O amor da brasileira
s/data	Poesia	Manuscrito	O mar
s/data	Poesia	Manuscrito	O século
s/data	Poesia	Manuscrito	Sentimentos do outono
s/data	Poesia	Manuscrito	A boa velha
s/data	Poesia	Manuscrito	A caridade
s/data	Poesia	Manuscrito	A um poeta
s/data	Poesia	Manuscrito	Como canta o sabiá
s/data	Poesia	Manuscrito	O anjo exilado
s/data	Poesia	Manuscrito	Recitativo
s/data	Poesia	Manuscrito	Camões
s/data	Poesia	Manuscrito	O amigo na pobreza
s/data	Poesia	Manuscrito	A reza
s/data	Poesia	Manuscrito	A inocência
s/data	Poesia	Manuscrito	O sabiá
s/data	Poesia	Manuscrito	Prelúdios
s/data	Poesia	Manuscrito	Tiradentes
s/data	Poesia	Manuscrito	Tu já viste?
s/data	Poesia	Manuscrito	2 de novembro
s/data	Poesia	Manuscrito	Dorme
s/data	Poesia	Manuscrito	Os dois amigos
s/data	Poesia	Manuscrito	Um quadro
s/data	Poesia	Manuscrito	A revista noturna
s/data	Poesia	Manuscrito	A última hora da casa
s/data	Poesia	Manuscrito	Basta
s/data	Poesia	Manuscrito	Cogitação noturna

s/data	Poesia	Manuscrito	Luiz Gama
s/data	Poesia	Manuscrito	Maldita hora!
s/data	Poesia	Manuscrito	Napoleão
s/data	Poesia	Manuscrito	No dia 07 de setembro
s/data	Poesia	Manuscrito	O ninho das andorinhas
s/data	Poesia	Manuscrito	Pátria
1857	Poesia	Manuscrito	Num leito de dores
1858	Poesia	Manuscrito	Imitação do francês
1859	Poesia	Manuscrito	Aos anos de um amigo
186...	Poesia	Manuscrito	A perdida
186...	Poesia	Manuscrito	Deus
186...	Poesia	Manuscrito	Desejo
186...	Poesia	Manuscrito	O índio
186...	Poesia	Manuscrito	Poeta
186...	Poesia	Manuscrito	Sonhei
186...	Poesia	Manuscrito	Vi-a num baile
186...	Poesia	Manuscrito	As amazonas
186...	Poesia	Manuscrito	Guerra civil
1860	Poesia	Manuscrito	Acróstico
1860	Poesia	Manuscrito	Mate
1861	Tradução	Obra	Memórias de José de Garibaldi
1861	Poesia	Manuscrito	Despedida
1861	Poesia	Manuscrito	Num álbum
1861	Poesia	Manuscrito	O meu suspiro
1862	Romance	Álbum Pelotense	<i>As Penitencias de Maria Josyel (tradução)</i>
1863	Poesia	Manuscrito	A flor na expiação
1863	Poesia	Manuscrito	A rosa
1863	Poesia	Manuscrito	A um cemitério
1863	Poesia	Manuscrito	Canção
1863	Poesia	Manuscrito	Desalento
1863	Poesia	Manuscrito	Enlevo
1863	Poesia	Manuscrito	Quadras ao dia 07 de setembro
1863	Poesia	Manuscrito	Minha alma é triste
1863	Poesia	Manuscrito	Não peças
1863	Poesia	Manuscrito	Poesia
1863	Poesia	Manuscrito	Poesia ao 7 de setembro
1863	Poesia	Manuscrito	Soneto
1863	Poesia	Manuscrito	Súplica
1864	Poesia	Manuscrito	As saudades do proscripto
1864	Poesia	Manuscrito	Desventura
1864	Poesia	Manuscrito	Epitáfio
1864	Poesia	Manuscrito	Phantasia
1864	Poesia	Manuscrito	Poesia
1864	Poesia	Manuscrito	Amores
1864	Poesia	Manuscrito	Canto de caüapó
1864	Poesia	Manuscrito	Meditação
1864	Poesia	Manuscrito	O engeitado
1864	Poesia	Manuscrito	O meu barquinho
1864	Poesia	Manuscrito	Primavera
1864	Poesia	Manuscrito	Voos íntimos
1864	Poesia	Manuscrito	Porque suspiras?
1864	Poesia	Manuscrito	Quanto pode uma retreta
1864	Poesia	Manuscrito	Soneto

1864	Poesia	Manuscrito	Sonho acordado
1864	Poesia	Manuscrito	A bandeira italiana
1864	Poesia	Manuscrito	Amores
1864	Poesia	Manuscrito	A minha lira
1864	Poesia	Manuscrito	Aos brasileiros
1864	Poesia	Manuscrito	Aqui jaz
1864	Poesia	Manuscrito	As amazonas
1864	Poesia	Manuscrito	Desejo
1864	Poesia	Manuscrito	Ela
1864	Poesia	Manuscrito	Meditação
1864	Poesia	Manuscrito	Não te amo não
1864	Poesia	Manuscrito	O canto do Caiapó
1864	Poesia	Manuscrito	Primavera
1864	Poesia	Manuscrito	Sete de setembro de 1864
1864	Poesia	Manuscrito	Soneto (ao dia 07 de setembro)
1864	Poesia	Manuscrito	Sonhei-a
1864	Poesia	Manuscrito	Voos íntimos
1865	Poesia	Manuscrito	Soneto
1867	Poesia	Arcádia	Poeta
1867	Poesia	Arcádia	Teus olhos
1867	Poesia	Arcádia	Ideias íntimas
1867	Poesia	Arcádia	Liberdade
1867	Poesia	Arcádia	Pedes-me um canto?
1867	Poesia	Arcádia	O canto do Caiapó
1867	Poesia	Arcádia	Ao luar
1867	Poesia	Arcádia	Esperança
1868	Poesia	Arcádia	Piedade
1868	Poesia	Arcádia	Tristeza
1868	Poesia	Arcádia	Humorística
1868	Poesia	Arcádia	Devaneios
1868	Poesia	Arcádia	A Casemiro de Abreu
1868	Poesia	Arcádia	Desengano
1868	Poesia	Arcádia	D. Adelaide Amaral
1868	Poesia	Arcádia	O camponês
1868	Poesia	Arcádia	Verso e reverso
1868	Poesia	Arcádia	A poesia crianças
1868	Poesia	Arcádia	Humorística
1868	Poesia	Arcádia	Finados
1868	Poesia	Arcádia	Bernardo Del Carpio
1868	Poesia	Arcádia	Uma folha caída
1868	Poesia	Arcádia	Interrogações
1868	Poesia	Arcádia	Cogitação noturna
1868	Poesia	Arcádia	O meu cão
1868	Poesia	Arcádia	Amor
1868	Poesia	Manuscrito	Finados
1868	Poesia	Manuscrito	Interrogação
1868	Poesia	Manuscrito	Num álbum
1869	Poesia	Obra literária	Americanas
1869	Poesia	Manuscrito	A sentida morte
1869	Poesia	Manuscrito	Theophilo B. Ottoni
1869	Poesia	Manuscrito	A inteligência
1869	Poesia	Manuscrito	A pecadora
1869	Poesia	Manuscrito	O meu cão

1869	Poesia	Manuscrito	Rio Grande do Sul
1869	Poesia	Arcádia	O nada e o tempo
1869	Poesia	Arcádia	Cogitações
1869	Poesia	Arcádia	Criança
1869	Poesia	Arcádia	A brasileira
1869	Poesia	Arcádia	A pecadora
1869	Poesia	Arcádia	A arte
1869	Poesia	Arcádia	Rio Grande do Sul
1869	Poesia	Arcádia	Aimoré
1869	Poesia	Arcádia	Cunhambebe
1869	Poesia	Arcádia	O canto das amazonas
1869	Poesia	Arcádia	Visões
1869	Poesia	Arcádia	Ayára
1869	Poesia	Arcádia	O membira
1869	Poesia	Arcádia	O guarani
1869	Poesia	Arcádia	Jacy
1869	Poesia	Arcádia	Sete de setembro
1869	Poesia	Arcádia	Prelúdios
1869	Poesia	Arcádia	Recitativo
1869	Poesia	Arcádia	A um poeta
1869	Poesia	Arcádia	O anjo exilado
1869	Poesia	Arcádia	A boa velha
1869	Poesia	Arcádia	A Frederico Villeroy
1869	Poesia	Arcádia	Minha'alma é triste
1869	Poesia	Arcádia	A uma namoradeira
1869	Poesia	Arcádia	Melancolia
187...	Poesia	Manuscrito	A maldição do cantor
187...	Poesia	Manuscrito	Ave! Voluntário!
187...	Poesia	Manuscrito	Imprecação
187...	Poesia	Manuscrito	O beijo
187...	Poesia	Manuscrito	O vaqueano
1870	Poesia	Manuscrito	Aos bravos da pátria
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Memória da Guerra do Paraguai
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Quinta-feira santa
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil I
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil II
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil III
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil IV
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil V
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil VI
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil VII
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil VIII
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil IX
1870	Crônica	Diário de Pelotas	Carta (sobre gramática)
1871	Crônica	Diário de Pelotas	Carta (sobre ensino)
1871	Crônica	Diário de Pelotas	Emancipação servil – Ventre livre
1871	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de um discurso I
1871	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de um discurso II
1871	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de um discurso III
1871	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de um discurso IV
1871	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de um discurso V
1871	Crônica	Diário de Pelotas	Bento M. de Menezes
1871	Poesia	Manuscrito	As quatro visitas

1871	Poesia	Manuscrito	Dois colares
1871	Poesia	Manuscrito	Ontem e hoje
1871	Poesia	Manuscrito	<i>O dies irce</i>
1871	Poesia	Manuscrito	Rosa branca
1871	Poesia	Manuscrito	Desilusões
1871	Poesia	Manuscrito	Rosa mística
1871	Poesia	Manuscrito	<i>Stabat mater</i>
1872	Crônica	Diário de Pelotas	A propósito de excomunhões
1872	Crônica	Diário de Pelotas	A influência jesuítica
1872	Poesia	Manuscrito	Epicédio
1872	Poesia	Manuscrito	<i>Natus est Jesus!</i>
1872	Poesia	Manuscrito	O mestre da escola
1872	Poesia	Manuscrito	O que é a vida?
1872	Poesia	Manuscrito	Resignação
1872	Poesia	Revista Mensal do Partenon Literário	Agar
1873	Poesia	Revista Mensal do Partenon Literário	Menina da valsa
1873	Poesia	Revista Mensal do Partenon Literário	Justiça de Cristo
1873	Poesia	Revista Mensal do Partenon Literário	A filha do Jairo
1873	Poesia	Manuscrito	A cruz e o morto
1873	Poesia	Manuscrito	Hino Anti—jesuítico
1873	Poesia	Manuscrito	Um noivado
1873	Crônica	Diário de Pelotas	21 de abril de 1792
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente I
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente II
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente III
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente IV
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente V
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente VI
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente VII
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente VIII
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente IX
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente X
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente XI
1873	Crônica	Diário de Pelotas	Locubrações de um crente XIII
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja I
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja II
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja III
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja IV
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja V
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja VI
1873	Crônica	Diário de Pelotas	O estado e a igreja VII
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O desejo I
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O trabalho II
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O trabalho III
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O progresso IV
1873	Crônica	Jornal do Comércio	A inteligência V
1873	Crônica	Jornal do Comércio	A vontade VI
1873	Crônica	Jornal do Comércio	A liberdade VII
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O dever VIII

1873	Crônica	Jornal do Comércio	O dever IX
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O direito X
1873	Crônica	Jornal do Comércio	A justiça XI
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O amor XII
1873	Crônica	Jornal do Comércio	O bello XIII
1874	Poesia	Manuscrito	A furtado coelho
1874	Poesia	Manuscrito	Episódio: o milionário e a morte
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz I
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz II
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz III
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz IV
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz V
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz VI
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz VII
1874	Crônica	Diário de Pelotas	Pelo Cristo e pela cruz VIII
1875	Poesia	Manuscrito	A flor martírio
1875	Poesia	Manuscrito	A um crânio
1875	Poesia	Manuscrito	Conselho
1875	Poesia	Manuscrito	Era um bravo rio-grandense
1875	Poesia	Manuscrito	Glória e remorso
1875	Poesia	Manuscrito	Mulher
1875	Poesia	Manuscrito	Oração
1875	Poesia	Manuscrito	Pai! Filho!
1875	Poesia	Manuscrito	Poeta vive cantando
1875	Poesia	Manuscrito	Quando te vi
1875	Crônica	Diário de Pelotas	Natal
1875	Poesia	Álbum literário	Dois Colares
1875	Poesia	Álbum literário	Criança
1875	Poesia	Álbum literário	Uma folha caída
1875	Soneto	Álbum literário	Motte
1875	Poesia	Álbum literário	Tristeza
1875	Poesia	Obra literária	Poesias alemãs
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Seção literária
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Um voluntário
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Um noivado
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Ave, voluntário!
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Os dois amigos
1875	Poesia	Jornal do Comércio	Ave, liverdade!
1876	Poesia	Diário de Pelotas	Vozes do século
1876	Poesia	Diário de Pelotas	A estátua de bronze
1876	Poesia	Diário de Pelotas	Saimento
1876	Crônica	Diário de Pelotas	Educação
1877	Crônica	Diário de Pelotas	Dia de finados
1877	Crônica	Diário de Pelotas	29 de março de 1817
1877	Poesia	Correio Mercantil	A José Jarques
1877	Poema	Obra literária	Primus Inter Pares
1877	Poesias	Diário de Pelotas	Ao sete de setembro
1877	Poesia	Manuscrito	A poesia
1877	Poesia	Progresso Literário	Itatiaia
1877	Folhetim	Progresso Literário	Cenas trágicas
1877	Poesia	Progresso Literário	O peregrino
1877	Poesia	Progresso Literário	Metamorfose
1877	Tradução	Progresso Literário	Intriga e amor

1877	Poesia	Progresso Literário	O beijo
1877	Texto	Progresso Literário	O poder do gênio
1877	Poesia	Progresso Literário	Dia de finados
1877	Poesia	Progresso Literário	A cruz
1877	Poesia	Progresso Literário	Chispas
1877	Poesia	Progresso Literário	O libertino
1877	Crônica	Diário de Pelotas	28 de março de 1817
1878	Folhetim	Progresso Literário	Joaninha
1878	Texto	Progresso Literário	Desenvolvimento humano
1878	Texto	Progresso Literário	A memória da minha mãe
1878	Poesia	Progresso Literário	O verdadeiro patriota
1878	Texto	Progresso Literário	Da opinião própria
1878	Poesia	Progresso Literário	Esperança
1878	Poesia	Progresso Literário	Tranquilidade
1878	Tradução	Progresso Literário	Guilherme Tell (drama)
1878	Texto	Progresso Literário	As opiniões devem ser respeitadas
1878	Texto	Progresso Literário	A indiferença
1878	Texto	Progresso Literário	Agonia de um poeta
1878	Texto	Progresso Literário	Um estudo da história do Brasil
1878	Poesia	Progresso Literário	A inteligência e o livro
1878	Texto	Progresso Literário	Sobre galicismo
1878	Texto	Progresso Literário	Itapoã
1878	Texto	Progresso Literário	Ao correr da pena – perjúrio e remorso
1878	Poesia	Progresso Literário	A rail-road
1878	Poesia	Progresso Literário	O herói morto e a sua espada
1878	Folhetim	Progresso Literário	O enjeitado
1878	Poesia	Progresso Literário	O amor
1878	Poesia	Progresso Literário	O loto e a lua
1878	Texto	Progresso Literário	Sete de setembro
1878	Texto	Progresso Literário	A liberdade e a intrusão..
1878	Tradução	Progresso Literário	Reconciliação
1878	Poesia	Progresso Literário	O poder da inteligência
1878	Poesia	A Ideia	A criança na família
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo I
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo II
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo III
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo IV
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo V
1878	Crônica	Diário de Pelotas	Cartas ao povo VI
1879	Crônica	Diário de Pelotas	Questões sociais I
1879	Crônica	Diário de Pelotas	Questões sociais II
1879	Crônica	Diário de Pelotas	Questões sociais III
1879	Poesia	Diário de Pelotas	O poder da inteligência
1879	Folhetim	Diário de Pelotas	Combatamos!
1880	Poesia	Diário de Pelotas	A bandeira democrata
1880	Folhetim	Diário de Pelotas	O pirata negreiro
1880	Folhetim	Diário de Pelotas	A conflagração
1880	Poesia	Diário de Pelotas	Away
1880	Crônica	Diário de Pelotas	Lutemos! I
1880	Crônica	Diário de Pelotas	Lutemos! II
1880	Crônica	Diário de Pelotas	Lutemos! III
1880	Crônica	Diário de Pelotas	Lutemos! IV
1880	Crônica	Diário de Pelotas	12 de outubro de 1492

1881	Crônica	A Discussão	Libertemos o escravo
1881	Crônica	Diário de Pelotas	28 de setembro
1881	Poesia	Correio Mercantil	O poder da inteligência
1881	Poesia	Diário de Pelotas	Ouvis?
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	A festa (tradução)
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	Victor Hugo (tradução)
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	A ponta do orelha (tradução)
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	Verdades
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	Pela instrução
1881	Poesia	Diário de Pelotas	Não ouvis o que quer que seja?
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	Quando eu era ainda um pálido mancebo
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	O cadafalso
1881	Poesia	A Voz do Escravo	Ouvis?
1881	Crônica	A Voz do Escravo	Sonho de um escravo
1881	Crônica	A Voz do Escravo	Sem título
1881	Poesia	Diário de Pelotas	A poesia
1881	Folhetim	Diário de Pelotas	O cadafalso
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação I
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação II
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação III
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação IV
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação V
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação VI
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação VII
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação VIII
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação IX
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação X
1881	Crônica	Diário de Pelotas	Ideias sobre educação XI
1882	Crônica	Diário de Pelotas	01 de dezembro de 1640
1882	Poesia	Manuscrito	Garibaldi
1882	Poesia	Diário de Pelotas	A independência
1882	Poesia	Diário de Pelotas	20 de setembro
1882	Poesia	Onze de Junho	Dois colares
1882	Poesia	Onze de Junho	Criança
1882	Poesia	Onze de Junho	Uma folha caída
1883	Poesia	Manuscrito	Abel e caiu
1883	Poesia	Diário de Pelotas	No dia 07 de setembro
1884	Poesia	Manuscrito	04 de julho de 1776
1884	Poesia	Manuscrito	Honremos a mulher (oferecida a BPP)
1884	Poesia	A Discussão	A Província do Rio Grande do Sul
1884	Poesia	A Discussão	A memória do Visconde de Rio Branco
1884	Poesia	A Discussão	Pela abolição
1884	Poesia	A Discussão	14 de julho
1884	Poesia	Manuscrito	A bela cidade de Pelotas
1884	Poesia	Diário de Pelotas	A bela cidade de Pelotas
1884	Poesia	A Penna	20 de setembro
1884	Crônica	Dezesseis de outubro	16 de outubro
1885	Crônica	Diário de Pelotas	Aquarelas
1885	Poemeto	Obra literária	Ave, poeta!
1886	Poesia	A Discussão	Uma vez
1886	Poesia	Manuscrito	A morte de Napoleão
1886	Folhetim	Diário de Pelotas	A falta de uma mãe (tradução)

1886	Poesia	Obra literária	Provincianas
1887	Poesia	A Discussão	No calvário
1887	Poesia	Diário de Pelotas	Hino a BPP
1887	Poesia	A Ventarola	Si bem tranquila...
1887	Poesia	A Ventarola	Ela pensava no dia
1887	Poesia	A Pátria	Luiz de Camões
1887	Crônica	Diário de Pelotas	A caridade
1887	Crônica	Diário de Pelotas	Jubileu (22 de maio de 1885)
1888	Poesia	Manuscrito	O gênio
1888	Poesia	Diário de Pelotas	Princípio e fim
1888	Epicédio	Obra literária	O enterro
1888	Crônica	Onze de Junho	13 de maio
1888	Crônica	Democrata	Finalmente
1889	Crônica	A Pátria	13 de junho
1889	Crônica	Diário de Pelotas	13 de junho
1889	Poesia	Manuscrito	Evoluções poéticas
1889	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Ao toque de uma walsa
1889	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	O historiador
1889	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Realismo
1889	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Poliglotismo (tradução)
1889	Poesia	A Pátria	Estamos em 89
1889	Poesia	Manuscrito	Estamos em 89
1889	Poesia	A Pátria	A guarda negra
1890	Crônica	Diário de Pelotas	A batalha do Riachuelo
1890	Crônica	Quinze de Novembro	15 de novembro
1890	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Culto a mulher
1890	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	O retrato
1890	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Sonho
1890	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	O soneto de Arves
1891	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Ao despertar de uma sesta
1892	Poesia	Manuscrito	As três chaves
1892	Poesia	Manuscrito	Ontem e hoje
1892	Poesia	Manuscrito	Engano
1892	Poesia	Manuscrito	Mimosa
1892	Poesia	Manuscrito	Os dois cortejos
1892	Poesia	Correio Mercantil	Meu coração
1892	Poesia	Correio Mercantil	Um bom médico
1892	Poesia	Correio Mercantil	Um bom médico II
1892	Crônica	Diário de Pelotas	Escrínios
1893	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Os dois cortejos
1893	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Sobre Cristo

1895	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Amor filial
1897	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Realidades à Carlos A. Miller
1900	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Carreias
1900	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Oh! Por que tanta guerra!
1902	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	Lembranças do passado
1905	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	A poesia
1906	Poesia	Almanaque Literário e Estatístico do RS	O trabalho

Fonte: Tabela organizada pela autora a partir de pesquisas nos jornais diários e literários do século XIX.